Entrevista: Ana Paula Masvestio - PricewaterhouseCoopers



Cana Mix

Ribeirão Preto SP
Fevereiro - 2010
Ano 3 - Nº 22
R$ 16,90

Perigo laranja

Ribeirão Cana Invest

**Entressafra:
A difícil opção de não parar**

**Mais alimentos e mais
energia na África**

O que esperar de 2010

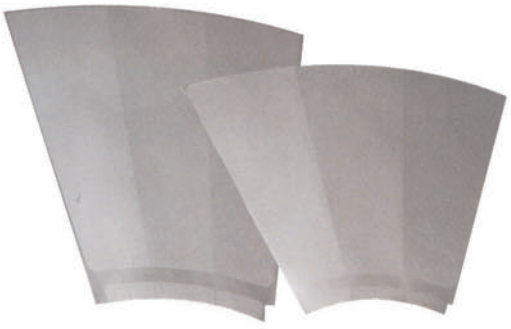
José Pessoa de Queiroz Bisneto está entre os executivos sucroenergéticos que acredita que 2010 será um ano para começar a arrumar a casa

PRODUTIVIDADE

O encontro entre o melhor rendimento industrial e a maior durabilidade do mercado.

COMUNICART

Confira as novidades da nossa linha:



Telas de Níquel para Centrífugas Contínuas



Telas para Centrífugas Automáticas: Inox e Latão NOVO



Contra-telas para Centrífugas Automáticas: Furos Tubulares



Chapas Retentoras para Filtros Rotativos à Vácuo



Furos Tipo Gota para Seleção de Bagacilho



Grades para Guarda-Corpos

Referência mundial em Tecnologia Sucroalcooleira.

Temos orgulho de ser uma empresa 100% nacional.



Metal Expandido para Pisos

Fábrica - Guarulhos/SP
Fone: (11) 2823-9222
Fax: (11) 2823-9266
marketing@permetal.com.br

Permetal S.A.
Metais Perfurados

50 ANOS

Estoque para pronta entrega
Ribeirão Preto/SP
Fones: (16) 3916-3699 / 4710
vendas.ribeirao@permetal.com.br

www.permetal.com.br

Expediente

PC&Baldan
PARCERIA DE SUCESSO

Diretores: Plínio César e Marco Baldan
Gerente de Comunicação: Fábio Soares Rodrigues
Gerente Administrativo: Luis Paulo G. de Almeida
Gerente Financeiro: Paulo César
Consultor Técnico: Neriberto Simões

CanaMix
REVISTA DE ECONOMIA DA AGROINDÚSTRIA CANAVIEIRA

Editora Chefe: Luciana Paiva
Repórter: Jaqueline Stamato
Editor Gráfico: Thiago Gallo
Arte/Web: Anselmo Germano
Caio Ingegneri

Publicidade: Faber Fideles (16) 8824 1493
faber@pcebaldan.com.br
Luis Fernando (16) 9994 5019
luisfernando@pcebaldan.com.br
Marcos Renato (16) 9761 4447
marcosrenato@pcebaldan.com.br
Marco Baldan
marco@pcebaldan.com.br
Plínio César
plinio@pcebaldan.com.br

Assinaturas: Vanessa Cassimiro
vanessa@pcebaldan.com.br

Contatos com a redação:
luciana@canamix.net
jaqueline@pcebaldan.com.br

Impressão:
São Francisco Gráfica e Editora

Tiragem:
10.000 exemplares

Auditoria (tiragem e distribuição):
BLB Auditores & Consultores

Outras publicações da PC & Baldan
Guia Oficial de compra do Setor Sucroenergético
Revista Panorama Rural
Portal Direto da Usina

PC & Baldan Consultoria e Marketing
Av. Independência, 3262
CEP 14025-230 - Ribeirão Preto - SP
(16) 3913 2555
www.pcebaldan.com.br

Artigos assinados, mensagens publicitárias e o caderno Marketing Canavieiro refletem ponto de vista dos autores e não expressa a opinião da revista. É permitida a reprodução total ou parcial dos textos, desde que citada a fonte.

O setor na berlinda



Ricardo Stukert

Presidente Lula ressalta importância do etanol para a matriz energética do Brasil em inauguração do CTBE e critica o setor pela falta do produto

A elevação do preço do etanol, a redução do teor de mistura de anidro na gasolina de 25% para 20% e a possibilidade de importação de etanol dos EUA, mais uma vez atraíram os holofotes da mídia em direção ao setor sucroenergético. A repercussão negativa foi grande, até mesmo o presidente Luiz Inácio Lula da Silva ficou incomodado, criticou o setor e mandou convocar suas lideranças.

Em 22 de janeiro, Lula esteve em Campinas, SP, para inaugurar o Laboratório Nacional de Ciência e Tecnologia do Bioetanol (CTBE). Entre outras coisas, ele destacou a liderança brasileira no assunto clima e ressaltou a importância do CTBE para que o Brasil dê um novo salto tecnológico no setor de etanol de cana-de-açúcar. Durante o seu discurso Lula ressaltou a importância de se criar uma política, junto aos empresários do setor sucroenergético, capaz de manter o preço do álcool competitivo no cenário nacional. "Uns dizem que o preço do álcool subiu porque a chuva atrapalhou a colheita, outros que o problema é que estamos vendendo mais açúcar para a Índia. Como podemos oferecer o nosso etanol para o mundo se não dermos conta de suprir a nossa própria demanda interna?", questiona o presidente.

Infelizmente, esses fatos não são novidade no setor. Um renomado empresário sucroenergético disse-me que essa situação é lamentável. "A produção do setor acontece durante nove meses, mas o abastecimento de etanol é o ano todo. Até hoje, o setor não conseguiu criar estrutura para equilibrar essa diferença. Sem estoques, na entressafra há escassez do produto e preços altos e durante a safra excesso de oferta e preços baixos", afirmou.

Analistas dizem que o aumento e queda de preço fazem parte do livre mercado. Mas, na opinião de Arnaldo Corrêa, da Archer Consulting, é desleal a competição entre etanol e gasolina, o primeiro é uma commodity sujeita às ações climáticas, a instabilidade de produção e ao livre mercado, já a gasolina está nas mãos da Petrobras que manipula preços e produção da forma que lhe convém.

O professor da USP/Ribeirão Preto, Marcos Fava Neves salienta que o setor precisa urgentemente aplicar mecanismos para promover equilíbrio de preços para o etanol. "Uma hora o litro custa 1 real, depois vai para 1,90. Não adianta achar que o consumidor precisa fazer a média e ver que no resultado final foi mais vantagem durante o ano abastecer com etanol. O certo é manter um valor que seja remunerador para o produtor e vantajoso para o consumidor", diz.

Ainda em seu discurso na inauguração do CTBE, após criticar o setor, o presidente foi enfático ao dizer que acredita que o etanol será o componente mais importante da matriz energética brasileira no que diz respeito aos combustíveis.

Que ótimo, mas para isso, o setor precisa fazer a sua parte e o governo também.



Luciana Paiva - Editora
luciana@canamix.net

Guia de Compras SA

Anunciantes desta edição

ÁREA ADMINISTRATIVA

AUTOMAÇÃO - EQUIPAMENTOS
RIBERTEC 36
CARROCERIAS - TANQUES E RPVC
EDRA 31
COLETORES DE DADOS
AUTEQ 35
RIBERTEC 36
COMPUTADORES DE BORDO /
AUTEQ 35
RIBERTEC 36
CONEXÕES - PRFV E RPVC
EDRA 31
DESENVOLVIMENTO DE SITES / VÍDEOS
RGB COMUNICAÇÃO 65
EDITORAS, LIVROS E REVISTAS
GUIA DE COMPRAS SA 5
CANAMIX 46
FEIRAS, SIMPÓSIOS E EVENTOS
FEICANA / FEIBIO 79
FENASUCRO & AGROCANA 25
FORIND - NE 58
MOSTRA SUCROENERGÉTICA NE .. 59
FORIND 71
INFORMÁTICA - ACESSÓRIOS
RIBERTEC 36
INFORMÁTICA - HARDWARE
RIBERTEC 36
IRRIGAÇÃO - EQUIPAMENTOS, TUBOS E CONEXÕES
EDRA 31
LIMPEZA - EQUIPAMENTOS
RIBERTEC 36
RESERVATÓRIOS - FIBRA VIDRO / RPVC
EDRA 31
SEGURANÇA PATRIMONIAL E CONTROLE DE ACESSO
RIBERTEC 36
SOFTWARES DE GESTÃO INTEGRADA
AUTEQ 23
TORRES DE RESFRIAMENTO DE ÁGUA
EDRA 31
TRANSPORTE E LOGÍSTICA - AÇÚCAR E ETANOL
EDRA 31
RIBERTEC 36
TRATAMENTO DE ÁGUA E EFLUENTES
EDRA 31
TUBULAÇÃO - PRFV E RPVC
EDRA 31

ÁREA AGRÍCOLA

ARAMES
ARCELOR MITTAL 45
CAMINHÕES - AROS E RODAS
MARINI 43
PRIORE - IVECO 34
CAMINHÕES - CONCESSIONÁRIAS
ITAVEMA TRUCKS 34
PRIORE - IVECO 34
CAMINHÕES - PEÇAS E SERVIÇOS
ITAVEMA TRUCKS 34
PRIORE - IVECO 34
CARROCERIAS - TANQUES E RPVC
VETRO 47
CHAPA EXPANDIDA - AÇO CARBONO
CORACORTHE 51
CHAPA LAMINADA - AÇO CARBONO
CORACORTHE 51
CHAPA PERFURADA - AÇO CARBONO
CORACORTHE 51
COLETORES DE DADOS / COMPUTADORES DE BORDO
MARKANTI TECNOLOGIA 23
COLHEDORAS DE CANA
CIVEMASA 35
JOHN DEERE 34
SANTAL 35
COLHEDORAS DE CANA - PEÇAS E SERVIÇOS
JOHN DEERE 34
SANTAL 35
CONEXÕES - PRFV E RPVC
VETRO 47
EPI´S - CALÇADO
X5 EPI´S 67
EPI´S - LUVAS
ANSELL 73
X5 EPI´S 67
EPI´S - MÁSCARAS E ÓCULOS DE SEGURANÇA
X5 EPI´S 67
EPI´S EM GERAL
X5 EPI´S 67
ANSELL 73
EPI'S - CALÇADOS DE SEGURANÇA
X5 EPI´S 67
FACAS E FACÕES
CORACORTHE 51
HERBICIDAS
BASF DO BRASIL 13
MÁQUINAS E IMPLEMENTOS
JOHN DEERE 34
CIVEMASA 35
AGRIMEC AGRO 35
CORACORTHE 51
SANTAL 35
INSETICIDAS E NEMATICIDAS
BASF DO BRASIL 13
IRRIGAÇÃO - EQUIPAMENTOS, TUBOS E CONEXÕES
VETRO 47
MANUTENÇÃO INDUSTRIAL
CORACORTHE 51
MÁQUINAS AGRÍCOLAS
CORACORTHE 51
JOHN DEERE 34
SANTAL 35
MÁQUINAS AGRÍCOLAS - AROS E RODAS
MARINI 43
MÁQUINAS AGRÍCOLAS - ASSISTÊNCIA TÉCNICA
JOHN DEERE 34
PLANTADORAS DE CANA
CIVEMASA 35
JOHN DEERE 34
PNEUS
MARCHINI 36
MARINI 43
TRELLEBORG WHEEL SYSTEM 34
PNEUS - VULCANIZAÇÃO
PNEU FORTE 84
PULVERIZADORES
AGRIMEC AGRO 35
JOHN DEERE 34
RESERVATÓRIOS - FIBRA VIDRO / RPVC
VETRO 47
SOFTWARE DE GESTÃO
BIOSALC 22
SOFTWARES DE GESTÃO - TRANSPORTE
BIOSALC 22
MARKANTI TECNOLOGIA 23
TRANSBORDOS
CIVEMASA 35
JOHN DEERE 34
SANTAL 35
TRATORES
JOHN DEERE 34
TRATORES - ALONGADORES DE EIXO
JOHN DEERE 34
MARINI 43
TRATORES - AROS E RODAS
JOHN DEERE 34
MARINI 43
TRATORES - PEÇAS E SERVIÇOS
JOHN DEERE 34
MARINI 43
TUBULAÇÃO - PRFV E RPVC
VETRO 47
VERGALHÕES - AÇO CARBONO
CORACORTHE 51

ÁREA INDUSTRIAL

ACOPLAMENTOS EM GERAL
HCI 19
ANTIBIÓTICOS NATURAIS
WALLERSTEIN 29
ARAMES
ARCELOR MITTAL 45
BIOTECNOLOGIA APLICADA
WALLERSTEIN 29
CHAPA EXPANDIDA - AÇO CARBONO
ARCELOR MITTAL 45
PERMETAL 2
CHAPA EXPANDIDA - AÇO INOX
ARCELOR MITTAL 45
KROMINOX 21
PERMETAL 2
CHAPA LAMINADA - AÇO CARBONO
ARCELOR MITTAL 45
PERMETAL 2
CHAPA LAMINADA - AÇO INOX
ARCELOR MITTAL 45
INOXCONSULT 69
KROMINOX 21
PERMETAL 2
CHAPAS PERFURADAS
PERMETAL 2
CHAPAS RETENTORAS
PERMETAL 2
CONEXÕES
ARCELOR MITTAL 45
HCI 19
INOXCONSULT 69
KROMINOX 21
CORRENTES
PROLINK 75
ENZIMAS E LEVEDURAS
WALLERSTEIN 29
FILTROS INDUSTRIAIS
MECAT 83
PERFIS EM GERAL
ARCELOR MITTAL 45
TELAS
PERMETAL 2
TUBULAÇÃO - AÇO CARBONO
ARCELOR MITTAL 45
TUBULAÇÃO - AÇO INOX
ARCELOR MITTAL 45
INOXCONSULT 69
KROMINOX 21
VÁLVULAS E ATUADORES
HCI 19
VERGALHÕES
ARCELOR MITTAL 45

A MENOR DISTÂNCIA ENTRE VOCÊ E O SETOR!

Reserve já o seu espaço no Guia de Compras SA e seja visto como uma das principais referências como fornecedor de produtos e serviços no Brasil e no mundo.

Faça parte das maiores e melhores organizações do setor sucroenergético nacional, apareça na maior relação de fornecedores de usinas e destilarias do setor.



Além de estar o ano todo presente onde as compras são decididas, confira outras vantagens em garantir seu espaço e associar sua marca ao Guia de Compras SA:

- Melhor posicionamento na publicação
- Pagamento facilitado
- Desconto especial por antecipação
- Página ímpar sem acréscimo
- E muito mais

Conte com nossa equipe especializada

Faber Fideles: (16) 8824 1493
faber@pcebaldan.com.br
Luis Fernando: (16) 9994 5019
luisfernando@pcebaldan.com.br
Marcos Renato: (16) 9761 4447
marcosrenato@pcebaldan.com.br

PC&Baldan
PARCERIA DE SUCESSO

Av. Independência, 3262 - Ribeirão Preto-SP
16 3913.2555 - www.pcebaldan.com.br

Guia de Compras SA

Sumário

8 **Entrevista**
Tudo é uma questão de gestão

17 **Negócios**
- Ribeirão Cana Invest

22 **Espaço TI**
- Gerenciamento do CCT à distância

32 **Nordeste**
- Marituba promove I Consulta Pública

34 **Motomecanização**
- Meiosi é 10!

37 **Clima**
- Sob os humores do tempo

40 **Espaço Datagro**
- Em busca de explicações para a moagem de cana em janeiro

42 **Capa**
- O setor em alta em 2010

48 **Ambiental**
- Não foi assim tão ruim

55 **Gestão**
- Entressafra – a difícil opção de não parar

60 **Finanças**
- Como reduzir o custo operacional

66 **Gestão de Pessoas**
- Saúde no setor

72 **Diversificação**
- A soja bate o amendoim

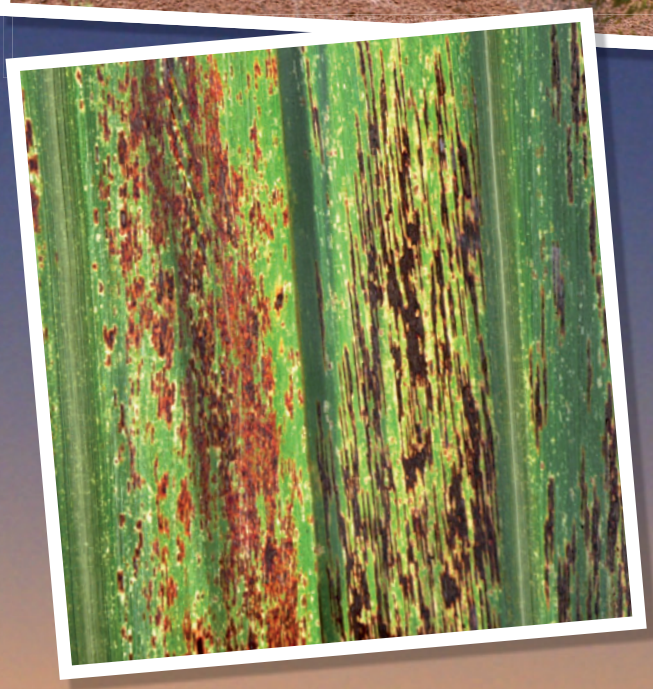
78 **Biblioteca**
- Estratégias para Cana no Brasil: Um Negócio Classe Mundial

80 **Marketing Canavieiro**
- Falando a língua do setor
- Syngenta desenvolverá tecnologia para elevação do teor de açúcares em cana
- Cosan Combustíveis e Lubrificantes inaugura Terminal de Belém
- Biocana e Du Pont encerram atividades do Projeto Du Pont na Escola





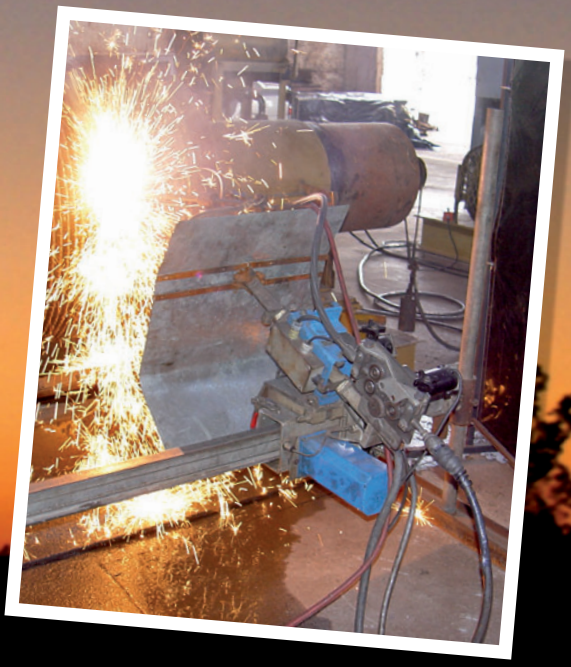
14
Esporte
Golaço no Dakar



26
Espaço Fitotécnico
Alerta laranja



76
Estilo
Um homem elegante



52
Tecnologia Industrial
Homem de lata

Tudo é uma questão de gestão

Sócia da PwC, uma das maiores firmas de auditoria do mundo, destaca as mudanças e as novas tendências no setor sucroenergético

Luciana Paiva



"A mudança mais relevante foi a passagem da gestão familiar para a profissional"

PricewaterhouseCoopers (PwC) Auditores Independentes é um network global de firmas, com 800 escritórios em 150 países. São mais de 150 anos de atividade mundial, no Brasil está há mais de 90 anos, representada por 16 escritórios e 3300 colaboradores e sócios. Há 32 anos, inaugurou o seu escritório em Ribeirão Preto, o fato de a cidade ser o grande centro econômico do Nordeste paulista (forte pólo agroindustrial) pesou na decisão.

"O escritório, inicialmente, foi criado para atender ao setor sucroenergético, principalmente as famílias Biagi e Junqueira Franco. Os primeiros clientes foram usinas como a Pedra e a Vale do Rosário", conta a ribeirãopretana Ana Paulo Masvestio, há 19 anos na PwC, iniciou como trainee e após se formar em Direito tornou-se colaboradora e a primeira mulher sócia da PwC no Brasil. No escritório em Ribeirão Preto são três sócios, 90% dos clientes pertencem ao segmento do agronegócio. "O sucroenergético antes das aquisições da Santelisa Vale pela LDC e da Moema pela Bunge respondia por 50% de nossos negócios, depois disso, ainda não analisamos para quanto foi o porcentual de participação do setor", diz Ana Paula. Mesmo assim, a participação do setor continua bastante considerável, a PwC atende grupos como ETH Bioenergia, Abengoa, São Martinho e Adeco.

Todo esse tempo de prestação de serviço ao setor, atuando entre outras funções como consultora em gestão de riscos, assessora tributária e societária, em fusão e aquisições de empresas tanto a PwC como Ana Paula têm não só acompanhado as mudanças na agroindústria canavieira, como ajudado a promovê-las. Nessa entrevista à CanaMix, Ana Paula fala sobre a evolução no setor e se revela uma entusiasta da agroindústria canavieira.

CanaMix – Qual a mudança mais relevante que ocorreu nos últimos tempos no setor sucroenergético?

Ana Paula – Foi a mudança de gestão familiar para profissional. Antes era 100% familiar, os donos da usina acompanhavam todas as operações, do plantio da cana ao frete. Muitos, pelo barulho da indústria sabiam se estava com problema ou não. Por outro lado, não tinham informações sobre custeio agrícola, apuração adequada sobre custos, eficiência e desconheciam o valor da imagem de sua empresa.

CanaMix – Nesse ambiente familiar fechado como foi possível uma empresa de auditoria conquistar espaço?

Ana Paula – O primeiro passo foi conquistar a confiança, o respeito desses clientes, o que é fundamental, pois eles vão nos apresentar seus números, abrir seus balanços e, no caso de sucessão envolve questões familiares. Para isso, precisamos

falar a mesma língua. Consultoria envolve mostrar ao cliente os caminhos para facilitar a tomada de decisão, assim, é preciso conhecer o negócio, acompanhar o dia a dia do segmento. No escritório da PwC em Ribeirão Preto temos um centro de serviços em agribusiness, com profissionais ligados ao setor, responsáveis por analisar e acompanhar informações do segmento e de seus principais players. São informações relacionadas ao uso de novas tecnologias no manejo técnico de produção, análises do ambiente e dos movimentos estratégicos das empresas em cada cadeia. Esses relatórios não são comercializados, servem de suporte para nossa equipe no atendimento de nossos clientes.

CanaMix – Porque a Santelisa Vale e a Moema deixaram de ser clientes de vocês?

Ana Paula – Esses grupos foram adquiridos por empresas multinacionais que são atendidas internacionalmente pelas consultorias conhecidas por "Big Four" – as quatro maiores firmas de auditoria do mundo: Deloitte Touche Tohmatsu, Ernst & Young, KPMG e PricewaterhouseCoopers. Mas, podemos prestar serviços para essas grandes consultorias e, com isso, indiretamente atender a esses grupos.

CanaMix – A recente crise que sufocou o setor foi resultado de que?

Ana Paula – Foi uma junção de fatores, mas, principalmente, foi um problema de gestão. Havia um otimismo exagerado sobre a abertura de mercado internacional para o etanol. A vinda do Bush ao Brasil e o interesse dos Estados Unidos no etanol contribuíram para aumentar esse otimismo. O dinheiro estava barato e os bancos estimularam as empresas a investir, a realizar operações mais audaciosas. A expansão desenfreada causou grande inflação no setor, os preços de equipamentos, terras e unidades já instaladas se tornaram irreais. Nasceram muitas unidades e a produção deu um grande salto. Por outro lado, o mercado não se abriu na mesma velocidade que o aumento de produção. O erro de gestão foi não conseguir interpretar os perigos desse otimismo e perceber o tempo certo para sair desse jogo. Para piorar, aconteceu a crise financeira internacional. O dinheiro sumiu e ficou muito caro captá-lo. Os bancos que estimularam as empresas a investir se retiraram de cena. O presidente Lula que se colocava como embaixador do etanol não apresentou linhas de financiamento para o setor. O resultado foi o que vimos empresas extremamente endividadas, vários pedidos de recuperação judicial e grandes e tradicionais empresas indo para as mãos de outros grupos.

CanaMix – Qual a saída para sobreviver nesse novo cenário sucroenergérico?

> ***Saber produzir é fundamental, mas saber articular também é***

Ana Paula – Empreender uma gestão eficiente em todos os setores da empresa. Não adianta ter tecnologia sem uma boa gestão. É fundamental empreender a redução sustentável de custos, aumentar a eficiência, produzir mais consumindo menos e em menor área, diversificar a produção e atuar em grupo.

CanaMix – Quais as tendências para a área agrícola?

Ana Paula – A tendência é de aumento do custo de produção, resultado da elevação dos custos dos insumos, entre eles os fertilizantes. Esse problema não é exclusivo do setor sucroenergetico, mas do agronegócio nacional. É necessário reduzir a dependência externa que o País tem em relação aos fertilizantes e com isso ser menos vulnerável aos choques de preço, para isso, é fundamental conceber políticas públicas de incentivo à produção de fertilizantes. Outro item que aumenta o custo é a logística interna precária – com as chuvas, torna-se impossível retirar a cana da lavoura –, há a necessidade de melhorias no transporte entre o canavial e as usinas. Para a redução de custo e aumento de produtividade na lavoura é primordial o desenvolvimento de novas cultivares adaptadas às diversas regiões e o desenvolvimento da cana transgênica. Cresce também o conceito de aproveitamento total da palha e bagaço para a bioeletricidade e produção de etanol por meio das tecnologias de segunda geração. Nichos como a produção de produtos orgânicos vão ganhar espaço incentivando a produção da "cana verde", aumentando o uso de controle biológico. Esse novo cenário exige melhorias no nível da profissionalização na gestão do negócio.

CanaMix – E as tendências na área industrial?

Ana Paula – A necessidade de aumento de produtividade e a forte demanda internacional transformarão as usinas em "superindústrias", ou seja, plantas de grande capacidade de moagem e com uso intensivo de tecnologia, como a substituição das atuais caldeiras e o investimento em tecnologia de novas formas de obtenção de etanol (2º geração: celulose - 3º geração: microalgas). Também haverá a intensificação da produção de "bioplástico" ou "plástico verde" - polietileno obtido através da sacarose ou do etanol proveniente da cana-de-açúcar.

CanaMix – Quais os principais entraves do setor e como solucioná-los?

Ana Paula – O sistema logístico do País é um grande entrave. O setor carece de infraestrutura para armazenagem e escoamento dos produtos. A alternativa de transporte de etanol via dutos é uma saída eficiente. É preciso intensificar o uso de

vários modais, tancagens e portos para reduzir os custos das exportações brasileiras. A questão tributária também é um problema grave, cada Estado tem a sua e uma mais complexa que a outra. O desequilíbrio do preço do etanol durante o ano é outro fator negativo, é necessário que haja uma política de estoque regulador que garanta volume na entressafra e reduza a volatilidade nos preços. É fundamental para o setor a inclusão definitiva do etanol na matriz energética brasileira. Muitos entraves são problemas que envolvem governo, por isso, é preciso maior integração de toda a cadeia para fortalecer o poder político do setor para que possa exercer seu direito de grande segmento econômico. É fundamental saber produzir, mas também saber articular, e isso o setor ainda é deficiente.

CanaMix – E os entraves para conquistar o mercado internacional para o etanol?

Ana Paula – Para fazer do etanol uma commodity global, além de ampliar os países produtores do produto, é preciso definir e unificar os critérios para a certificação do etanol. Há muitos interesses contrários à nossa expansão, por isso, criam-se dificuldades de acesso ao mercado, essa falta de padronização é uma delas. Cada país, cada órgão certificador, capa empresa tem os seus critérios.

CanaMix – Enquanto não há essa unificação de critérios, qual a saída para as empresas se adequarem aos diferentes tipos de exigências?

Ana Paula – A saída é trabalhar com eficiência, desenvolvendo uma gestão sustentável. Não podemos falhar em nada, pois daremos de bandeja aos concorrentes motivos para denegrir nossa imagem. O setor precisa aprender que a imagem do produto, da empresa tem grande valor. È preciso certificar os produtos da cana, rastreá-los e saber o que ocorre em todo o seu processo. Conhecer os seus fornecedores e saber como procedem. O mercado não aceita a desculpa de que o erro é de um fornecedor e não da sua empresa. O setor sucroenergético pode seguir o exemplo da cadeia da carne que adotou o Sistema Brasileiro de Identificação e Certificação de Origem Bovina e Bubalina (Sisbov), temos o boi rastreado, podemos ter a cana rastreada.

CanaMix – Então o futuro do setor está vinculado à sustentabildade?

Ana Paula – Com certeza. Sustentabilidade é a ordem. A UNICA tem feito um excelente trabalho no sentido de difundir o conceito e as práticas sustentáveis no setor. Temas como a preservação da Amazônia, Cerrado e outros ecossistemas também devem fazer parte da pauta do setor, por isso, o zonemamento agroambiental é importante. Porém, acredito que da forma em que foi apresentado existem equívocos e ele precisa ser melhor estudado. É fundamental que fique claro que há muita área para expansão de cana sem que haja desmatamento ou redução de áreas de alimentos. Outra questão que precisa ser revista é a reserva legal. Nesses dois casos, volto a reforçar a necessidade de o setor fortalecer sua articulação para ser ouvido, como acontece com outros segmentos econômicos que exercem forte presença junto aos setores políticos.

CanaMix – Os interesses estrangeiros no setor e a concentração continuaram em alta?

Ana Paula – Sim. Em 2009, os grupos estrangeiros responderam por 20% da produção e em 2010, esse número sobe para 25%. E vai continuar aumentando, pois a cana-de-açúcar é um bom negócio e o Brasil também. Mas, os investimentos acontecerão de forma mais racional, haverá maior rigor nas considerações de novos investimentos, por exemplo: investimentos que levem em conta o tamanho da demanda no mercado interno e externo, além da melhor avaliação da localização dos novos projetos, considerando os entraves da logística brasileira. A concentração também crescerá e em curto espaço de tempo. Como as pequenas empresas poderão competir com uma Cosan que produz 60 milhões de toneladas de cana? A saída para se manter no negócio é se unir, tornar-se cooperada Copersucar ou criar outras empressas semelhantes que atuam desde a compra em grupo de insumos, acesso a financiamento até a comercialização do produto. Então, a concentraçao não se dará apenas pela criação de grandes grupos que adquirem usinas já existentes ou investem em novos projetos, será também pela associação de pequenas e médias empresas.

“O investidor tem dinheiro, mas o produtor tradicional tem experiência em produção, o ideal é unir o que cada um tem de positivo”

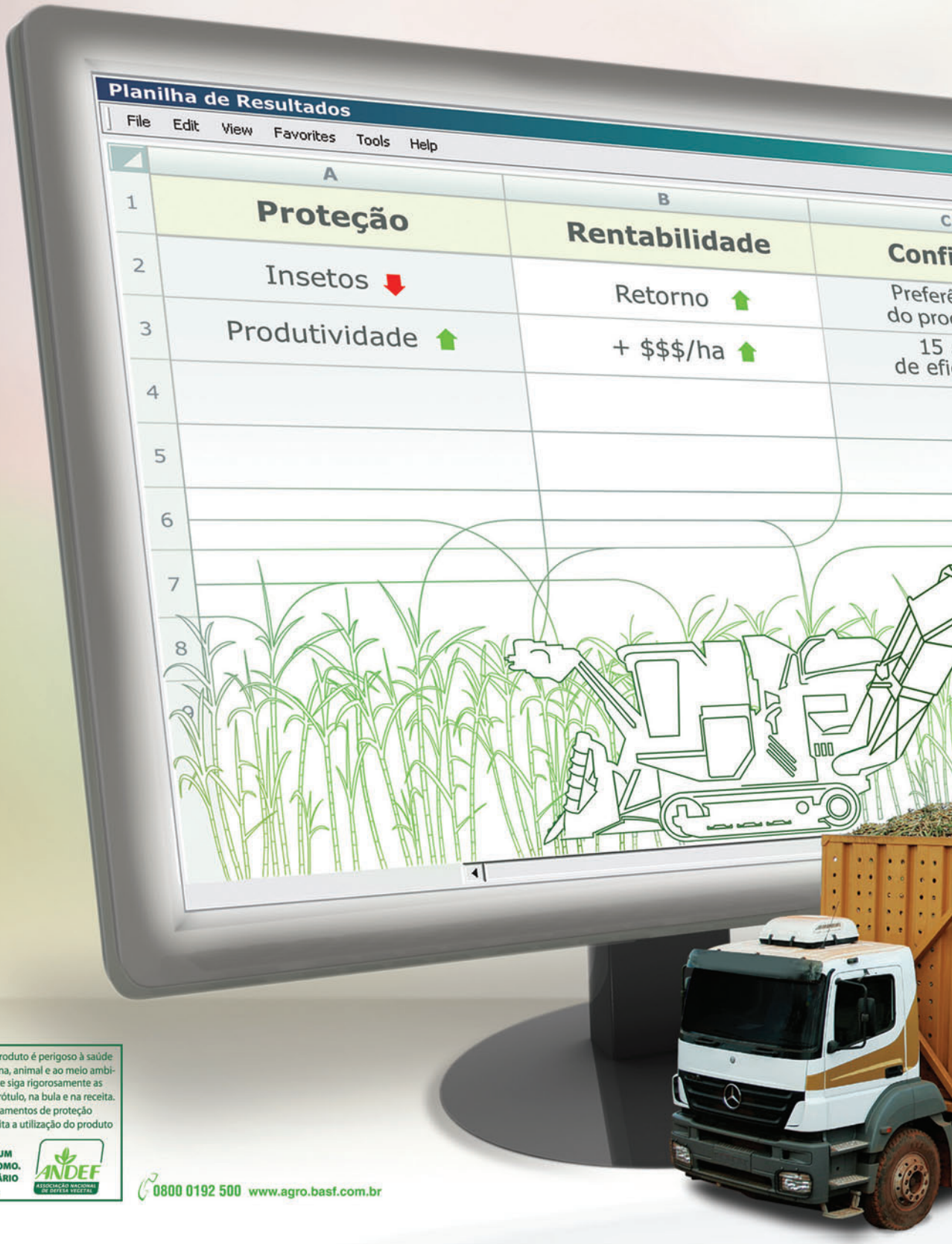
CanaMix – O investidor tem o que aprender com os produtores tradicionais?

Ana Paula – Tem sim. O investidor tem dinheiro e tradição em gestão, mas o produtor sucroenergético tem um ativo valioso, tem conhecimento da produção, da cana, da terra, dos entraves da legislação. Há exemplos recentes de investidores que entraram com grandes projetos, muito dinheiro e não conseguiram colocar se quer uma unidade em funcionamento, faltou experiência sobre o setor. Quando se fala em fusão os gestores e o método de agir de quem entrou com o dinheiro se sobrepõem à experiência de produção da parte minoritária, o que pode ser um erro, o ideal é desenvolver a governança corporativa, unir o mellhor que cada lado tem.

Você fez as contas da sua última safra?

Quem fez as contas sabe:

Com Regent®, os números viram realidad



ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO.

ANDEF
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE DEFESA VEGETAL

0800 0192 500 www.agro.basf.com.br

de.

Regent®

INSETICIDA

EMPRESA AMIGA DO ETANOL E DA BIOELETRICIDADE

PROJETO AGORA agroenergia e meio ambiente

www.projetoagora.com.br



- Eficiência comprovada por mais de 15 anos de mercado
- Referência no controle de cupins e migdolus
- Efeitos agregados no controle de Broca
- Incremento na produção de açúcar e etanol

BASF

The Chemical Company

f3 agro

Produto registrado no Ministério da Agricultura com a marca Regent 800 WG.



Vitor Sepúlveda

Golaço no Dakar

Primeira participação do etanol no Rally Dakar deixou equipes estrangeiras interessadas no projeto capitaneado por Klever Kolberg

Da redação

Com o histórico de ser um dos dois primeiros brasileiros a desbravar o então desconhecido Paris-Dakar, em 1988, e com 22 participações no rally que se tornou a mais cultuada competição off-road do mundo, o piloto Klever Kolberg, novamente, colocou à prova o seu espírito pioneiro e se lançou em um projeto totalmente inédito. Ao lado do navegador Giovanni Godoi, Kolberg alinhou o primeiro veículo movido a etanol de cana-de-açúcar brasileiro na história do Rally Dakar, disputado desde 1979.

A 32ª edição da prova – que pela segunda vez consecutiva foi realizada na América do Sul – teve a largada no dia 1º de janeiro, em Buenos Aires, na Argentina, atravessou a Cordilheira dos Andes e o Deserto do Atacama, no Chile, até retornar, nove mil quilômetros depois, à capital portenha, no dia 17. A bordo do Mitsubishi Pajero Sport Flex, o piloto Klever Kolberg e o navegador Giovanni Godoi comandaram a maior demonstração de tecnologia sustentável e 100% nacional já vista na competição. "Afinal, o combustível é 100% nacional, o carro é feito aqui, o sistema flex foi desenvolvido e fabricado no País, os pneus são produzidos aqui e toda a preparação do carro foi feita em nossa oficina", disse o



Pajero Sport flex no Raly Darkar 2010

João Pires



Jak Torretta Jr (diretor de marketing da Valtra do Brasil), Giovanni Godoi, Klever Kolberg e Maurício Russomanno (diretor de marketing de Proteção de Cultivo da BASF no Brasil)

piloto-empreendendor.

Time de peso – para viabilizar o desafio foi fundamental a formação da equipe Valtra Dakar Eco Team, comandado por Klever Kolberg e Giovanni Godoi e patrocinado por Valtra, BASF, Mitsubishi, Cosan, Unica, Pirelli, Fremax e Magneti Marelli, e apoiado por Artfix, Sparco e Waiver. Além de Klever e Giovanni, o time foi composto por dez pessoas entre engenheiros e mecânicos, dois carros de apoio - sendo duas picape Mitsubishi L200 Savana - e dois caminhões, um para ferramentas e peças de reposição, e outro para o etanol.

Segundo Klever, o custo para a participação do Valtra Dakar Eco Team é o dobro do que seria necessário se a equipe utilizasse gasolina ou diesel. Porém, essa diferença não resulta do preço do combustível diretamente, mas sim da necessidade de se implementar uma logística própria para o reabastecimento com etanol, já que os combustíveis convencionais estão à disposição nos postos de abastecimento locais e também do desenvolvimento da preparação de uma carro que pode ser adquirido nas lojas.

Vitor Sendra



Giovanni Godoi e Klever Kolberg

Foram enviados ao Dakar 2010 oito mil litros de etanol - metade para a Argentina e metade para o Chile. O etanol, idêntico ao que é comercializado nas bombas dos postos de serviços da Esso em todo o território brasileiro, saiu da usina da Cosan, em Piracicaba, SP. Acondicionado em 40 tambores de PVC, com capacidade de 200 litros, (específicos para o transporte de combustíveis), o etanol será enviado diretamente para cada país, por meio de rodovias. Foram sete dias de viagem até a Argentina e dez para o Chile.



Manutenção da Pajero flex durante o raly

Vitor Sendra

Em cada um dos dois países, o etanol foi transferido para os caminhões de suporte da equipe, os quais realizaram o transporte para cada um dos 16 acampamentos de apoio do Dakar 2010.

Pilotos interessados no etanol – quando Klever Kolberg resolveu disputar o Dakar 2010 com um carro movido a etanol, a ideia era emitir menos CO^2 e provando ser plenamente possível competir em provas de cross country de nível mundial - como o Dakar - com um carro fabricado e preparado no Brasil, com um combustível 100% nacional. "Nossa intenção, de início, era mostrar que o etanol é uma boa ideia. É um combustível limpo, amigo do meio ambiente", afirmou dias antes da largada.

E a julgar pelo interesse de outros competidores no projeto pioneiro do Valtra Dakar Eco Team, Klever pode ter este objetivo como cumprido. "Muita gente ficou interessada no etanol por aqui, tanto no Chile como na Argentina. Mas como o rally foi bastante difícil, todos tiveram muitos problemas, então não havia muito tempo para pilotos e navegadores ficarem passeando pelo acampamento e 'bisbilhotar' o equipamento das outras equipes", disse o piloto.

"Muitos me faziam perguntas, outros nem sabiam do carro movido a etanol, mas como já me conheciam de outras edições do Dakar, perguntavam sobre como estava a minha corrida e então eu explicava sobre o projeto, e aí sim vinha o maior interesse", contou.

Segundo Klever, o desconhecimento dos europeus sobre o combustível derivado da cana-de-açúcar o impressionou. "Alguns vieram me perguntar se era líquido ou gás; de que matéria-prima era derivado, se era vendido na Argentina ou no Chile, e como eu havia trazido o combustível, além de outras curiosidades sobre consumo, emissão de CO^2, se a potência do motor era melhor...", enumerou.

"Em algumas situações era até engraçado, porque o etanol é uma coisa já tão comum na cultura do brasileiro, está aí há tanto tempo... Tive que explicar para muita gente o que é, como e de onde é extraído, como funciona... Houve uma situação de um competidor estrangeiro ter me perguntado se o carro era movido a cachaça", divertiu-se.

Etanol será um novo caminho – de acordo com ele, muitos pilotos queriam guiar o carro para saber se havia alguma diferença de desempenho. "Algumas equipes disseram que vão me procurar durante o ano para conhecer mais sobre o projeto. Outras tiveram um interesse maior, como os espanhóis da Epslon Team, os portugueses da New Speed e os alemães da Speed Factory. São equipes que têm muita coisa em comum: prestam todo tipo de serviço, preparação, apoio e inclusive aluguel de carros de competição", afirmou Kolberg.

"Eles entenderam o etanol como um novo caminho, e acham que no futuro terão clientes que irão querer disputar o Dakar e outras provas com combustível limpo. E a alternativa viável no momento é o etanol. Este foi um gol importantíssimo que marcamos nesta edição do Dakar", comemorou.

No decorrer do ano, Kolberg e Giovanni Godoi irão manter contatos com as equipes interessadas e disponibilizar mais informações, pensando em parcerias. "Alguns até manifestaram o interesse de fazer um rally menor, talvez até no Brasil, para testar o etanol. Naturalmente, eles querem conhecer o nível de competitividade do produto. E posso garantir: eles vão se surpreender".

Ribeirão Cana Invest

Pela primeira vez em Ribeirão Preto evento reunirá especialistas no setor sucroenergético, exposição de tecnologia e ações culturais e ambientais



Tiago Morgan

Em abril, mais do que nunca, Ribeirão Preto será a capital da cana

Da redação

Antonio Palocci, deputado federal e ex-Ministro da Fazenda na primeira gestão do presidente Lula, tem grande ligação com Ribeirão Preto, além de ser natural da cidade, foi em Ribeirão que esse médico sanitarista iniciou sua carreira política, vereador, deputado estadual e prefeito de Ribeirão por duas vezes. Palocci é um dos políticos mais inteirados com o tema etanol e um grande defensor da inserção da cana-de-açúcar na matriz energética nacional. Pesquisas apontam que Palocci é o petista mais respeitado e admirado pelo meio empresarial, por tudo isso, ele não poderia deixar de participar do Ribeirão Cana Invest, congresso que acontecerá de 5 a 8 de abril de 2010 em Ribeirão Preto, SP.

"Por seu conhecimento e liderança, Palocci vai coordenar o painel 'A cana-de-açúcar na matriz energética nacional – como ficam os biocombustíveis com o pré-sal?'. Entre os debatedores deste painel estarão dirigentes e executivos sucroenergéticos e especialistas na área", adianta Luciana Paiva, editora da revista CanaMix e articuladora do evento.

Ribeirão Cana Invest além de discutir o negócio da cana-de-açúcar visa a difusão do conceito de sustentabilidade em curso no setor. Por isso, será realizado no Theatro Pedro II, patrimônio cultural do Estado de São Paulo, localizado no coração de Ribeirão Preto. Na esplanada do Theatro estarão expostos equipamentos canavieiros para conhecimento da população, também haverá apresentações



A jornalista Luciana Paiva, articuladora do evento e o deputado federal Antônio Palocci: a cana-de-açúcar na matriz energética nacional

culturais de projetos mantidos pelo setor.

"Até o momento, podemos considerar que o time de debatedores para o Ribeirão Cana Invest já é composto por uma seleção de craques especialistas no setor, mas a escalação ainda será bem reforçada, mas só divulgaremos quando tudo estiver confirmado, não vamos vender gato por lebre. Por isso, nesta edição da CanaMix não apresentamos a programação completa, sairá na próxima edição, antes disso, as informações podem ser conferidas no site do evento: www.ribeiraocanainvest.com.br", diz Luciana.

Alguns debatedores que já confirmaram presença



Alexandre de Andrade de Lima – engenheiro agrônomo e fornecedor de cana da região da Mata Norte em Pernambuco, presidente da União Nordestina dos Plantadores de Cana-de-Açúcar (Unida) e presidente da Associação dos Fornecedores de Cana de Pernambuco (AFCP).

Arnaldo Luiz Corrêa – especialista em gestão de riscos em commodities agrícolas e diretor da Archer Consulting, empresa de assessoria em Mercado de Futuros, Opções e Derivativos. Tem especialização em Logística Empresarial - Supply Chain Management pela FGV-SP, graduação em Administração de Empresas pela UNISA.



Antonio César Salibe – engenheiro agrônomo formado pela Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz (Esalq/USP), atua há 36 anos no setor sucroenergético. É atualmente um dos especialistas no assunto da bioenergia. É coordenador do escritório regional de Araçatuba da UFSCar – Universidade Federal de São Carlos e presidente executivo da União dos Produtores de Bioenergia (UDOP).



Dárcy Vera – Prefeita de Ribeirão Preto, é radialista e jornalista. Foi eleita por quatro oportunidades como vereadora da cidade de Ribeirão Preto e eleita uma vez como Deputada Estadual, sendo a mais votada do País. Nas eleições de 2008, foi eleita em primeiro turno prefeita de Ribeirão Preto pelo DEM sendo a primeira mulher eleita como prefeita da história da cidade. Também preside o Democratas Mulher no Estado de São Paulo, e vice-presidente Nacional do Democratas Mulher.



Djalma Euzébio Simões Neto – engenheiro agrônomo pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, mestrado em Solo e Nutrição de Plantas pela Universidade de São Paulo e doutorado em Agronomia (Ciências do Solo) pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. É pesquisador da Universidade Federal Rural de Pernambuco, coordenador geral da Estação Experimental de Cana-de-açúcar de Carpina da UFRPE, coordenador do Programa de Melhoramento Genético da Cana-de-açúcar e presidente da Sociedade dos Técnicos Açucareiros e Alcooleiros do Brasil Regional Setentrional.



Henrique Vianna Amorim – possui graduação em Agronomia pela Universidade de São Paulo, mestrado em Botânica - Ohio State University e doutorado em Agronomia pela Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Bioquímica, com ênfase em Bioquímica dos Microrganismos, atuando principalmente nos seguintes temas: fermentação alcoólica, qualidade da cana-de-açúcar, controle de processos industriais e destruição de açúcares. É presidente da Fermentec, empresa de consultoria especializada em fermentação alcoólica e controle laboratorial de todas as etapas de produção de açúcar é álcool.



Ismael Perina – engenheiro Agrônomo formado pela Unesp/Jaboticabal, produtor rural trabalhando com cana de açúcar, cereais, e pecuária. É presidente da Associação dos Fornecedores de Cana de Guariba (Socicana); membro do Conselho dos Produtores de Cana, Açúcar e Álcool do Estado de São Paulo (Consecana); presidente da Organização dos Plantadores de Cana da Região Centro-Sul do Brasil (Orplana).



Luiz Custódio Cotta Martins – engenheiro agrônomo, Presidente do Sindicato da



Indústria do Açúcar e do Álcool de Minas Gerais (Siamig/Sindaçúcar-MG). Foi secretário executivo do grupo de países Latino-Americanos e do Caribe exportadores de açúcar (Geplacea), composto por 23 países no México com a responsabilidade de divulgar o açúcar e a nova tecnologia brasileira, o álcool combustível, para a região e outros países. É vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg), já no segundo mandato.

Marcos Antonio Sanches Vieira – engenheiro agrônomo pela Esalq/USP,



mestrado em Genética e Biologia Molecular pela Universidade Estadual de Campinas e doutorado em Genética e Biologia Molecular pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é professor associado I da Universidade Federal de São Carlos e diretor-executivo da Ridesa - Rede Interuniversitária para o Desenvolvimento do Setor Sucroalcooleiro, integrada por 10 universidades federais e responsável pelo desenvolvimento das variedades RBs (República do Brasil).

Marcos Antonio Françóia – é Bacharel em Ciências Contábeis, Pós-graduado em Engenharia Econômica em Controladoria e em Gestão Empresarial. Tem MBA Executivo Internacional e MBA Corporativo pela EBAP/FGV-RJ/Ohio University – EUA. Atua no agronegócio há mais de 30 anos, com experiência nas áreas financeira, de controladoria e administrativa, atuando em cargos executivos em grandes grupos do setor canavieiro. É sócio-diretor da MBF Agribusiness (Sertãozinho, SP) e consultor Econômico de Bancos e Fundos de Investimento, Nacionais e Internacionais.





Marcos Fava Neves – engenheiro agrônomo pela Esalq/USP, mestre em Administração (Estratégias de Arrendamento Industrial, FEA/USP e Doutor em Administração (Planejamento de Canais de Distribuição, FEA/USP). Pós-Graduado em Agribusiness & Marketing Europeu na França e em Canais (Networks) de Distribuição na Holanda. Livre-Docente (Planejamento e Gestão Estratégica Dirigido pela Demanda. Coordenador do PENSA – Programa de Agronegócios da USP (planejamento estratégico para empresas e sistemas produtivos) e criador



PRÉ-PROGRAMAÇÃO

DIA 5 DE ABRIL DE 2010 – SEGUNDA-FEIRA

Início da exposição de máquinas e equipamentos na Esplanada do Theatro Pedro II

15h00 às 17 horas – no Theatro Pedro II apresentações culturais de projetos mantidos pelo setor para alunos e professores da rede municipal de ensino.

DIA 6 DE ABRIL DE 2010 – TERÇA-FEIRA

08h00 às 09h00 – Recepção e retirada de material

09h00 às 09h15 – Abertura com a Orquestra Sinfônica de Ribeirão e boas-vindas da Prefeita Dárcy Vera

09h15 às 10h00 – Expectativas sobre a safra 2010/11

10h00 às 10h30 – Intervalo para café

10h30 às 11h30 – Evolução na lavoura canavieira -motomecanização - do preparo de solo ao transporte

11h30 às 12h30 – Evolução na lavoura canavieira - fitossanidade

12h30 às 14h00 – Intervalo para almoço

14h00 às 15h00 – O melhoramento genético e cana transgênica

15h00 às 16h30 – A evolução na indústria sucroenergética - as melhorias na primeira geração e a expectativa da segunda

16h30 às 17h00 – Intervalo para café

17h00 às 18h00 – A bioeletricidade como negócio

18h00 às 19h00 – A participação dos fornecedores de cana no segmento sucroenergético

DIA 7 DE ABRIL DE 2010 – QUARTA-FEIRA

08h30 às 10h00 – Investimento, crédito e gestão no setor sucroenergético

10h00 às 10h30 – Intervalo para café

11h00 às 12h30 – Expectativas do mercado sucroenergético e novos negócios

12h30 às 14h00 – Intervalo para Almoço

14h00 às 15h30 – A articulação política no setor sucroenergético e as ações para resolver seus entraves

15h30 às 16h00 – Intervalo para café

16h00 às 17h30 – A cana-de-açúcar na matriz energética nacional: como ficam os biocombustíveis com o pré-sal?

20h00 – Entrega do Prêmio Ribeirão Cana Invest às 24 melhores unidades produtoras do Brasil do ano safra 2009/10 (não há premiação para empresas)

DIA 8 DE ABRIL DE 2010 – QUINTA-FEIRA

8h30 às 10h00 – Cana Sustentável – debate sobre a sustentabilidade no setor sucroenergético, a aplicação do Projeto AGORA, formação e qualificação profissional e a imagem do setor na comunidade.

10h00 às 10h30 – Intervalo para café

10h30 às 12h00 – A cana e o meio ambiente - protocolo agroambiental, reserva legal, zoneamento e a cana na redução do efeito estufa

Para patrocinar o evento:
plinio@pcebaldan.com.br / marco@pcebaldan.com.br / (16) 3913.2555
www.ribeiraocanainvest.com.br

do Markestrat (Centro de Pesquisas e Projetos em Marketing e Estratégia

Marcos Guimarães de Andrade Landell – doutor em agronomia (produção vegetal) é Pesquisador Científico VI do Instituto Agronômico de Campinas e coordenador do Programa Cana IAC. Publicou 42 artigos em periódicos especializados e 61 trabalhos em anais de eventos. Possui 11 capítulos de livros publicados e coordenou a publicação de dois livros. Possui 21 produtos tecnológicos, dos quais 10 registrados, um software, um processo ou técnica e outros 26 itens de produção técnica. Participou de cinco eventos no exterior e 11 no Brasil.



Plínio Nastari – presidente da Datagro, maior empresa brasileira de consultoria em açúcar e álcool, com escritórios em São Paulo, Recife, Santos e New York. É mestre e PhD em economia agrícola pela Iowa State University, foi professor de economia dos programas de Graduação e Pós-graduação (mestrado, doutorado e MBA) da Escola de Administração de Empresas de São Paulo, da FGV. Foi um dos autores principais do AR2 (Segundo Relatório de Avaliação) do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC).



Renato Augusto Pontes Cunha – formou-se em Direito na UFPE, pós-graduado em Administração Financeira pela FESP - Universidade de Pernambuco. Exerceu cargos executivos em grandes empresas sucroalcooleiras da região como o Grupo Antonio Farias e o Grupo Armando Monteiro. É presidente do Sindicato da Indústria do Açúcar e do Álcool no Estado de Pernambuco (Sindaçúcar). É



membro efetivo da Câmara Setorial do Açúcar e do Álcool do Governo Federal e representante do Sindaçúcar junto à Federação da Indústria do Estado de Pernambuco (FIEPE).



Tomaz Caetano Rípoli – engenheiro agrônomo formado pela Esalq/USP, professor fundador da Fundação Faculdade de Agronomia Luiz Meneguel, tem mestrado em Solos e Nutrição de plantas (Esalq-USP) e Doutorado em Agronomia (Solos e Nutrição de Plantas). Pós-doutoramento pela University of California Davis. Especialista na área de Engenharia Agrícola com ênfase em Máquinas e Implementos Agrícolas, atuando principalmente nos seguintes temas: cana-de-açúcar, energia de biomassa e gerenciamento agrícola.

Ribeirão Cana Invest

Realização

PC&Baldan
PARCERIA DE SUCESSO

Participação

PREFEITURA MUNICIPAL
RIBEIRÃO PRETO

Apoio

ABIMAQ · ASSOCIAÇÃO DOS FORNECEDORES DE CANA DE PERNAMBUCO · BIOcana · DATAGRO · etanol · GEGIS · GERHAI · MARKESTRAT · GRUPO MAUBISA · Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento · BRASIL UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL · ORPLANA · Prefeitura Municipal de Araçatuba · SECRETARIA DE TURISMO RIBEIRÃO PRETO · SINDACUCAR SIAMIG AIAA · SINDAÇÚCAR · THEATRO PEDRO II · UDOP · UNICA · UNIDA União Nordestina dos Produtores de Cana

Soluções confiáveis em aço ?

PARA INDÚSTRIA ALIMENTÍCIA, FRIGORÍFICA, PAPEL E CELULOSE, FARMACÊUTICA, QUÍMICA E PETROQUÍMICA, BEBIDAS EM GERAL, MINERAÇÃO E SUCROALCOOLEIRO



krominox !

krominox

Krominox Aços e Metais Ltda.
Fone: 55 11 2126-0622
Fax: 55 11 2126-0604
Email: krominox@krominox.com.br
Site: www.krominox.com.br

Gerenciamento do CCT à distância

A logística do CCT ganha tecnologia de automação que resulta em economia, produtividade e segurança no controle da frota



Jaqueline Stamato Taube

Gerenciar a frota de máquinas agrícolas sem sair do escritório está se tornando uma realidade nas unidades produtoras de açúcar, etanol e energia. Uma tecnologia desenvolvida para a indústria sucroenergética que otimiza a logística dos processos através da automação da transferência de dados da lavoura para a usina, eliminando o uso de papel e a intervenção humana é o que há de mais inovador no Corte/Carregamento/Transporte (CCT). Sabe-se que o CCT é responsável por cerca de 25% dos custos totais da produção. Desta maneira, ações que visam reduzir os custos desta fase do processo de produção do álcool, açúcar e energia são muito bem-vindas neste ano de superação.

Visando então fornecer a seus clientes uma ferramenta mais adequa-

AGRÍCOLA INDUSTRIAL MANUTENÇÃO INDUSTRIAL MANUTENÇÃO DE FROTA LOGÍSTICA DE MATÉRIA-PRIMA PLANEJAMENTO
Fone: (16) 3913-0760
comercial@biosalc.com.br
BIOSALC Sistemas Agro TI
www.biosalc.com.br

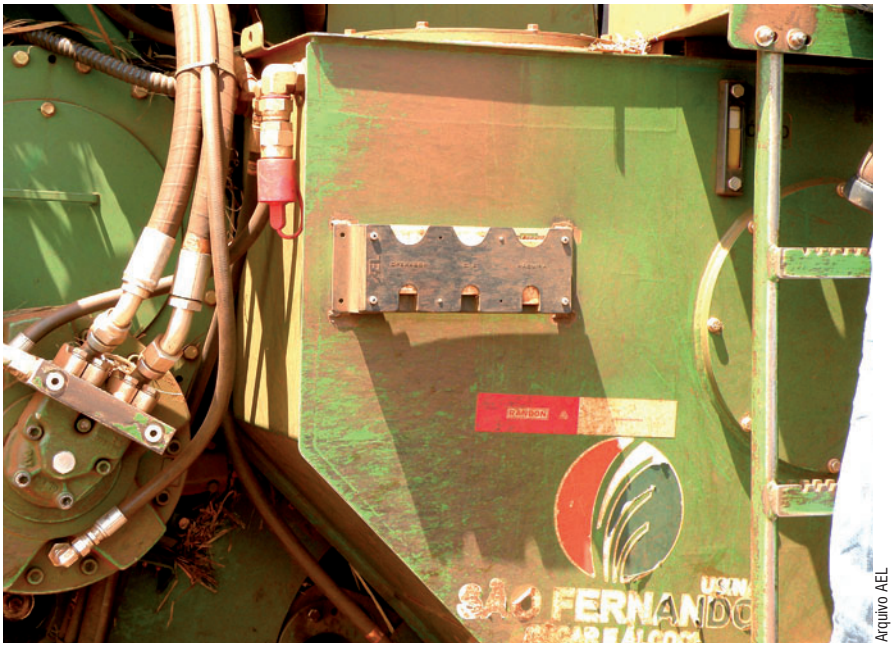
www.diretodausina.net
NOVO FONE
(16) 3913.2555
O que é bom precisa ser divulgado.
Junte-se a nós nessa tarefa!

da para o planejamento operacional e redução dos custos do CCT canavieiro, a Aeroeletrônica está disponibilizando o Sistema Automático de Identificação e Telemetria (SAIT). Este Sistema é uma solução que conta com informações de telemetria dos implementos, tratores, colhedoras e caminhões, utilizando computador de bordo integrando informações



Colhedora em campo com o Sistema Automático de Identificação e Telemetria

Arquivo AEL



Arquivo AEL

Suporte (no centro da foto) faz parte do sistema de automação

de dirigibilidade, produtividade e logística. A empresa, situada em Porto Alegre, RS, busca proporcionar maior economia, segurança e produtividade nos computadores de bordo, que monitoram cada implemento agrícola trazendo informações gerenciais e operacionais online garantindo um melhor controle e gestão da frota.

Sem cola e papel – de acordo com o consultor de vendas da empresa, Rodrigo Costa Carvalho, muitas usinas ainda utilizam métodos manuais para transferência das informações da lavoura para a usina, assim como sistemas de códigos de barra colados em boletos de papel. “Poeira, barro, umidade e chuva são alguns dos problemas que podem comprometer a operação e a segurança dos dados”, relatou Carvalho. Nestas circunstâncias, completou o consultor, “o motorista tem que descer do caminhão para entregar o boleto ao operador da balança para inclusão dos dados no sistema que, geralmente, são notas rasuradas, sujas ou ainda as etiquetas com código de barras amassadas, criando assim a necessidade de obter mão de obra especializada, retrabalho para correção de erros, fila de caminhões na balança e, principalmente, grande quantidade de falhas nas informações”, explicou.

Controle de tráfego online – o cenário é diferente se implantado o sistema de automação do CCT. O gerente de TI, Gustavo Nogueira, da Usina São Fernando, localizada em Dourados, MS, disse que o sistema da Aeroeletrônica (AEL) foi escolhido por ser o único em







produção no mercado que não necessita da figura do 'noteiro' (apontador) no campo. De acordo com as explicações do gerente da São Fernando, todos os equipamentos (colhedoras, tratores e caminhões) possuem os equipamentos de leitura/gravação de TAG ou TAG de leitura, além dos computadores de bordo com GPS e modem GPRS (celular), o que possibilita o envio em tempo real da localização, velocidade, operador e alertas de todas as máquinas com cobertura. "Estas informações são recebidas pelo sistema da Bio-TI, bem como as balanças da usina possuem antenas leitoras dos TAG´s onde estes são lidos no momento da pesagem eliminando a necessidade do balanceiro digitar as informações, liberando-o para o trabalho de logística da frota", explica Nogueira. Segundo ele, as vantagens dessa solução frente ao sistema anterior são: eliminação do noteiro, passagem do balanceiro para o controlador de tráfego, controlando a frota em tempo real, controle online de todos os equipamentos, eliminação de papel com possibilidade de ter erro de digitação, qualidade dos dados, velocidade na obtenção das informações diminuindo o tempo do caminhão na usina, possibilitando assim um menor número de caminhão/safra.

Eficiência e custo – para saber da eficiência dessa tecnologia inovadora, o consultor de vendas da AEL explica que a tecnologia utilizada nesse equipamento de automação conta com transmissão de dados via RFID (Rádio frenquência) - transponders UHF (equipamento fixado nos implementos agrícolas para armazenar informações) de alto desempenho, velocidade de transmissão e gravação de dados. Esse transponder não possui uma bateria interna, mas são energizados quando utilizados, garantindo assim baixa manutenção e longa vida útil. Também conta com unidades de leitura robustas e preparadas para as adversidades do processo que são responsáveis pela transmissão de dados. O custo do investimento vai depender do tamanho de cada planta para adequar à sua necessidade. No caso da Usina São Fernando, a unidade não precisou alterar a planta, e sim necessitou da integração do usuário com o sistema agrícola por meio de treinamento durante 15 dias, por ser a primeira safra com esse sistema de automação.

Arquivo AEL



Na balança: leitura automática identifica os dados do equipamento preso na traseira da carreta

Arquivo AEL



Momento em que as informações são transmitidas automaticamente para as carretas sem intervenção humana

Arquivo AEL



Técnicos definem o melhor local para fixar o equipamento (transponder) na colhedora

www.fenasucro.com.br

FENASUCRO &

XVIII Feira Internacional da Indústria Sucroalcooleira

www.agrocana.com.br

AGROCANA

VIII Feira de Negócios e Tecnologia da Agricultura da Cana-de-Açúcar

2010

31 de Agosto a 03 de Setembro

sp studio

O maior encontro de conhecimento e tecnologia para o setor sucroenergético

Sertãozinho - SP - Brasil

Centro de Eventos Zanini

Realização:

Coord. Técnica Geral:

Apoios Gerais:

Apoios Fenasucro:

Apoios Agrocana:

Patrocínio:

Promoção e Comercialização:

16 2132-8936
R. Conde Afonso Celso, 436
CEP 14025-040 - Ribeirão Preto - SP
www.mfe.com.br
multiplus@mfe.com.br

Alerta laranja

Ridesa



Ferrugem alaranjada - Puccinia Kuehnii

Luciana Paiva

A Ferrugem Laranja chega aos canaviais brasileiros, mas, em decorrência da grande opção de variedades resistentes, o impacto na produção não deve ser grande

No começo de janeiro, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), comunicou a ocorrência da praga Ferrugem Laranja (FL) da cana-de-açúcar, no município de



CTC

O fungo Puccinia kuehnii afeta folhas da cana-de-açúcar, reduzindo sua capacidade de fotossíntese

Araraquara, SP, era a primeira incidência oficial da doença nos canaviais brasileiros. Conhecida desde 1890, a Ferrugem Laranja é causada pelo fungo Puccinia kuehnii e esteve presente durante anos, apenas no sudeste da Ásia e Oceania, sem qualquer impacto econômico. Em 1999, chegou à Austrália, onde, entre 2000 e 2002, reduziu em 20% sua produtividade. "O impacto na Austrália aconteceu porque 60% da área de plantio era cultivada por apenas uma variedade, a Q124. A alta concentração de uma única variedade é um erro, pois, se for suscetível a uma doença, a perda será grande. Isso, no passado, já ocorreu no Brasil, aprendemos a lição, a indicação é que uma variedade de cana ocupe no máximo 20% do canavial", diz o pesquisador da UFSCar, Marcos Antonio Sanches Vieira, diretor-executivo da Ridesa, rede especializada em pesquisas de melhoramento genético da cana, composta por 10 universidades federais.

Em julho de 2007, a doença surgiu no continente americano, inicialmente na Flórida. Dois meses depois, apareceu na Guatemala e países vizinhos. "Sabíamos que era questão de tempo para chegar ao Brasil. Tentamos inicialmente, realizar pesquisas na Austrália sobre como nossas variedades de cana respondiam à doença, para isso, precisaríamos enviar exemplares das variedades para lá, no entanto, a Austrália é muito burocrática neste sentido, o processo entre a liberação da entrada das variedades brasileiras, a realização dos testes e os resultados levariam mais de três anos para acontecer. Assim, em 2007, optamos por desenvolver o trabalho na América do Norte", conta Marcos Antonio.

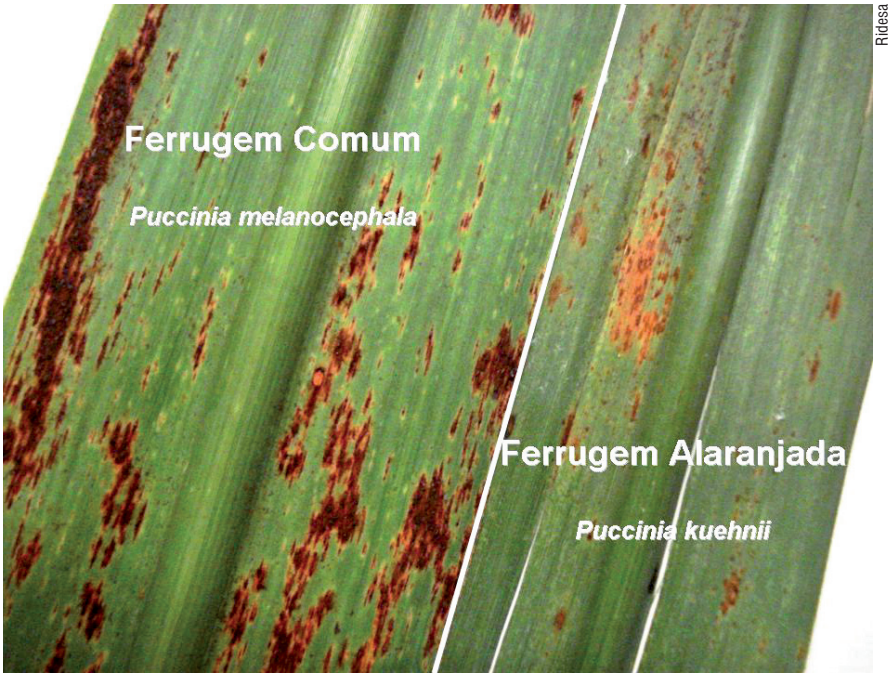
Antecipar-se a Ferrugem Laranja foi a tendência entre os institutos de pesquisa. Durante coletiva de imprensa promovida pelo Centro de Tecnologia Canavieira (CTC), no início de janeiro sobre a FL, o pesquisador Enrico de Beni Arrigoni ressaltou que o CTC estuda a doença desde sua ocorrência na América do Norte. Antes disso, o órgão monitorou informações acerca da Ferrugem por intermédio de um programa de intercâmbio varietal que mantém com o BSES, uma instituição de pesquisas sediada na Austrália. Acompanhou, também, desdobramentos de casos registrados na América Central. "Os resultados de todos os testes já conhecidos devem ser considerados no momento de se tomar decisões quanto à multiplicação de algumas variedades de cana-de-açúcar, que são suscetíveis ao fungo transmissor da doença", alertou Arrigoni.

A cana-de-açúcar na Embrapa é uma cultura recente. Tudo começou quando a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) criou em 2006 o Plano Nacional de Agroenergia 2006-2011 onde a cultura da cana se insere. "Temos vários trabalhos com a cultura da cana como na área de avaliação de variedades,



Divulgação CTC

Pesquisadores em CTC em coletiva de imprensa sobre a Ferrugem Laranja



Ridesa

Diferenças entre a ferrugem laranja da ferrugem marrom

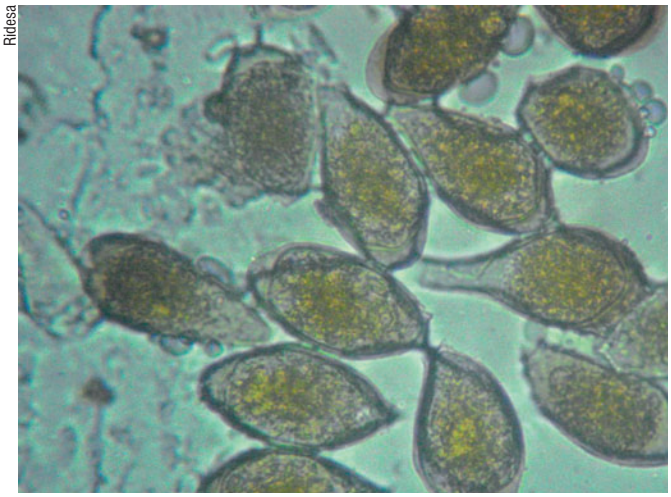
na área de fixação biológica de nitrogênio, biotecnologia, sistemas de produção, entomologia, etc", diz o pesquisador Marcelo Sfeir de Aguiar, da Embrapa Tabuleiros Costeiros/UEP Maceió, Alagoas.

Segundo ele, essas áreas tratam de problemas tecnológicos de relevância nacional e são conduzidos em redes multi-institucionais (parceiros públicos e privados atuando em Pesquisa e Desenvolvimento, transferência de tecnologia, sistemas de informação, sistemas de produção agrícola e processamento industrial, entre outras). A entidade desenvolve também tecnologia agrícola sistemas de produção sustentáveis; tecnologia industrial e estudos ambientais e socioeconômico. A Embrapa Tabuleiros Costeiros/UEP Maceió é uma das unidades que trabalha quase que exclusivamente com a cultura da cana-de-açúcar, e desenvolver técnicas para o controle da FL tem sido uma de suas ações. Em julho passado, Marcelo participou de um workshop na Flórida, EUA, que discutiu o assunto e apresentou as saídas adotadas pelos institutos de pesquisas e produtores norte-americanos. "O intercâmbio de informações é fundamental para o andamento das pesquisas", observa Marcelo Sfeir.

Plano de ação – com a constatação oficial da chegada da FL aos canaviais brasileiros – alguns pesquisadores acreditam que os esporos foram trazidos de outros países da América do Sul pelas correntes de vento – foi colocado um plano de ação coordenado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). "Vamos elaborar, neste ano, um Programa Nacional de Sanidade para Cana-de-açúcar e assim controlar a praga ferrugem alaranjada." A afirmação do secretário substituto de Defesa Agropecuária do Mapa, Odilson Ribeiro, ocorreu logo após reunião realizada em 18 de janeiro na cidade de São Paulo, com representantes do governo, pesquisadores, representantes do setor científico e de empresas de melhoramento de variedades. No encontro, também foi criado um grupo consultivo, que vai monitorar as ameaças fitossanitárias e definir estratégias de controle e prevenção.

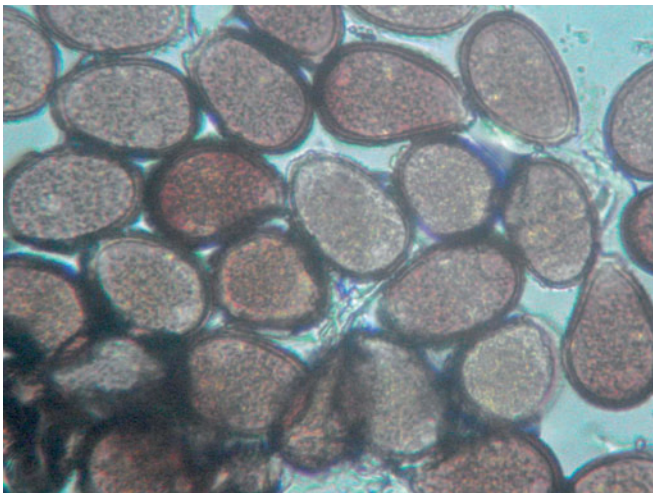
Desde 2007, o Ministério da Agricultura atua de forma estratégica para prevenir a praga no Brasil. "Neste ano, intensificaremos as ações inclusive em outras regiões do País, como o Nordeste, para evitar a disseminação", informou Ribeiro. Segundo ele, em 2010, deverá ser lançado edital,

Ridesa



Esporos da ferrugem laranja

Ridesa



Esporos da ferrugem marrom

para apoiar ações de pesquisa identificadas como necessárias pelo grupo consultivo e pelo ministério. “Hoje, 70% das variedades plantadas de cana-de-açúcar são resistentes à ferrugem alaranjada e pretendemos aumentar esse percentual”, enfatizou. O trabalho de análise que será produzido pelo grupo está disponível no site - www.agricultura.gov.br.

Situação – até o fechamento desta edição, além de o município de Araraquara, análises oficiais do Instituto Biológico da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo também apontavam a presença do foco em outras regiões do Estado de São Paulo, Ibaté, Rincão, Guariba, Araras, Conchal, Altinópolis, Cajuru, Luis Antônio, Ribeirão Preto e Sertãozinho. “Os focos encontrados foram pontuais, sendo mais concentrados nas regiões leste e central do Estado”, informou Ribeiro.

Embrapa



Marcelo Sfeir: a Embrapa investe em tecnologia canavieira

O pesquisador Marcos Antonio, alerta que a região Centro-Sul, principalmente o interior paulista, até o final de março deve apresentar uma situação climática propícia ao desenvolvimento da doença – muita chuva e temperaturas altas. Preocupado com a possibilidade da ferrugem alaranjada se espalhar para outras propriedades rurais, o Ministério da Agricultura vai treinar um grupo de fiscais federais agropecuários para atuar na identificação da praga em outras unidades da federação e também em ações emergenciais.

Como age a FL – o fungo Puccinia kuehnii afeta folhas da cana-de-açúcar, reduzindo sua capacidade de fotossíntese e, em consequência, a produção de sacarose. “Atacadas, as folhas apresentam sintomas de ‘pústulas’ de ferrugem, que evoluem para a necrose foliar (morte). Pode ser disseminada pelo vento em curtas, médias ou longas distâncias e os esporos podem ser levados pelo homem nas roupas, calçados ou transporte de material vegetal.



Controle – até o final do mês de março, o Ministério da Agricultura aprovará o primeiro registro de agrotóxico para ser usado no combate à ferrugem alaranjada. “Essa será mais uma alternativa que os produtores rurais terão, mas o ideal é plantar variedades resistentes à praga”, explicou Ribeiro. É justamente o que os pesquisadores afirmam: o controle da doença é por meio do cultivo de variedades resistentes e não químico. “Como no Brasil não havia a incidência da doença, não há fungicidas registrados. Isso leva tempo para ser desenvolvido e liberado, até lá, as áreas com variedades suscetíveis já terão sido ocupadas por variedades resistentes”, diz Tadeu Andrade, CTC.

Marcos Landell, diretor do Centro Cana do Instituto Agronômico (IAC), em Ribeirão Preto, SP, compartilha da opinião de Tadeu, para ele, nem é necessária a habilitação de defensivos químicos por parte do Ministério da Agricultura para controlar o fungo, pois, como sempre ocorreu com novas doenças na cana-de-açúcar deverá acontecer uma rápida substituição das variedades suscetíveis pelas resistentes. E o uso de fungicidas só seria necessário se uma variedade muito cultivada fosse atingida, o que não é o caso ainda.

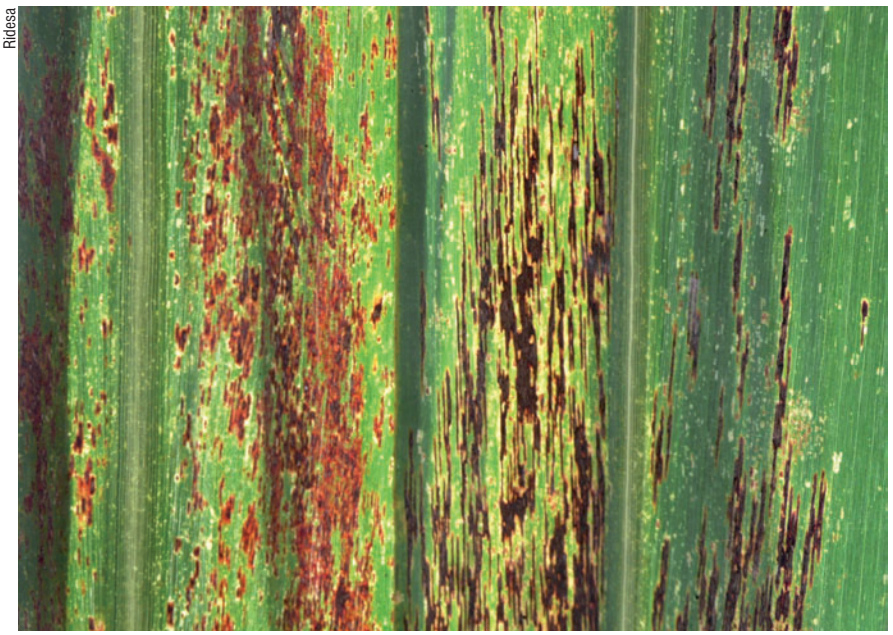
Variedades suscetíveis e resistentes – o CTC liberou nota sobre o comportamento das variedades em relação à FL:

- São resistentes à Ferrugem Laranja as variedades CTC1, CTC2, CTC4, CTC5, CTC6, CTC7, CTC8, CTC10, CTC11, CTC12, CTC13, CTC14, CTC15, CTC16, CTC17, CTC18, CTC19 e CTC20. As cultivares CTC3 e CTC9 apresentaram reação intermediária ao patógeno, com a constatação de sintomas apenas em folhas mais velhas. A variedade RB855156 também apresentou reação intermediária.



Marcos Antonio: “Não há razão para pânico

Ridesa



Variedades RB72454 e SP89-1115 são suscetíveis à doença

Mostraram-se ainda resistentes ao fungo as variedades comerciais SP79-1011 SP80-1816, SP80-1842, SP80-3280, SP81-3250, SP83-2847, SP91-1049, RB867515, RB835486, RB855453 e RB855536.

Já as variedades RB72454 e SP89-1115 são suscetíveis à doença – com registro de nota máxima na ocorrência de ‘pústulas’ nas folhas.

Expectativas de perdas com a FL – de acordo com o pesquisador Marcelo Sfeir, nos canaviais da Austrália os prejuízos foram em torno de 67% a 87% de perda na produção. Em outros países também houve perdas significativas como nos EUA, Guatemala e Costa Rica. “Essa doença pode representar perdas significativas para o Brasil e, em média, uma queda de 20% na produção de cana. A estimativa, por enquanto, é de um prejuízo de R$ 300 milhões por ano no País”, observa.

De acordo com Arrigoni, as análises realizadas pelo CTC nos últimos dias dão conta de que a doença “deverá causar perdas representativas à produção de cana-de-açúcar, nas variedades suscetíveis”. “Pelos dados de que dispomos até agora, vemos que a doença chegou com força ao Brasil. Neste momento, é fundamental que os produtores revejam seu planejamento de viveiros e de plantio de variedades”, salienta Arrigoni. No entanto, o pesquisador esclarece que não há necessidade de pânico, pois não vai faltar açúcar e etanol por causa da FL, uma vez que, no Brasil, o plantel de variedades de cana é bem diversificado.

Marcos Landell salienta que no Estado de São Paulo existem cerca de 80 variedades cultivadas e a principal delas (RB 86-7515), que ocupa 15% da área cultivada, é resistente à ferrugem laranja. Por isso, as perdas não devem ser tão significativas. É o que também defende Marcos Antonio, que exalta o trabalho dos programas de melhoramento e a evolução da tecnologia brasileira que deixa o País

em uma posição confortável e bem mais segura em relação à sanidade da cultura. O pesquisador também ressalta que não haverá quebra de safra em decorrência da doença, além do mix de variedades existentes, as expectativas é que a região Centro-Sul responsável por 5,5 milhões de hectares de cana, dos 8 milhões de hectares cultivados no País, deverá ser menos atingida que a região Norte-Nordeste. "A ferrugem marrom, que já conhecemos, atinge mais os canaviais do Centro-Sul, já a laranja deve encontrar no Nordeste ambiente mais favorável para sua propagação", diz Marcos Antonio.

Djalma Eusébio Simões, diretor-executivo da Estação Experimental de Carpina, PE, salienta que, realmente, o Nordeste apresenta umidade relativa do ar alta, o que pode favorecer a propagação da doença, no entanto, os canaviais ficam no litoral e as correntes marinhas devem empurrar o fungo para o interior, como aconteceu com a ferrugem marrom. "Tivemos apenas duas variedades suscetíveis à ferrugem marrom, bastou substituí-las, o mesmo deve acontecer com a ferrugem laranja. O Brasil está muito bem servido de variedades de cana, podemos ficar tranquilos", observa. Djalma conta que desde novembro de 2008, a Ridesa encaminhou 80 variedades RB para testes na Costa Rica e os primeiros testes com a variedade RB 7675, a mais cultivada no Brasil, mostrou ser resistente à doença.

Segundo Marcos Antonio, das duas variedades suscetíveis à doença, a RB72454 (desenvolvida pela Ridesa) responde por aproximadamente 15% dos canaviais brasileiros e a SP89-1115 (desenvolvida pela Copersucar) por volta de 5%. O pesquisador explica que em relação ao nível de severidade que vai de 1 a 9, na variedade RB72454 a doença se apresenta entre 5 e 6, já na SP89-1115 está entre 7 e 8. Uma característica da FL é responder de forma diferente dependendo do microambiente, ou seja, o grau de intensidade da doença muda de área para área. E, diferentemente do que ocorre com o greening na laranja, por exemplo, em que as plantas precisam ser erradicadas imediatamente, com a FL o produtor não precisa fazer o mesmo. Deve-se observar o grau de infestação e se as perdas serão menores do que o custo em substituir antecipadamente a área com o cultivo de variedade não suscetível à doença, se for menor, pode-se seguir o cronograma normal de renovação de área. No caso de dúvidas, os produtores devem comunicar os pesquisadores e os institutos de pesquisa. "Estamos à disposição para visitar as áreas infectadas e ajudar a chegar à melhor decisão", informa Marcos Antonio.



Marituba promove I Consulta Pública

Unidade apresenta e discute com a comunidade suas atividades agrícolas, industriais e socioambientais

Carmem Valéria Neves dos Anjos





Arquivo Caeté

Ricardo Paiva (gerente-geral da Unidade Cachoeira), Shirlan Madeiros, Aldevan Júnior, Gessiedina Tomaz, Fabiano Passos e Fabrizzio Tenório

Com o objetivo de apresentar e discutir suas atividades agrícolas, industriais e socioambientais a Usina Caeté S/A – Unidade Marituba realizou em 28 de outubro de 2009 sua a I Consulta Pública. O evento, ocorrido no Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Penedo (Sindspem), contou com a participação de representantes de órgãos públicos e da sociedade civil organizada dos municípios de Igreja Nova, Penedo e São Sebastião.

A programação teve início com a exibição do vídeo institucional do Grupo Carlos Lyra. O gerente-geral da Usina Caeté S/A – Unidade Marituba, Fabrizzio Tenório, apresentou aspectos relacionados à geração de emprego e renda, pagamento de tributos e os dados da última safra. “A Marituba gera diretamente mais de 2.500 empregos na região, durante o período de moagem”.

Tenório salientou ainda o reconhecimento internacional concedido pela Greenergy, que permitiu a comercialização do etanol produzido pela Marituba e Caeté no seleto mercado do Reino Unido. “Sem práticas socioambientais sérias, jamais conseguiríamos essa obtenção”, assinalou.

O gerente industrial, Aldevan Júnior, falou sobre o Sistema de Gestão da Qualidade e suas peculiaridades no processo produtivo. “O atendimento às normas agrega maior valor aos nossos produtos”.

Em seguida, a coordenadora de Gestão de Pessoas da usina, Gessiedina Tomaz, fez um breve relato sobre responsabilidade social. Em sua apresentação, a coordenadora enfocou o cumprimento da Norma Regulamentadora (NR) 31, que trata sobre as atividades rurais.

Gessiedina Tomaz destacou para os convidados a integração dos colaboradores das áreas rural e urbana que, segundo ela, permite um conhecimento maior sobre a empresa.



Usina Caeté, unidade Marituba

Arquivo Caeté



Arquivo Caeté

Público participa do evento e quer saber mais sobre as ações da empresa

Outro importante projeto elencado pela coordenadora foi o de cultura de subsistência, desenvolvido graças a uma parceria envolvendo as prefeituras e comunidades do entorno, beneficiando cerca de 500 famílias. "Vale salientar a atenção que a empresa tem com a capacitação dos nossos colaboradores", afirmou Gessiedina Tomaz, enfatizando que investir nos profissionais é uma das premissas do Grupo Carlos Lyra.

As ações de responsabilidade ambiental foram explanadas pelo consultor agrícola Shirlan Madeiros, que intercalou sua apresentação com a exibição de clippings eletrônicos com reportagens veiculadas na mídia televisiva sobre os projetos ambientais desenvolvidos na usina.

Arquivo Caeté



Gerente-geral da Unidade Marituba, Fabrizzio Tenório, durante debate com a comunidade

"Nossa unidade foi pioneira na implantação dos sinalizadores eletrônicos nas rodovias, que indicam os locais de saída de caminhões que fazem o transporte da cana-de-açúcar", afirmou.

Entre os assuntos, a co-geração de energia elétrica mereceu um destaque especial. De acordo com o consultor, após a aquisição de um novo gerador em 2007, a usina produz energia para autossuprimento e vende o excedente para uma concessionária. "O consumo de uma cidade como Penedo equivale a 9 MWh. Durante a safra, a Marituba produz 14 MWh de energia elétrica e, em breve, poderemos ampliar a geração de energia para um período maior utilizando o eucalipto, madeira largamente utilizada para fins energético", completou Shirlan Madeiros.

Ao final do evento, os convidados participaram de um debate com os palestrantes. A I Consulta Pública da Usina Caeté S/A – Unidade Marituba integra algumas das ações propostas pela Política da Qualidade adotada pela empresa que visa à melhoria contínua do processo e um relacionamento mais próximo com a comunidade do entorno.



Plantio mecanizado: sistema de meiosi como cultivo intercalar

Meiosi é 10!

IVECO
COM VOCÊ, TRANSPORTANDO O NOVO BRASIL.
www.iveco.com.br


Entre com esta força no canavial.
Sistema Mecanizado John Deere.
JOHN DEERE

TRELLEBORG
WHEEL SYSTEMS
(14) 3269-3600
(11) 5035-1353



Arquivo Estiva

O sistema conhecido por meiosi tem potencial de elevar a produção e reduzir consideravelmente os custos com a renovação dos canaviais

Jaqueline Stamato Taube

A técnica da implantação de canaviais com a introdução de novas tecnologias, que dispensam o uso de corretivos de solo sintético e agroquímicos é uma garantia para manter um canavial mais produtivo e com menor custo. O sistema conhecido por meiosi tem potencial de elevar a produção e reduzir consideravelmente os custos com a renovação dos canaviais porque elimina a necessidade da compra de cana-planta e de insumos para o preparo do solo, que é feita com oleaginosas.

A meiosi, prática de manejo ligada à cultura de cana-de-açúcar que visa a rápida produção de mudas para o plantio de cana de ano e meio, associando o cultivo intercalar de culturas de interesse econômico ou simplesmente agronômico, pode ser usada tanto na implantação de canaviais como na renovação. Neste sistema, a produção de mudas ocorre no próprio local onde se pretende instalar o canavial, no entanto, não necessita do transporte das mudas e, também, não é necessário dispor de terreno para o viveiro.

Após o preparo do terreno sulcam-se duas linhas de cana e deixam-se oito sem sulcar, as quais podem ser utilizadas para um cultivo intercalar. Aos oito meses, as duas linhas de cana serão suficientes para completar as oito linhas remanescentes.

Ganho com logística e venda de leguminosa – para Marcelo Bassi, gerente agrícola da São José da Estiva, localizada em Novo Horizonte, SP, o que levou a Unidade implantar nos canaviais o sistema de plantio de meiosi foi, principalmente, a redução de custos, o ganho com logística, bem como conseguir retomar o plantio pós-chuva antes do plantio manual convencional. “Usamos amendoim ou soja de ciclo curto onde essas leguminosas são plantadas por agricultores parceiros da região. Tanto no plantio manual quanto no plantio mecanizado usamos duas linhas de cana para oito linhas de leguminosa”, descreve Bassi dizendo que a Unidade não apresentou redução de insumos, pois o que vem da adubação verde fica como lucro. A profundidade de sulcação no plantio é de 35 centímetros, com tampação de cinco centímetros de terra até março e oito centímetros de terra de abril em diante,









bem como o espaçamento é de um metro e meio e a jornada de trabalho geralmente concentra-se em dois turnos de 10 horas.

30% de redução de custo – ao longo dos 14 anos de plantio na Estiva, a técnica possibilita uma redução de 30% de custos frente ao plantio manual convencional e também gera receita com a venda da soja ou amendoim que, automaticamente, cobre todo o custo de preparo de solo. No início da implantação do sistema, quando ainda não existia equipamento de GPS para tratores, a solução foi desenvolver marcadores mecânicos; atualmente a Unidade utiliza dos modernos aparelhos de GPS. Com uma área de 810 hectares plantada em 2009, a previsão para este ano, segundo Bassi, é ampliar para 1.500 hectares. Entre as variedades utilizadas no ano passado são: RB 85-5453, SP 84-1431, SP 91-1285, SP 81-3250, SP 80-1842, CTC2, CTC8, CTC14 e CTC15.

O sistema permite a revitalização natural do solo, já que o solo fica protegido na época das águas, com plantio de girassol e crotalária - oleaginosas nativas do Centro-Oeste brasileiro que, após colheita dos grãos em quatro meses, é misturado à terra com grade aradora produzindo nutrientes e fixando nitrogênio, contribuindo para regular a umidade do solo, condição essencial para o bom desempenho da cultura da cana.



Arquivo Estiva

"Usamos duas linhas de cana para oito de leguminosa no plantio manual e mecanizado", descreve Bassi



Técnica de meiosi reduz em 30% os custos e gera renda com venda de cereais

Arquivo Estiva

MARCHINI DO BRASIL
BKT Confidence Reinforced
Pneus Agrícolas
www.marchinidobrasil.com.br
(16)2133-4949

PNEU FORTE
VULCANIZAÇÃO DE PNEUS AGRÍCOLAS E CARGAS
www.pneufortejaboticabal.com.br

PANORAMA Rural
A REVISTA DO AGRONEGÓCIO
www.panrural.com.br

Ribertec
AUTOMAÇÃO
www.ribertec.com.br
(16) 3931.2303 - (16) 3931.2033

Sob os humores do tempo



O tempo anda meio bravo

O clima influenciou o mercado sucroenergético em 2009. E como o tempo reagirá em 2010?

Delcy Mac Cruz

Os serviços meteorológicos sinalizam ambiente favorável para o desenvolvimento vegetativo da cana-de-açúcar no primeiro trimestre de 2010 na região Centro-Sul do País. Segundo o Centro de Prevenção do Tempo e Estudos Climáticos do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (CPTEC/INPE), os primeiros três meses do ano devem registrar incidências pluviométricas entre próximas e acima da média histórica. (A média nessa região, no primeiro trimestre, fica entre 300 a 600 milímetros (mm) – citar estes dados médios, com tamanho intervalo, deixa o leitor mais confuso ainda).

Outros institutos, também apresentam projeções favoráveis para o setor sucroenergético. "A Somar Meteorologia, por exemplo, prevê que o primeiro trimestre terá chuvas próximas da média na região de Ribeirão Preto, em um raio de 100 quilômetros do município, onde predomina a cana-de-açúcar", diz Oswaldo Alonso, assessor técnico da Associação de Plantadores de Cana (Canaoeste), que mantém convênio com esta empresa de consultoria meteorológica. "Em fevereiro e março o volume de incidência de chuvas deverá ficar entre próxima a aquém da média".

Alonso, que tem-se aprofundado em análises do clima para o setor sucroenergético, lembra que estas projeções estão sujeitas a alterações, em razão da grande variabilidade climática. Mas se confirmadas, será um alento para o setor, que entra em 2010 com boas condições de desenvolvimento vegetativo, além do expressivo contingente de canaviais remanescentes para atenderem a grande demanda interna e externa por açúcar e a interna por etanol.

O setor sucroenergético tem unidades produtoras dispostas a trabalhar com chuvas no começo do ano (janeiro a março), se bem que não com excesso de água. Daí, se as condições climáticas não forem tão desfavoráveis, haverá como processar não apenas parte da cana herdada do ciclo anterior, mas começar já em março a safra 2010/11.

Conforme Alonso, os serviços meteorológicos não estimam veranico prolongado na região de Ribeirão Preto, onde se situam 45 unidades produtoras de açúcar e de etanol. Ou melhor, provavelmente as chuvas poderão ser de menor intensidade, favorecendo o solo e a cana com umidade e insolação suficiente para se desenvolver.

Os efeitos da chuva em 2009 – conforme CanaMix apurou, as chuvas que ocorreram durante o período de moagem, principalmente as tidas como extemporâneas entre os meses de julho a setembro, afetaram quanti-qualitativamente a safra 2009/10 da região Centro Sul do Brasil.

Quantitativamente, não permitindo, no mínimo, o processamento de cerca de 40 milhões de toneladas de cana que, com o mesmo mix de produção (proporção de açúcar e etanol/tonelada de cana), não puderam ser produzidos 1,7 bilhão de litros de etanol (1,3 bilhão de hidratado) e 2,2 milhões de toneladas de açúcar.

Qualitativamente, as mesmas chuvas extemporâneas provocaram redução de praticamente 10kg de ATR (Açúcar Total Recuperável)/tonelada de cana; dano de qualidade que implicou em perda de produção de 3,2 litros de etanol e 4kg de açúcar/tonelada de cana. Perdas estas, que multiplicadas por 513 milhões de toneladas de cana processadas até 15 de dezembro (Unica, posição de safras), mais as prováveis 40 milhões de toneladas impossibilitadas de moer, significariam outros 1,8 bilhão de litros de etanol e 2,2 milhões de toneladas de açúcar que poderiam ter sido produzidos.

Falsa impressão – de acordo com a principal estação agroclimática da Embrapa Cerrado, localizada em Planaltina, DF, os primeiros 11 meses de 2009 apresentaram um total de 1005 mm de precipitação. A média histórica, que vem sendo acompanhada desde 1974, é de 1124 mm. Assim, 2009, não foi o recordista em chuvas na região Centro-Oeste. Para o pesquisador Arthur Muller, da Embrapa Cerrados, a falsa impressão de maior precipitação, pode ser advinda de que a distribuição das precipitações foi menos concentrada no período de chuvas e o período de seca foi menor e menos intenso. O que foi muito benéfico ao produtor rural.



"Em fevereiro e março o volume de incidência de chuvas deverá ficar entre próxima a aquém da média", prevê Alonso



Precipitações menos concentradas e o calor ajudam no crescimento da cana

Chuvas de dezembro prejudicam – análise elaborada pela equipe de pesquisadores do Centro Integrado de Informações Agrometeorológicas do Instituto Agronômico da Secretaria de Agricultura e Abastecimento (Ciiagro) e Centro de Monitoramento e Mitigação de Seca e Adversidades Hidrometeorológicas (Infoseca) mostra que alto índice de chuvas registrado em dezembro no Estado de São Paulo apresentou efeitos negativos imediatos e causou dificuldades, devido aos problemas de conservação do solo e alagamentos. A dificuldade não está somente na qualidade, no desenvolvimento da cultura, perdas por doença ou podridão, conforme alerta o pesquisador Orivaldo Brunini. "A colheita também fica prejudicada, assim como o trânsito de máquinas agrícolas. Os solos ficam encharcados, pode haver erosões", diz.

De acordo com ele, em São Paulo, poucas atividades poderão se beneficiar das chuvas intensas. “É o caso das pastagens e dos seringais, que necessitam maior reserva hídrica”, explica Brunini. No caso da cana-de-açúcar, a colheita em dezembro foi altamente prejudicada, afetando o acúmulo de açúcar e transformação para sacarose, o que deverá ter efeitos também sobre as plantas em desenvolvimento.

Os efeitos do El Niño e de La Niña – a estiagem na região Norte e o excesso de chuva no Sul e Sudeste são consequências do El Niño, que deve permanecer até o segundo trimestre de 2010. O fenômeno é caracterizado pelo aquecimento anormal das águas superficiais no Oceano Pacífico que afeta o clima global, mudando os padrões de vento e os níveis de chuva em regiões tropicais.

As enchentes e deslizamentos ocorridos na região Sul e Sudeste foram influenciados pelo El Niño, favorecidos também pelas condições do Oceano Atlântico, que tem apresentado águas mais aquecidas na costa brasileira. De acordo com o meteorologista do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), Fabrício Silva o El Niño ajuda a firmar por mais tempo as frentes frias vindas do sul do continente, canalizando umidade da região amazônica e trazendo chuva abundante, também em parte da região Centro-Oeste.

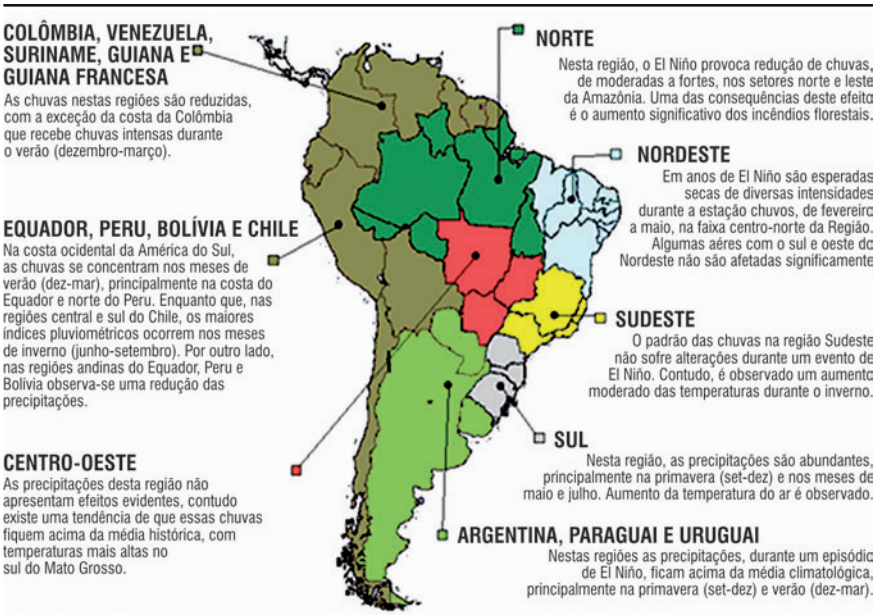


O excesso de chuvas dificulta a retirada de cana da lavoura, e a movimentação das máquinas causa mais danos ao solo e à cultura

Ele explica que os ventos do El Niño e de La Niña (fenômeno que corresponde ao resfriamento das águas superficiais do Oceano Pacífico) têm tendência a se alternar a cada período de três a sete anos, porém o intervalo pode mudar para ciclos de um a dez anos. “A intensidade dos ventos varia bastante de caso a caso. Os mais fortes foram de 1982 a 1983 e 1997 a 1998”, diz.

No Brasil, o fenômeno climático tem implicações em todas as regiões, principalmente quando a intensidade varia de moderada a forte, como este ano. No Norte, ocorrem secas e aumenta o risco de incêndio, aliado à elevação da temperatura. No Nordeste, a chuva diminui e, no Sudeste, aumenta a temperatura média, enquanto no Centro-Oeste há mais chuva e calor. O El Niño intensifica a chuva e o calor, principalmente durante a primavera e o verão.

Os efeitos do El Niño



Em busca de explicações para a moagem de cana em janeiro



Plínio Nastari, presidente da Datagro

Plinio M. Nastari

Cerca de 40 unidades produtoras estão em operação no mês de janeiro de 2010 na região Centro-Sul, sendo 19 no Paraná, duas em Goiás e o restante em São Paulo. Estas usinas estão moendo cana com rendimentos industriais que variam de 110 a até 75(!) kg de ATR por tonelada de cana. Este é um comportamento anormal, e que somente encontra paralelo com o final da safra passada, com a diferença que dezembro de 2008 foi um mês seco, permitindo a extensão da moagem em janeiro de 2009. Além disso, a crise de liquidez e a necessidade de geração de caixa para honrar pagamentos semanais praticamente obrigou algumas usinas adentrem moendo em janeiro/09, não sem graves consequências na área agrícola – a principal delas a perda do ciclo de produção agrícola e o pisoteamento da cana soca, gerando necessidade de antecipação da renovação em boa parte dos canaviais colhidos naquele momento.

Considerando que a historia recente indica que em anos normais o rendimento industrial na região Centro-Sul se situa entre 142 e 147 kg ATR/tc, pergunta-se o que estaria levando neste momento unidades produtoras suportarem a condição extrema de moer cana com até 75 kg ATR/tc, num ano tão úmido como o atual? Sobretudo, deve-se levar em conta que o aproveitamento dos dias de moagem é muito baixo, pelos dias de chuva sendo observados neste final de safra. No mês de dezembro de 2009, no Estado de São Paulo, observamos uma média ponderada (pela participação de cada microrregião na moagem de cana do Estado) de 20 dias de chuva no mês (20 de um total 31!), com situações de até 25 dias de chuva na cidade de Ribeirão Preto, e de 22 dias de chuva nas microrregiões de Ribeirão Preto e Piracicaba.

Temos nos perguntado exatamente esta questão, e consultado alguns produtores, procurando explicações para uma ação que tem pouca ou nenhuma razoabilidade. As explicações são variadas:

• A necessidade de limpar o canavial, ocupado com canas velhas já bisadas, correndo o risco de serem "trisadas". Limpar o canavial seria uma necessidade a fim de permitir a brota de uma nova soqueira mais robusta.

• Deixar esta cana em pé acrescentaria apenas mais 15% a 20% de biomassa para colheita na safra a seguir, com perda de oportunidade em relação à opção de permitir a rebrota e colheita nesta, e na safra a seguir.

• Aproveitar os bons preços de açúcar e etanol no mercado interno nesta entressafra.

• As empresas que ainda estão moendo estão, via de regra, em dificuldades financeiras para pagar fornecedores, em grande parte porque tiveram dificuldades para renovar financiamentos. Para estas empresas é mais fácil pedir aos credores que voltem na semana seguinte, pois ainda não encerraram oficialmente a moagem, mesmo sabendo que terão poucos dias efetivos de trabalho, do que pedir-lhes que voltem dentro de dois ou três meses.

• Para estas mesmas empresas, é mais fácil manter as equipes de trabalho mobilizadas, do que realizar dispensas e arcar com os custos de rescisão.

• O desgaste da indústria foi menor na safra 2009/10, pelo simples fato de que os dias efetivos de moagem foram menores devido às chuvas, resultando em uma menor pressão de parada para manutenção.

O Paraná foi um dos Estados, proporcionalmente, à sua produção

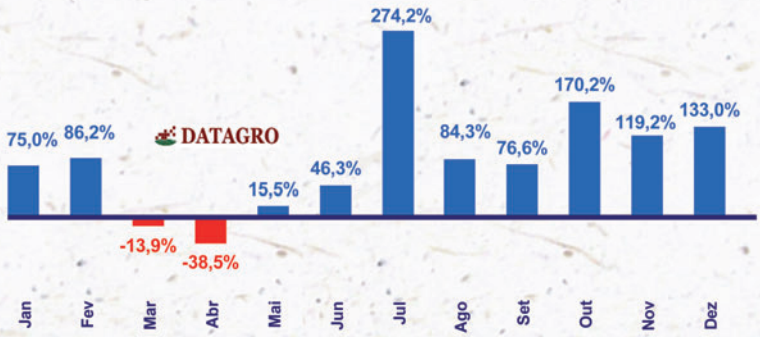
total, mais afetados pelo excesso de chuvas (o Índice Relativo de Chuvas da Datagro para o Estado do Paraná indicou +274% de variação sobre a normal de 30 anos em Julho/09, +170% em Outubro/09 e +133% em Dezembro/09 – o IRC Datagro mede a variação proporcional da média ponderada de precipitação, ponderada pela participação de cada microrregião na moagem do Estado). No Paraná, a disponibilidade de cana estimada em 2009/10 foi de 53 milhões de toneladas. Até meados de dezembro/09 havia sido processadas, em termos acumulados, apenas 37 milhões de toneladas. Com a continuidade de moagem, a partir de então, é estimada uma moagem final, fechando o ciclo de 2009/10, entre 42 e 43 milhões de toneladas, deixando cerca de 10 milhões de toneladas em pé, o que representa 19% da disponibilidade do Estado. No período de janeiro a fevereiro de 2009 (final da safra 2008/09), num período muito mais seco que o atual, foram moídos apenas 2,8 milhões de toneladas de cana no Paraná.

Portanto, além do elevado custo industrial relacionado à decisão de continuar a safra em janeiro, a produção marginal gerada neste período é pequena. Apesar disso, por diferentes razões, algumas unidades produtoras tem optado por manter ativa a moagem da safra 2009/10.

A expectativa da Datagro é que a safra 2009/10 encerre em fevereiro na região Centro-Sul, com uma moagem acumulada de 523,3 milhões de toneladas, e uma produção de 28,2 milhões de toneladas de açúcar e 22,7 bilhões de litros de etanol. Na região Norte-Nordeste, a safra deve encerrar com moagem de 62 milhões de toneladas, e produção de 4,63 milhões de toneladas de açúcar e 2,11 bilhões de litros de etanol.

Índice Relativo de Chuvas DATAGRO*, 2009

(Região Canavieira do Estado do Paraná)

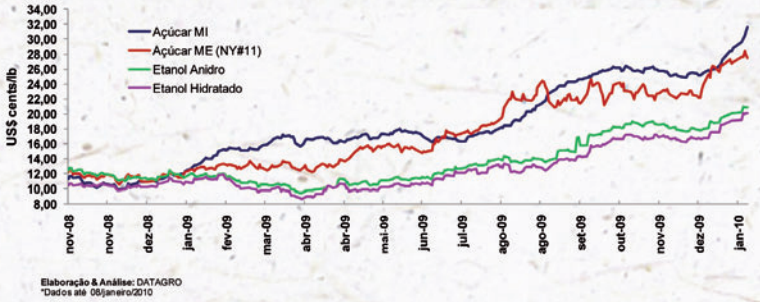


Elaboração & Análise: DATAGRO

(*) O IRC Datagro reflete o comportamento das chuvas em relação aos valores normais de 30 anos levando-se em consideração a participação de cada macrorregião canavieira.

Equivalência de Preço DATAGRO

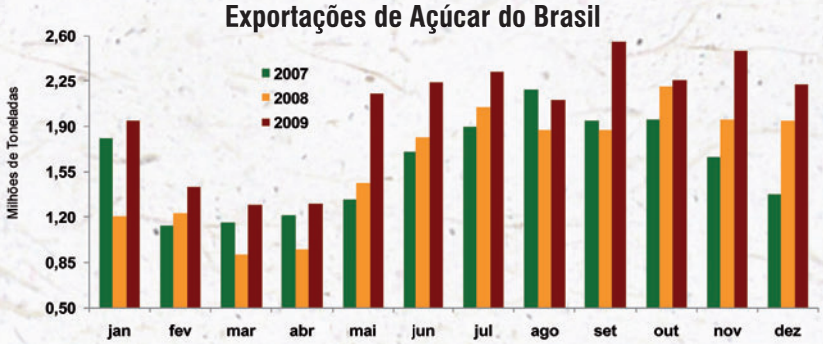
(Base Região Centro-Sul - Ribeirão Preto)



Elaboração & Análise: DATAGRO
*Dados até 08/janeiro/2010

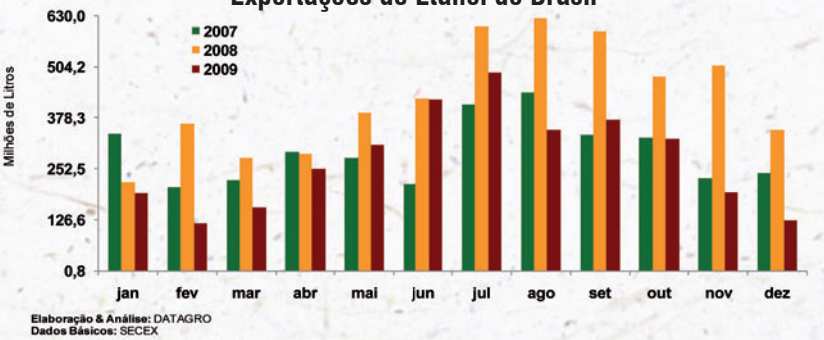
A equivalência de preço é um algoritmo DATAGRO que coloca em mesma base FOB de comparação (US$ cents/lb) os preços do açúcar no mercado interno, etanol (anidro e hidratado) no mercado interno e açúcar no mercado externo (contrato nº 11 - negociado na bolsa de Nova York) para análise da rentabilidade de cada mercado analisado.

Exportações de Açúcar do Brasil



Elaboração & Análise: DATAGRO
Dados Básicos: SECEX

Exportações de Etanol do Brasil



Elaboração & Análise: DATAGRO
Dados Básicos: SECEX

O setor em alta em 2010

Analistas e empresários acreditam que 2010 será um ano para começar a arrumar a casa



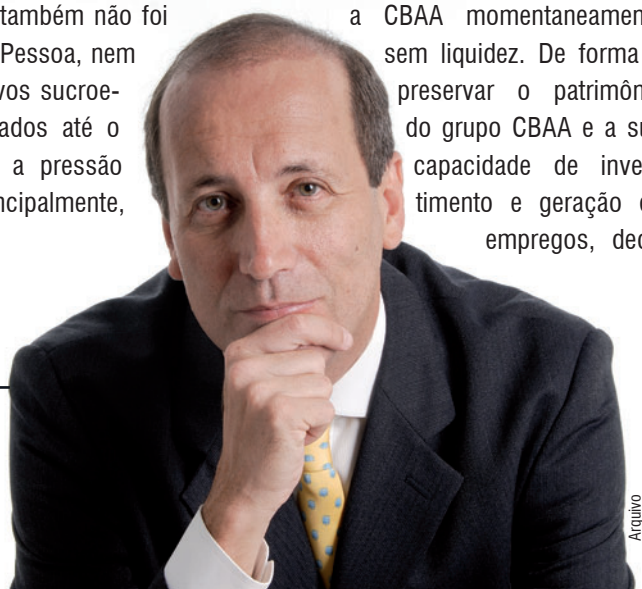
José Pessoa: empolgado com 2010

César Diniz

Luciana Paiva

O ano de 2009 não começou nada bem para muitos empresários do setor sucroenergético, entre eles José Pessoa de Queiroz Bisneto, presidente da Companhia Brasileira de Açúcar e Álcool (CBAA), que conta com cinco unidades produtoras, nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul e Sergipe. O Grupo, como vários outros, sentiu fortemente os impactos da crise do próprio setor agravada pela crise financeira internacional. O decorrer do ano também não foi de alívio para José Pessoa, nem para vários executivos sucroenergéticos. Endividados até o pescoço, sofrendo a pressão de credores e, principalmente, de bancos, sem vislumbrar outras saídas, teve quem sofreu a dor de ter que passar a empresa para grupos menos alavancados.

Houve também quem apelasse para a recuperação judicial, essa foi a alternativa adotada por José Pessoa já no final de 2009. "A nossa empresa foi particularmente atingida em seu faturamento, afetando de forma conjuntural o nosso fluxo de caixa, provocando sério descompasso entre obrigações de curto prazo e receitas, afetando a nossa produção/produtividade, o que deixou a CBAA momentaneamente sem liquidez. De forma a preservar o patrimônio do grupo CBAA e a sua capacidade de investimento e geração de empregos, decidimos optar pela utilização do mecanismo de recuperação judicial", informou um documento divulgado pelo Grupo. "O setor já enfrentou várias crises, mas esta foi a pior, pois não foi exclusiva do setor, houve a crise financeira mundial que abalou as estruturas econômicas do planeta", comenta José Pessoa.



Será um grande ano", diz Arnaldo

Arquivo

Mas, 2009 passou, e 2010 chega embalado por um alto astral, até mesmo para os que têm um cenário mais amargo para enfrentar. "Estou bem animado, os preços deverão permanecer em alta e as empresas poderão fixar melhor seu produto, diferente do ano passado, quando a maioria já havia fixado seu produto antes do aumento de preço", diz José Pessoa, que completa:"vai ser um ano de recuperação, para começar a arrumar a casa".

Arrumar a casa e trocar a mobília – na opinião do consultor Arnaldo Luiz Corrêa, da Archer Consulting, "2010 será um ano não só para as empresas arrumarem a casa, mas também trocar a mobília." "Será um ano muito

bom, talvez os atuais preços recordes de açúcar que vem ocorrendo em Nova York não se mantenham, mas por outro lado, as usinas poderão fixar melhor seu produto e aproveitar os bons preços, em 2009, como fixaram antecipadamente acabaram não aproveitando a alta de preço", diz Arnaldo.

Em relação ao etanol, o consultor também enxerga um cenário bem mais positivo. "2009 começou com o preço do etanol pressionado, as empresas precisavam urgentemente fazer caixa e queimaram o produto", relembra. Para 2010, Arnaldo prevê que haverá equilíbrio entre oferta e demanda. O analista faz as contas para provar sua teoria: "de acordo com a ANP fechamos 2009 com o consumo de 16,5 bilhões de litros de hidratado. O consumo de gasolina foi de 25,3 bilhões, deste volume, 25% era de álcool anidro, o que significa 6,3 bilhões de litros, no total foram consumidos internamente 22,8 bilhões de litros de etanol. E ainda exportamos 3,3 bilhões de litros. Para a produção desse volume de etanol foram necessários o equivalente a 320 milhões de toneladas de cana. No caso do açúcar, exportamos 24,3 milhões de toneladas, o mercado interno consumiu 12 milhões, o total de açúcar consumido foi de 36 milhões de toneladas o que corresponde a 270 milhões de toneladas de cana equivalente. No final, para atender o volume de açúcar e etanol foram necessárias 590 milhões de toneladas de cana, a previsão para a próxima safra é aumento de produção de 7%. Porém, não podemos esquecer que o mundo está saindo da crise. Para 2010, a MB Associados que é uma consultoria extremamente conservadora, aponta que o País vai crescer 6%, o que vai refletir em aumento de consumo, no caso do açúcar, a elevação se dará, principalmente, no açúcar industrial, a dona de casa vai comprar mais bolos e biscoitos prontos."


César Diniz

Marcos Fava Neves: retomada de projetos

O melhor dos últimos cinco anos – quem também está otimista com 2010



é Marcos Fava Neves, analista econômico e professor da USP/Ribeirão Preto. “Desses últimos cinco anos, vejo esse como o melhor para o setor”, diz Marcos Fava. Para ele, os produtos da cana continuarão em alta e a Índia se manterá compradora. “A Índia enfrenta problemas conjunturais, esses podem ser resolvidos mais rapidamente, levando o produtor a voltar a investir na cana, mas também tem graves problemas estruturais, esses não podem ser arrumados

E agora Maurilio?

Recentemente, Maurilio Biagi Filho fez parte de um dos considerados “melhores negócios do setor” (para os dois lados), a compra da americana Bunge de 100% da Moema Participações, holding que possui uma unidade sucroenergetica em Orindiúva, SP, além de participação em outras cinco. Segundo a Bunge, a operação será estruturada como uma troca de ações e os acionistas da Moema Par - os empresários Maurilio Biagi Filho, Eduardo Diniz Junqueira e ainda os filhos de Armando Junqueira - terão direito a receber aproximadamente 7,3 milhões de ações ordinárias da Bunge Limited. O acordo inclui um pagamento de aproximadamente US$ 36 milhões correspondente a capital de giro.

César Diniz



Maurilio: aberto a projetos interessantes

Maurilio diz que a situação da Moema não é crítica, pelo contrário, sua dívida é facilmente negociável e que o negócio foi realizado porque é excelente, o mesmo que ocorreu quando vendeu sua parte na Cevasa, em Patrocínio Paulista, para a Cargill.

Para quem está se perguntando quais serão os próximos passos do executivo, agora sem a Moema, Maurilio lembra que ele nunca foi um usineiro tradicional, foi sempre um acionista, um gestor que entrava na empresa para recuperar o negócio e saía após o trabalho cumprido. Foi assim com a Zanini, com a Refrescos Ipiranga (Coca-cola) e com a Santa Elisa. “Como gestor eu não era um centralizador, a direção era toda profissionalizada e eu delegava as decisões”, salienta. Desde sua saída da Santa Elisa, em 2002, Maurilio abriu mão da atuação de gestor do negócio e seu lado articulador e investidor tornou-se mais presente.

Com a venda da Moema, Maurilio continua como presidente do Grupo Maubisa (uma das áreas de atuação é consultoria de investimentos) e da Bioenergética Aroeira, localizada em Tupaciguara, MG, que deve iniciar a moagem na safra 2010 e que, segundo o empresário, em termos tecnológicos “é uma teteinha”. Maurilio diz que não fará como o empresário Raul Anselmo Randon que com a aposentadoria dedicou-se à produção de queijos e vinhos. E também não vai criar cavalos nem boi. Ressalta que está aberto a novos e interessantes projetos, um deles é a geração de energia por meio do lixo, utilizando o bagaço como facilitador de queima. Comenta que não lhe falta o que fazer e sim tempo, até porque, com a idade “nos tornamos mais lentos”. Com o passar do tempo, o executivo pode ter ficado mais lento fisicamente, mas não em raciocínio, os bons negócios que tem realizado são prova disso.

de um ano para o outro, é o que explica os investimentos dos indianos em usinas no Brasil", observa.

Marcos Fava compartilha a opinião de que a retomada da economia mundial vai aquecer o consumo e que a previsão de que o Brasil crescerá 6% este ano, deve sim refletir em maior demanda por açúcar por parte das indústrias. Em sua visão, o ano também será mais açucareiro o que contribuirá para que o preço do etanol se mantenha em alta o ano todo. A demanda por energia elétrica deverá ser cerca de 7% maior. "Isso deve estimular a retomada de projetos de bioeletricidade", diz Marcos observando que as atuais chuvas e o tempo quente estão contribuindo muito para o desenvolvimento da cana. "Se a partir de abril o tempo se tornar mais seco e frio, a expectativa de produção será excelente, assim teremos mais produtos e bons preços."

Para arrumar a casa é preciso vários anos como o de 2010 – otimista, porém mais contido em relação à recuperação do setor, Marcos Françóia, da MBF Consultoria – atualmente, a MBF é o elo entre investidores nacionais e internacionais, administra uma carteira de R$ 650 milhões investidos no setor –, concorda que 2010 será um ano muito bom para as unidades produtoras, mas para o setor arrumar a casa, precisará de vários anos com o mesmo perfil de 2010. "O setor vem de um histórico de alta e cara alavancagem", diz. Segundo Françóia, o etanol irá remunerar menos que o açúcar, mesmo assim, será muito rentável. "Uma destilaria poderá buscar margens de 14% a 18%, dependendo

Divulgação



Marcos Françóia: "O investidor volta, porém mais criterioso"



Toda a linha de soluções ferríticas da ArcelorMittal Inox Brasil agora passa a se chamar KARA.

KARA vem do inglês carat, que quer dizer quilate. E o mercado de aços inoxidáveis ferríticos já sabe como é precioso contar com uma alternativa atrativa, tecnicamente confiável e que proporciona preços estáveis. Performance, precisão, inteligência e responsabilidade são os valores da linha KARA, que une as vantagens tradicionais do inox a outras, como resistência à corrosão sob tensão e à oxidação por alta temperatura, baixa expansão térmica e boa estampabilidade. Agora, quem procura qualidade em soluções ferríticas só precisa encontrar uma marca: KARA.

www.arcelormittalinoxbrasil.com.br

ArcelorMittal

transformando o amanhã

Seja visto

Faça como as maiores e melhores empresas do agronegócio brasileiro...

... apareça nas principais feiras do setor!

AGRISHOW

DATAGRO

Feicana 2010 FeiBio

FENASUCRO & AGROCANA

Fersucro

forind
I Feira de Fornecedores Industriais do Interior de São Paulo

forind Nordeste
II Feira de Fornecedores Industriais da Região Nordeste

MECÂNICA
28ª Feira Internacional da Mecânica

Mostra SUCROENERGÉTICA Centro-Oeste

Network CanaMix

Ribeirão Cana Invest

SIMTEC
www.simtec.com.br



Essencial para quem é do campo e em todas as etapas da agroindústria canavieira

CanaMix
REVISTA DE ECONOMIA DA AGROINDÚSTRIA CANAVIEIRA

Av. Independência, 3262 - Ribeirão Preto-SP
16 3913.2555 - www.pcebaldan.com.br

PC&B

PC&Baldan
PARCERIA DE SUCESSO

do perfil de cana própria ou terceiros. Já uma unidade produtora de açúcar e etanol, com mix de 50% para cada produto e com mix de 50% de cana própria, poderá buscar margens de 20% a 25%. Isso dependerá da gestão das empresas e da composição e administração de seus custos", observa.

A volta dos investidores – Arnaldo observa que o setor volta a ser visto como um bom negócio, o que acirra a disputa pelas boas unidades sucroenergéticas. "Existem pequenas e médias usinas que estão em excelente forma e estão sendo cobiçadas no mercado. Quem recebe uma oferta por sua usina equivalente a 150 dólares por tonelada de cana, não pensa duas vezes e fecha negócio. Estudos apontam que é possível construir uma nova unidade a um valor equivalente a 89 dólares a tonelada de cana, então, dá até para vender a antiga, construir uma nova e ainda ficar com dinheiro no bolso", salienta.

Marcos Neves acredita que os investidores voltam com força total ao setor, trazendo mais dinheiro, o que resulta em aumento de crédito, o que deixa o dinheiro mais barato para captação. "Essa retomada do setor já elevou o valor das unidades instaladas e voltou a ser vantagem investir em novos projetos, com isso, o setor de bens de capital também inicia a recuperação. Para toda a cadeia sucroenergética será um ano para começar a arrumar a casa, pagar as contas e respirar."

Na visão de Marcos Françóia, novos e sérios investidores estão chegando e analisando o setor com "lupa". "A grande dificuldade para acontecer negócios é conciliar o sonho do quanto ganhar com a realidade do mercado", comenta Françóia. Para ele, o ritmo de investimentos em expansão ainda será lento. "A entrada de investimento existirá, mas será uma troca de mãos." Em relação à volta do crédito, Françóia observa que apesar do retorno, bancos e fundos de investimentos estão mais seletivos. "Caráter dos gestores, capacidade de decisão e nível de controles têm sido pontos fortes nas novas análises, feitas de forma mais criteriosa. Quanto ao custo do crédito, ainda estará acima do ideal", ressalta.

Receio de ano bom – o empresário Maurilio Biagi Filho diz que o ano promete ser muito bom, com preços remuneradores, no entanto, escolado com a trajetória do setor, confessa ter receio dos anos considerados bons, porque o setor se folga e costuma fazer besteira. Esperamos que dessa vez essa história não se repita.





Ricardo Stuckert/PR

Lula a espera de um milagre na COP-15

Não foi assim tão ruim

A COP-15 não conseguiu unificar os objetivos ambientais aos econômicos entre países pobres e ricos e nem resultou em compromisso concreto, mas mesmo assim foi válida

Luciana Paiva

Para muitos, a 15ª Conferência sobre Mudanças Climáticas, realizada de 7 a 18 de dezembro em Copenhague, Dinamarca, foi uma grande frustração. No último dia da Conferência, percebendo o fiasco, o presidente Lula discursou de improviso, cobrou posições dos líderes governamentais e disse que só um milagre salvaria a Conferência. O milagre não aconteceu, a COP-15 não chegou a um documento vinculante e sim um instrumento político para um acordo futuro que garanta que o aquecimento do planeta não ultrapasse dois graus Celsius. Também a meta de redução global de 50% das emissões em 50% até 2050 tendo o ano base de 1990, proposta pelo IPCC, não ficou acordada. Em Copenhague os países apenas se disponibilizaram em entregar até 31 de janeiro de 2010 suas metas de redução de emissão e a lista das ações necessárias para sua execução. A COP-15 também não fechou acordo sobre o montante de recursos para financiar as ações de mitigação e adaptação necessários para conter o aquecimento global.

Mas se analisarmos mais profundamente é possível perceber que o resultado não foi de todo ruim. O tema mudanças climáticas teve durante dias grande visibilidade na mídia mundial. Participaram da Conferência 193 países e os líderes mundiais sentiram na pele a pressão popular para a tomada urgente de decisões práticas a favor do planeta. Ficou claro que o peso ambiental será relevante para a continuidade de seus governos, pois as pessoas farão a diferença, como eleitores – preferindo candidatos "verdes" – ou como consumidores, ao cobrarem cada

Minc e Dilma em Copenhague: unidos pelo clima



vez mais o desenvolvimento de produtos e práticas sustentáveis. “Começamos a vivenciar a ‘ditadura do verde’, quem não se alinhar a essa nova conjuntura, seja governo, seja empresa, será excluído do processo”, comenta o empresário Maurílio Biagi, conselheiro da União da Indústria da Cana-de-Açúcar (Unica).

Avanços – por isso tudo, países que nem iam enviar seus chefes de governo à Conferência, além de marcarem presença ainda se posicionaram, pode ser que timidamente, mas já foi um avanço. Um exemplo são os Estados Unidos que apresentaram metas de redução das emissões de gases de efeito estufa (mesmo que muito limitadas) e o país assumiu o compromisso de ajuda financeira às nações mais pobres. Mesmo sendo pouco, não deixa de ser um avanço em relação ao governo Bush. E o Congresso dos EUA está elaborando uma lei sobre o assunto.

Mas talvez uma das contribuições mais significativas venha da China que é o país com maior população do mundo, a economia que mais cresce e ao lado dos EUA é quem mais polui o Planeta. O governo chinês definiu metas voluntárias para ações de controle da emissão de gases de efeito estufa e decidiu que, até 2020, a emissão de dióxido de carbono por unidade do PIB será reduzida entre 40% e 45% em relação a 2005, o consumo da energia não fóssil corresponderá a 15% do consumo primário da energia e a extensão e a reserva de florestas aumentarão respectivamente em 40 milhões de hectares e 1,3 bilhão de metros cúbicos em relação a 2005.


Ricardo Stuckert/PR

O Brasil – a resposta brasileira aconteceu antes mesmo da realização da COP-15, mas também foi sobre pressão. Até o início de outubro, o governo brasileiro nem sabia se o presidente Lula iria à Copenhague e muito menos havia apresentado suas metas de redução de gases causadores do efeito estufa. Mas, percebendo o clamor popular, da mídia e de segmentos econômicos, o Brasil apresentou metas de redução das emissões de gases de efeito estufa de 36,1% a 38,9%, tendo como base as mudanças no sistema da agricultura; no sistema siderúrgico; aprimoramento da matriz energética e o desmatamento da Amazônia e do Cerrado. Além disso, encaminhou para Copenhague uma comitiva enorme (a brasileira foi a maior da Conferência, quase 850 integrantes), com várias autoridades, como o ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, a ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff e o próprio Lula, que deve ter ficado muito satisfeito por ter resolvido ir, já que se tornou uma das estrelas do encontro.

Os presidenciáveis José Serra, governador de São Paulo pelo PSDB e a senadora, Marina Silva, do PV, também se mostraram atuantes na COP-15. Marina afirmou que o país deveria participar de um fundo para financiar ações contra o aquecimento global nos países pobres, como forma de “constranger eticamente” os desenvolvidos a contribuírem também. “O Brasil, que já emprestou recursos ao FMI, pode entrar com US$ 1 bilhão. Pode ser mais, eu não vou ficar triste com isso”, disse a senadora. Após a proposta de Marina Silva, José Serra também defendeu que o Brasil entre com recursos. “O Brasil devia contribuir, porque se o Brasil se dispõe a fazer, e é um país em desenvolvimento, sem dúvida nenhuma vai ampliar a pressão política sobre os países desenvolvidos, que são os que fizeram a grande poluição do mundo. São os principais responsáveis pelo efeito estufa. Vai ser uma pressão a eles, para que compareçam com recursos substanciais”, disse Serra.



Divulgação Unica

O deputado federal Mendes Thame, o governador José Serra e Jank: defesa do etanol na COP-15

Já Minc, ao regressar ao Brasil, disse que apesar de a COP-15 ter sido suficiente para avançar nas questões climáticas global, o Brasil vai cumprir as metas que apresentou na reunião e continuará a cobrar dos países ricos, que são os responsáveis históricos pelo aqueci-



Divulgação Única

Jornalistas e ambientalistas de todo o mundo prestigiaram o evento

paralelas, a intenção era mostrar que o etanol de cana é uma das soluções concretas, disponíveis hoje, para enfrentar os desafios das mudanças climáticas.

Um dos eventos foi organizado pela Aliança Brasileira pelo Clima, que congrega 14 entidades brasileiras que representam a agricultura, florestas plantadas e a bioenergia, entre elas a União da Indústria de Cana-de-Açúcar. Em um debate com a presença do governador de São Paulo, José Serra, do ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc e da senadora Marina Silva, o etanol de cana-de-açúcar ganhou destaque como solução de combate às mudanças climáticas. "Nosso País é o que mais produz etanol com eficiência, devido ao clima favorável

mento, que tomem posturas mais fortes na próxima conferência, em 2010, no México. Segundo Minc, ao cumprir a meta, o Brasil vai emitir menos 1 bilhão de toneladas de CO^2 até 2020. Se não fizesse nada seriam emitidos 2,7 bilhões de toneladas de CO^2.

O etanol teve destaque – a COP-15 oferecia oportunidades importantes para o setor sucroenergético brasileiro, por isso, a Unica aproveitou intensamente a Conferência, as negociações foram acompanhadas de perto por seus integrantes e a entidade montou uma intensa agenda de atividades

Divulgação Única



O presidente da Unica concede entrevistas durante COP-15

Divulgação Única



Jank participa de debate sobre biocombustíveis

e por dominarmos a técnica de produção. Para cada oito unidades de energia de etanol produzidas, utilizamos apenas uma de energia fóssil, o que está contribuindo para a redução das emissões de CO^2 — afirmou o governador Serra.

Ganhos com o etanol – em sua participação no encontro paralelo a COP-15 organizado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Marcos Jank, presidente da Unica, disse que os países latino-americanos têm mais a ganhar do que perder com o mundo de baixo carbono, pois possuem enorme potencial hídrico, geotérmico, eólico e de biomassa. Jank frisou que todos os países podem produzir

energia a partir de fontes renováveis, e os modelos de sucesso existentes devem ser replicados. “A cana-de-açúcar e o etanol são uma oportunidade real”, enfatizou.

Já Géraldine Kutas, assessora Sênior do Presidente da Unica para Assuntos Internacionais, participou como especialista em biocombustíveis de uma mesa redonda organizada pelo Centro Internacional para o Comércio e Desenvolvimento Sustentável (ICTSD, na sigla em inglês), cujo título era “produção e uso de energia limpa: mesclando as regras do comércio internacional e marcos regulatórios”.

“É fundamental que os países reavaliem a adequação das suas políticas comercias e de combate às mudanças do clima. O etanol de cana brasileiro, que tem uma redução de gases de efeito estufa comprovada de mais de 90%, não pode continuar enfrentando altas barreiras tarifárias nos países que fazem da redução das suas emissões uma prioridade. O etanol precisa ser tratado como uma solução energética limpa e não mais como um bem agrícola”, concluiu Kutas.

Unica na Bright Green – dias 12 e 13 de dezembro, paralela à COP-15 aconteceu a Bright Green Expo, que reuniu mais de 10 mil visitantes interessados em conhecer novas tecnologias “verdes” nas áreas de energia, negócios, cidades e



Divulgação Unica

Estande da Unica na Bright Green

modo de vida. A Unica montou seu estande com o tema “Cuide do Planeta Diariamente – a contribuição da cana-de-açúcar para mitigar o aquecimento global”, que permitiu aos visitantes obter informações detalhadas e específicas sobre a experiência brasileira, que data da década de 70, na produção do etanol e da bioeletricidade proveniente do bagaço da cana.

“Todos ficaram verdadeiramente impressionados com o avanço no uso dos biocombustíveis no Brasil, especialmente no setor de transportes. Foi uma surpresa para a maioria saber que o Brasil conseguiu substituir mais de 50% de seu consumo de gasolina por etanol de cana”, contou Desplechin. Segundo ele, a maioria dos visitantes locais, dinamarqueses, questionou por que uma experiência tão bem sucedida não é replicada em outros lugares e por que a Dinamarca não está tão avançada como o Brasil.

Durante a Bright Green Expo a Unica expôs uma versão experimental da “Usina Virtual”, projeto multimídia concebido pela entidade para demonstrar todas as fases de produção de açúcar, etanol e bioeletricidade. Através da Usina Virtual, os visitantes puderam acompanhar todo o processo produtivo da cana-de-açúcar, do plantio à colheita da cana, passando pela moagem, fermentação, destilação, cogeração, embarque dos produtos finais e o dia a dia dos trabalhadores do setor.



Homem de lata

A robotização na indústria aumenta a produtividade e a qualidade do processo de soldagem. A técnica alternativa de produção pode gerar uma economia de 50% do tempo para execução de manutenção

Jaqueline Stamato Taube

Quem não gostaria de ter um homem de lata que funcionasse com apenas alguns movimentos de sons, com direito a piscar, falar e dançar e que pudesse obedecer as ordens e suas funções delegadas através de um sistema de engenharia mecatrônica? Claro, todo mundo. Seria o sonho da humanidade. Mas, essa engenharia não está tão distante assim dos nossos olhos.

No setor sucroenergético, por exemplo, encontrarmos robôs soldadores que executam algumas operações de manutenção em máquinas industriais. Eles não piscam, falam nem dançam, mas as máquinas aplicam a solda independente do homem, ou seja, o técnico só posiciona a máquina e dá a partida.



Arquivo USJ



Robôs de soldagem em operação na USJ, em Araras, SP

O processo de manutenção nos rolos de moenda funciona com arames especiais que possibilitam a utilização dessas máquinas automatizadas, onde é possível ganhar em qualidade e, principalmente, em tempo. Permite fazer mais rolos em menor tempo, o que é fundamental para as entressafras, como vem acontecendo atualmente.

O sistema robótico, utilizado na aplicação de base sobre base, revestimento duro, picote e chapisco, ou seja, em todas as etapas do preparo do rolo de moenda, foi criado com uma estrutura forte, simplificada e permite trabalhar em condições severas nas usinas de cana-de-açúcar. Utilizando de informações do dia a dia da indústria, como tonelagem de cana moída e o índice de terra, através da central de processamento do robô, o sistema calcula automaticamente o tempo de chapisco, intervalo, sobrepasse e demais parâmetros. A central tem autonomia para ligar e desligar automaticamente o sistema, executando o chapisco no horário pré-estabelecido. Como este é totalmente controlado, o plaqueamento dos frisos é eliminado naturalmente e não se faz mais necessário o uso intercalado de chapisco manual com eletrodos. O robô possui ainda sensores que permitem a compensação correta da qualidade de chapisco em cada camisa, o que aumenta a vida útil e também a economia do arame.

Arquivo Equipav



Amauri Zafani, líder de moendas e Afonso Garcia Neto, gerente industrial da Equipav, perto de uma camisa já moldada



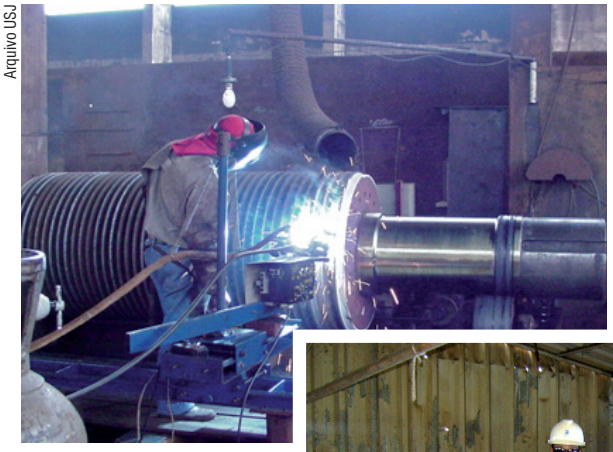
Edi Biazi

Ieda Neto disse: "utilizamos esse processo no Grupo USJ desde 2003"

Tecnologia Australiana – essa tecnologia foi conhecida em visita às usinas da Austrália pelo gerente corporativo do Grupo USJ, José Ieda Neto. Na volta, o executivo solicitou a alguns fabricantes nacionais que desenvolvessem tal processo aqui no Brasil e o sistema vem crescendo cada vez mais.

De acordo com Ieda Neto, o Grupo utiliza esse processo desde 2003 na Unidade de Araras. "Nossas camisas de moendas são de 37"x78" e 42"x84". Na outra Unidade, São Francisco, em Goiás, só temos dois ternos e não implantamos esse processo ainda, mas no futuro próximo será utilizado também na aplicação de chapisco", comenta Neto. Para ele, as vantagens são inúmeras. Rapidez, menor custo, maior quantidade de material aplicado, melhor qualidade, maior durabilidade da aplicação, melhor qualidade de trabalho para o aplicador que fica distante dos gases com menor exposição e mais rolos prontos em menor tempo agilizando a entressafra. A tecnologia automatizada substitui a mão de obra. No caso da Unidade São João, em Araras, SP, a implantação do sistema reduziu um terço da mão de obra.

Arquivo USJ



"O custo da aplicação total com o rolo pronto reduziu em 46% e o tempo reduziu em 50%", descreve Ieda Neto



Arquivo Equipav

Operador do robô, Mauro Sérgio Guimarães de Almeida, o supervisor de solda, Roberto Costa Ferreira e o robô em operação na Equipav

Ganho em tempo de trabalho – com as entressafras cada vez mais curtas, a Equipav, de Promissão, SP, também precisou agilizar seus processos visando economizar em mão de obra e tempo. Em funcionamento desde a entressafra de 2001, a Unidade utiliza o robô de soldagem nas operações de quatro passes de solda (base, sobre-base e laterais) de cada friso, sendo que, no picote, a operação continua sendo feita manualmente. A aplicação de chapisco, segundo o gerente industrial, Afonso Garcia da Silveira Neto, passou por testes anteriores, mas ainda não foi colocado em prática. "Pretendemos refazer os testes e começar a operar durante esta safra", comenta.

Já na Usina São Manoel, situada na cidade de São Manuel, SP, a técnica atual evitou a contratação de novos funcionários, devido à eficiência, segurança e a quantidade de aplicação de chapisco no mesmo espaço de tempo, comparando com a forma tradicional (manual). A aplicação com o robô exige apenas um controlador para configuração dos parâmetros iniciais. Segundo Vinícius Risseti, assistente de produção industrial, o robô é monitorado por controle remoto, onde é determinado os parâmetros e faz quase tudo sozinho. "Uma pessoa consegue aplicar em chapisco manual mais ou menos 13 quilos de eletrodo em um dia em uma única camisa de moenda, já o robô, além de conseguir fazer de dois a três rolos, pode também ter pessoas trabalhando em turnos, girando 24 horas de aplicação, aumentando assim sua eficácia nos trabalhos", explica Risseti. Esta será a segunda safra com a utilização dos robôs soldadores na Unidade que utiliza camisas de 50''x90'' e 78''x37'' e uma tocha para aplicação.

Investimento benéfico – como qualquer implantação tecnológica requer um custo, para este sistema o investimento é alto. Mas, custo este que só traz benefícios na manutenção de máquinas. De acordo com Ieda Neto, o investimento do sistema de robôs de soldagem compensa pelo o que proporciona. "O custo da aplicação total com o rolo pronto reduziu em 46% e o tempo reduziu em 50%", conclui.

Para Risseti, da São Manoel, se levarmos em consideração um período igual para os dois tipos de trabalho, "o investimento é maior do que a aplicação manual, porém os resultados na extração (umidade e outros parâmetros de controle de eficiência da moagem) são melhorados de forma significativa e visível. O custo da aplicação é mais elevado pela quantidade maior de aplicação e também por conta do valor do quilo do arame ser um pouco mais caro que o eletrodo", explica.

Afonso Neto, do Grupo Equipav, diz que o investimento do robô foi de aproximadamente R$ 60 mil, mas que, a um custo de R$ 22,00 o homem-hora, é pago em uma única entressafra. Outra vantagem destacada pelo gerente industrial é quanto à economia de tempo na operação: "Para uma moenda de 78 polegadas, por exemplo, realizar os quatro passes básicos com solda manualmente, gastaria cerca de 180 homens-hora; em contrapartida, com o uso do robô, gasta-se 19 homens-hora para o mesmo trabalho", compara.

Cuidados especiais – os robôs soldadores necessitam de certos cuidados. Conforme lembrou bem Afonso Neto, esse equipamento deve ser robusto o suficiente para trabalhar em ambiente simples, com pouca manutenção, mas precisa operar protegido de ventos para evitar que este carregue o gás que protege a solda, prejudicando a qualidade; além disso, pode resfriar a peça e trincá-la. A peça ainda deve ser isenta de quebras, umidade, ferrugem ou bagaço de cana, porque dificulta a operação: "Isto complica um pouco a soldagem de rolos refrisados", lembra.

No entanto, como qualquer pessoa ou brinquedo eletrônico, um homem de lata também merece cuidados especiais.

Entressafra - a difícil opção de não parar

Usinas estendem safra para o tradicional período de entressafra, mesmo com a má qualidade da cana e o excesso de chuvas

Rogério Barros

A decisão de se estender uma safra para além dos limites tradicionais é cada vez mais frequente em grupos sucroenergéticos. Esta decisão, invariavelmente, recai sobre diversos aspectos, tanto econômicos como os que envolvem a linha de produção, quer seja na área agrícola, ou na indústria.

Há muito observa-se uma tendência de safras cada vez maiores e entressafras curtas, o que faz com que vozes favoráveis e contrárias duelem sobre qual deve ser a opção escolhida no futuro, e porque não dizer no presente.

Se por um lado para a indústria uma safra mais longa é talvez mais benéfica em alguns aspectos, de outro está o setor agrícola, totalmente avesso à colheita de cana nos meses onde tradi-



Grupo Equipav vai moer mais de 1 milhão de toneladas de cana na entressafra

Arquivo

Luciana Paiva



"Precisamos de fluxo de caixa e o excesso de chuvas neste ano atrapalhou muito a moagem", diz Luiz Paulo

cionalmente o Centro-Sul parava para o período de entressafra.

Luiz Paulo Sant'Anna, superintendente do Grupo Equipav, com usinas em Brejo Alegre e Promissão, em São Paulo, destacou que a decisão de prolongar a safra deste ano foi tomada levando-se em conta uma série de fatores, mas o principal deles foi mesmo a questão econômica. "Precisamos de fluxo de caixa e o excesso de chuvas neste ano atrapalhou muito a moagem, fazendo com que mais de dois milhões de toneladas de cana sobrassem em nossos canaviais", destacou Sant'Anna.

O objetivo da Equipav é conseguir processar pelo menos um milhão de toneladas no período de entressafra, entre os meses de dezembro de 2009 e março de 2010, das quais 600 mil toneladas são de cana bisada do ano anterior, ou seja, caso não atinja esta meta a usina estará na próxima safra com um contingente grande de cana bisada por duas vezes, sem corte em duas safras. Até dezembro as duas usinas do Grupo haviam processado 7,5 milhões de toneladas.

O superintendente da Equipav destaca que a realidade das duas usinas do Grupo é diferente. "A Usina Biopav, de Brejo Alegre, é nova, e desde que começou a operar, em outubro de 2008, não parou ainda para manutenção. Já a Equipav, de Promissão, por ser uma usina mais antiga, deve sofrer uma manutenção mais profunda, mas para isso fizemos uma matemática logística", disse.

Nos planos da Equipav estão a paralisação alternada de ternos de moenda, o que só é possível pelo fato da usina possuir duas entradas de cana. Serão quatro paradas para manutenção principalmente das correntes de mesa, esteira e rolos de moenda, além de reparos na fábrica de açúcar e na destilaria, tudo, de forma sincronizada e que permita uma produção constante, sem interrupção da produção neste período.

A Clealco também não para – outro grupo que decidiu manter a moagem na entressafra foi o Grupo Clealco, com usinas em Clementina e Queiroz, também em São Paulo. Segundo o coordenador de processo industrial da Clealco, João Roberto da Silva Amaral, a decisão pela manutenção da moagem neste período levou em conta uma série de fatores.

Arquivo Clealco



Na Clealco, mesmo mantendo-se a moagem e produção na entressafra, todos os equipamentos da usina são reparados

Para ele, o desgaste de equipamentos em uma usina é natural e não deve ultrapassar mais de oito meses sem qualquer manutenção.

"O desgaste natural dos materiais que compõem os equipamentos, devido ao tempo de trabalho, leva a tomada de decisão de fazer a manutenção, principalmente nas moendas, onde o desgaste dos rolos faz com que haja perda em eficiência na moagem", destacou o coordenador da Clealco.

Amaral explica que na verdade todos os equipamentos da usina são reparados, mesmo mantendo-se a moagem e produção na entressafra, todavia, o que é levado em conta é a forma como esta manutenção é realizada. Na análise feita pela unidade, os equipamentos da curva A, que demandam mais tempo de manutenção e atenção, e que param o processo, são os mais preocupantes.

Vale o sacrifício? – Sant'Anna explica ainda que os estudos para se chegar a conclusão final de se vale a pena ou não manter uma safra mais longa, ainda não foram totalmente fechados. "Dentro das vantagens de safras mais longas vemos o aumento do fluxo de caixa num período em que as usinas não tinham qualquer receita; a manutenção das equipes industriais; a diluição dos custos de produção, uma vez que você terá uma safra maior; e um tema polêmico: com entressafra curta, acabamos reparando somente o extremamente necessário, economizando assim com a manutenção de forma geral", explica o superintendente da Equipav.

Contrários à manutenção da safra no período da entressafra, a alegação dos profissionais que trabalham na área agrícola leva em conta outros fatores preponderantes, como o pisoteio de soqueiras; excesso de chuvas, o que dificulta muito a colheita; baixa qualidade da cana-de-açúcar, com índices de ATR (açúcares totais recuperáveis) muito baixos; dentre outros.



Arquivo Clealco

Moenda na Clealco: manutenção garantida



Arquivo Clealco

O excesso de chuvas derrubou os índices de ATR

ATR baixo – para se ter uma noção do tamanho do problema enfrentado por quem decide manter uma safra longa, basta analisarmos os índices de ATR da cana que está sendo processada neste período.

A média de 2009, até 15 de dezembro, segundo a União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Única), foi de 131,25 quilos de ATR por tonelada de cana processada, ou seja, queda de 9,83 quilos por tonelada se comparado à safra passada.

Neste período de entressafra, a Equipav, por exemplo, tem moído cana com ATR de 85 a 90 quilos por tonelada, o que de certa forma já inviabiliza a produção de alguns tipos de açúcar, segundo destacou Sant'Anna.

De acordo com o superintendente da Equipav, abaixo de 90 quilos de ATR por tonelada já não compensa a produção de açúcar, devendo toda a produção se concentrar no etanol.

Estes números fazem com que os grupos repensem suas estratégias. Mesmo a Equipav acredita que se continuar chovendo acima da média (estima-se que esta safra foi a mais chuvosa dos últimos 30 anos), as unidades do grupo podem ser obrigadas a finalizar a safra, mas esta decisão vai ficar mesmo para meados ou final de janeiro.

forInd Nordeste

II Feira de Fornecedores Industriais

Venha fornecer para o mercado que mais cresce no Brasil

13 a 15 de Abril 2010

Centro de Convenções de Pernambuco - Olinda/PE



ForInd Nordeste:

Realização: MULTIPLUS FEIRAS & EVENTOS

Apoio: FIEPE, CIEPE, SEBRAE

sp studio

Mostra SUCROENERGÉTICA Nordeste

II Mostra Sucroenergética do Nordeste

ENCONTROS DE NEGÓCIOS

Rodada com as principais industrias da região



Mostra Sucroenergética Nordeste:

Realização:

STAB Regional Setentrional
Sociedade dos Técnicos Açucareiros e Alcooleiros do Brasil

Apoio:

ATALAC
SINDAÇÚCAR
UFRPE - EECAC RIDESA
CEISE
STAB Sociedade dos Técnicos Açucareiros e Alcooleiros do Brasil

Promoção e Comercialização:

MULTIPLUS FEIRAS & EVENTOS

16 2132-8936
R. Conde Afonso Celso, 436
CEP 14025-040 - Ribeirão Preto - SP
www.mfe.com.br
multiplus@mfe.com.br

Como reduzir o custo operacional

Consultores e produtores indicam soluções de como reduzir os custos de produção da cana-de-açúcar com sugestões tecnológicas nas operações agrícolas, industriais e administrativas

Jaqueline Stamato Taube

No processo para obtenção dos produtos da cana-de-açúcar, os custos envolvidos nas atividades operacionais e agrícolas representam grande peso no valor final. Uma das maneiras de reduzi-los é implementar novas tecnologias na mecanização agrícola utilizando uma combinação mecânica e eletrônica. Em complemento, a utilização da tecnologia da informação combinada com o uso de componentes inteligentes pode ajudar a melhorar o desempenho de máquinas e equipamentos.



Divulgação

Plantio direto com soja e cana traz benefícios ao solo e reduz custo de produção

Para alguns analistas do setor, saber o quanto se gasta em cada item para fornecer o açúcar não é uma tarefa muito simples. Um Modelo de Análise Econômica-Financeira (MAEF) adotado por algumas unidades produtoras com o critério diferente de avaliar o custo de produção baseado no fluxo de caixa e não nas informações contábeis é uma sugestão. O princípio do fluxo de caixa é: (Receitas) - (Despesas) = Resultado, ou (Saldo Anterior) + (Entradas) - (Saídas) = Saldo Atual.

O Modelo sugerido pela Sucrotec Assessoria e Consultoria foi apresentado na oitava edição do 'Seminário sobre Redução de Custos na Agroindústria Canavieira', que aconteceu nos dias 25 e 26 de novembro de 2009, no Centro de Convenções de Ribeirão Preto. A metodologia usada é para a projeção do resultado da safra corrente e de safras futuras. Foram considerados somente itens de despesa operacional, não incluindo valores de depreciação e despesas financeiras nem gastos com investimentos, exceto plantio de cana.

Diesel e açúcar em alta – o custo operacional na produção de açúcar pode chegar a quase R$ 25,00 por saco de 50 quilos, baseado na conversão padrão UNICOP Copersucar que visa a equivalência de custos de produção entre os produtos. Apesar de a commodity estar em um processo de valorização mundial, o açúcar representa apenas 5%, mas, para o especialista da Sucrotec, Francisco Oscar Louro Fernandes, que trabalha há 14 anos com Usinas na parte econômica, financeira e custos, o setor pode entrar em um ciclo mais alto de preços de açúcar e, possivelmente, ter alguns anos de bonança no preço dessa commodity. "Se pegarmos o consumo mundial de açúcar e somar o crescimento vegetativo, aumentaríamos três milhões de toneladas na produção de açúcar. Esse crescimento vegetativo aliado ao crescimento das commodities pode apresentar preços remuneradores ao longo das próximas safras", prevê o especialista. Para ele, o que mais empata a produção de açúcar, etanol e energia é o óleo diesel na evolução de custos de produção, pois é o componente que mais sofre aumento. A projeção média para o etanol anidro chega a R$ 0,79 por litro e o etanol hidratado a R$ 0,73 por litro, segundo cálculos de Fernandes.



Divulgação

"O Brasil ainda produz a cana, o açúcar e o etanol mais barato do mundo, mas perdeu competitividade", disse Dib

Menor custo no corte mecanizado – nos cálculos da Sucrotec, a evolução dos custos agrícolas é de R$ 35,00 por tonelada de cana. Para Fernandes, historicamente é baixo. "O que mais afetou nos custos são novos plantios e novas expansões", comentou. Já o custo corrigido da cana de fornecedores, que varia de acordo com o produto é de R$ 62,00 por tonelada de cana embutido os subsidiários, sendo que a previsão era de R$ 47,25, mas poderia ser maior se não fosse pela ATR. O custo industrial, onde é possível detectar mais claramente uma redução de custo devido o aumento de moagem, chega a R$ 3,81 por UNICOP. O administrativo, onde o principal componente é o imposto de renda, apresenta um custo enxuto de R$ 2,76 por UNICOP. No entanto, o custo total na evolução é de R$ 24,94 por UNICOP, conforme valor

Evolução dos Custos de Produção – Média x Proj. 09/10

Custo (R$ de set/09)	média 99/00 a 08/09	2009/10 (proj.)
Custo Operacional		
R$ por Saco Açúcar de 50 kg	25,84	24,94
R$ por litro de Etanol Anidro	0,82	0,79
R$ por litro de Etanol Hidratado	0,76	0,73

– Não inclui Depreciação, Despesas Financeiras e Aquisição de Imobilizado
– Inclui despesas com plano de cana
– Posto Usina

Fonte: **Sucrotec**

Evolução dos Custos de Produção – Média x Proj. 09/10

Custo (R$ de set/09)	média 99/00 a 08/09	2009/10 (proj.)	Var. %
AGRÍCOLA (R$/tonelada)(2)	**46,81**	**42,01**	**-10%**
Mão de Obra	17,40	17,75	2%
Manutenção	4,24	5,21	23%
Adubos, Herb. e Sem.	8,28	5,18	-37%
Combust. e Lubrificantes	6,25	8,82	41%
Serv. Contratados/Diversos	4,41	-1,96	-144%
Arrendamento	6,22	7,04	13%
CANA FORNECEDORES (R$/t)	**49,18**	**47,25**	**-4%**
MATÉRIA-PRIMA (R$/t)	**47,53**	**43,91**	**-8%**
Rendimento Industrial (unicop's/t)	2,68	2,39	-11%
MATÉRIA-PRIMA (R$/Unicop)	**17,74**	**18,37**	**4%**
INDUSTRIAL (R$/Unicop)	**4,52**	**3,81**	**-16%**
Mão de Obra	2,04	1,94	-5%
Manutenção	2,12	1,84	-13%
Insumos	0,63	0,73	16%
Energia Elétrica	0,05	-0,11	-337%
Outros	-0,31	-0,59	89%
ADMINISTRAÇÃO (R$/Unicop)	**3,58**	**2,76**	**-23%**
Mão de Obra	1,46	1,35	-8%
Assistência Social	0,28	0,32	13%
Encargos Tributar.	0,85	0,30	-64%
Despesas Diversas	0,98	0,79	-20%
CONSOLIDADO (R$/Unicop)	**25,84**	**24,94**	**-3%**

(1) - Exclusive Depreciações e Despesas Financeiras
(2) - Cana Própria + Arrendada

Fonte: **Sucrotec**

O quadro mostra a evolução dos custos de produção

Venda energia (1 Usina)
Representa R$ 0,21 na média

acima arredondado. O especialista afirma que o corte mecanizado reduz o custo operacional. Na parte agrícola é possível ter uma redução de 10%, e se extrair os custos de arrendamentos pode-se ter 14% de redução, considerado bem baixo pelo especialista. Na concepção de Fernandes, "para garantir remuneração do capital investido, o custo de produção do açúcar teria que chegar a R$ 40,00 por saca de açúcar, assim seria uma boa remuneração, ou seja, 10% acima do custo total.

Plantio direto é a bola da vez – sabe-se que quase 72% dos custos de produção estão na matéria-prima. Os preços do etanol e açúcar oscilam e vão continuar em função da oferta e demanda do mercado mundial. Apenas um terço do açúcar é para o mercado interno. Segundo o consultor Dib Nunes, o setor sucroenergético está em processo de melhoria contínua para enfrentar os aumentos frequentes nos custos de produção e a perda de competitividade. "O Brasil ainda produz a cana, o açúcar e o etanol mais barato do mundo, mas perdeu competitividade. Para o País ter lucratividade, que nada mais é que o resultado de uma série de ações gerenciais, tecnológicas, operacionais e fatores externos interferentes, há três caminhos: adotar técnicas de produção para obter ganhos nos processos, reduzir custos através de gestão técnica-econômica-operacional e reduzir perdas nos processos", proclamou Dib.

Na opinião dele, para obter ganhos nos processos produtivos há duas formas: com investimento ou sem investimento. Dib expressou com propriedade que em cada sistema de plantio de cana-de-açúcar (convencional, reduzido ou direto) há um custo distinto. No plantio convencional o custo é de 100%, no sistema de preparo reduzido o custo é de 92% e no plantio direto é de 83%. Veja o quadro de comparação entre os sistemas de plantio.

Soja/Cana/Soja – a solução encontrada pelo consultor e que traz diversas vantagens para o solo é o sistema do plantio direto soja/cana/soja. Com esse princípio, é possível obter desinfestação do solo (controle daninhas); combate às pragas diatraea e elasmo; tem melhor qualidade da sulcação em períodos de estiagem; melhor receita com a soja na entressafra; apresenta incorporação de nitrogênio e matéria orgânica no solo; produz alimento; reduz terra na cana; reduz o número de equipamentos por

SISTEMAS DE PLANTIO DE CANA
Comparação entre os Sistemas

1. Convencional	2. Preparo Reduzido	3. Direto
• Soca de cana ou área nova • Sistematização e Limpeza • Aplicação de corretivo	• Soca de cana ou área nova • Aplicação de corretivo • Sistematização e Limpeza	• Soca de cana ou área nova • Aplicação de corretivo • Sistematização e Limpeza
• Aração • Grade - Pesada (1 a 2) • Grade Intermediária • Subsolagem • Grade Niveladora • Aplicação de Herbicida (PPI) • Grade Niveladora (Incorporar herbicida)	• Eliminação química de restos de Cultura e plantas daninhas • Grande Intermediária/ Subsolagem	• Eliminação química de restos de Cultura e plantas daninhas
• Cultura de soja	• Cultura de soja	• Cultura de soja
• Plantio de cana	• Plantio de cana	• Plantio de cana
CUSTO: 100%	**CUSTO: 92%**	**CUSTO: 83%**

Fonte: **Alta Mogiana**

O quadro mostra a comparação entre os sistemas de plantio de cana

hectare; possui maior umidade no plantio da cana; entre outros benefícios. Outro destaque é quanto ao sistema de plantio de meiosi. “Este sistema é uma excelente alternativa para reduzir custo de produção porque a outra cultura é plantada ao lado da área de renovação da cana”, afirma. Dib orienta ainda que uma das saídas para compensar o custo elevado na colheita mecanizada é substituir o diesel nas Usinas. “O consumo de diesel chega a 1,2 bilhão de litros por ano. Para cada tonelada de cana o consumo do combustível é de aproximadamente dois litros”, conclui Dib.

Rotação de culturas – outra técnica usada para haver redução de custos na produção de cana é a rotação de culturas. A região de Ribeirão Preto se destaca por ser a maior produtora de amendoim em razão da rotação de cultura. A rotação é uma técnica agrícola que visa a conservação do solo, promove a rotação de herbicidas e inseticidas e melhora o controle de plantas daninhas e insetos pela quebra de seu ciclo de desenvolvimento. Para o gerente do departamento técnico da Canaoeste, de Sertãozinho, SP, Gustavo de Almeida Nogueira, o objetivo principal da rotação de cultura é utilizar da melhor forma a capacidade de produção dos solos, mantendo e melhorando suas propriedades físicas, químicas e biológicas. “Diminuir a incidência de doenças, pragas e ervas daninhas, reduzir perdas de solo por erosão, diversificar renda e explorar sinergias são fatores favoráveis à rotação”, explica Gustavo.

Para ele, há três motivos para a adoção do plantio entre ciclos de cana; entre eles social, econômico, técnico e erosão. 1) Social - porque promove o desenvolvimento e a sustentabilidade do setor rural produzindo mais alimentos, gera mais renda na cadeia produtiva do agronegócio, melhora a imagem do setor na sociedade urbana e rural, existe terras, clima, recursos humanos e infraestrutura prontas, inclusive estradas, portos e armazéns, gera mais empregos diretos na propriedade e indiretos no comércio, indústria e serviços. 2) Econômico – porque plantar grãos também é lucrativo e diversifica a renda, o preparo do solo, correções, conservação do solo tem que ser feito para o plantio da cana, reduz os custos de produção da cana ou da cultura, mesmo com pouco investimento pode-se melhorar a infraestrutura de trabalho na área agrícola, a estrutura existente pode ser aproveitada e melhora o fluxo de caixa na época do plantio e no início da safra. 3) Técnico – porque o risco climático não é significativo, melhora as propriedades físicas, químicas e biológicas do solo, a soja e o amendoim fixam nitrogênio, diminui a incidência de pragas, doenças e ervas daninhas e reduz perdas de solo por erosão - principal causa de empobrecimento e desgaste do solo.

Benefícios da palha – em meados


Arquivo Canaoeste

A rotação de culturas conserva o solo e reduz custos

de 99/00, deu-se início em propriedades da região de Ribeirão Preto, SP, experiências de plantio direto da soja e amendoim sobre a palha da cana. Estes experimentos resultaram em redução nos custos de produção da soja e da cana, aumentou a produtividade e também aumentou a longevidade do canavial. A palha impede o impacto direto das gotas de chuva sobre a superfície do solo e, consequentemente, evita a desagregação das partículas, que daria início ao processo erosivo.

O gerente do departamento técnico da Canaoeste conclui que as vantagens do plantio direto da soja entre ciclos de cana são, especificamente, redução do número de equipamentos por hectare, redução do número de operações, melhor conservação do solo (cobertura morta), melhor germinação da soja, manutenção da umidade no solo, maior agilidade no plantio de soja, melhor qualidade da sulcação em períodos de estiagem e possibilidade de receita com a soja na entressafra. "Reduzir custos é aumentar a produtividade sem aumentar os gastos", filosofa Gustavo.

Arquivo Canaoeste



A palha só traz benefícios

Vinhaça como adubo orgânico – o Grupo Cerradinho, com unidades em Catanduva e Potirendaba, SP e Chapadão do Céu, GO, depois de algumas experiências em trabalhar com a vinhaça in natura, passou a integrar as plantas para produção de vinhaça concentrada e adubo líquido. A partir de março de 2010, dará início na operação com 100% da vinhaça concentrada com vazão média de entrada de 240 metros cúbicos por hora, vazão média de saída de 25 metros cúbicos por hora e saída da vinhaça com 25º Brix. A primeira fase do concentrador de vinhaça, iniciada em agosto de 2008, com vazão média de entrada de 100 metros cúbicos por hora e saída com 20 metros cúbicos por hora tinha instalação de concentrador piloto acoplado utilizando vapor residual da cabeça das colunas de destilação.

Para o engenheiro agrônomo e diretor agrícola do Grupo, Luiz Antônio Paiva, o concentrador de vinhaça é o mesmo de suco de laranja. As vantagens dessa tecnologia para a produção agrícola são econômicas e ambientais. "O adubo orgânico mineral é mais vantajoso que o adubo químico e a fermentação é mais concentrada. Em uma área de 10 a 80 quilômetros o custo da aplicação no campo varia de R$ 318,00 a R$ 367,03. O investimento do equipamento até o processo operacional não é tão oneroso, pode chegar a R$ 7,5 milhões", comentou Paiva. O próximo passo do Grupo é concentrar organo mineral sólido.

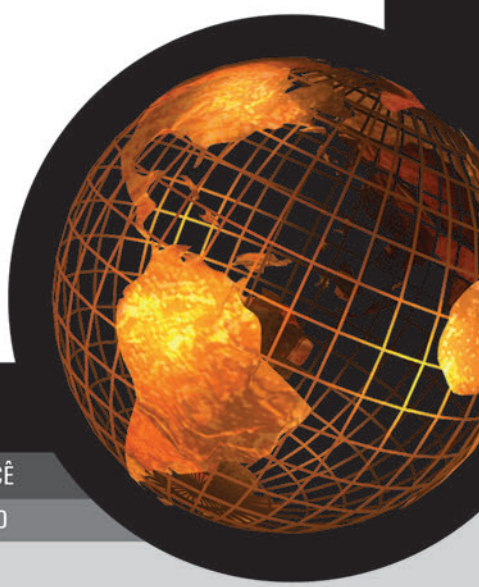
PRÓXIMO PASSO: ORGANO MINERAL SÓLIDO

Arquivo Grupo Cerradinho



Luiz Antônio Paiva: "O adubo orgânico mineral é mais vantajoso que o adubo químico. O próximo passo é concentrar organo mineral sólido".

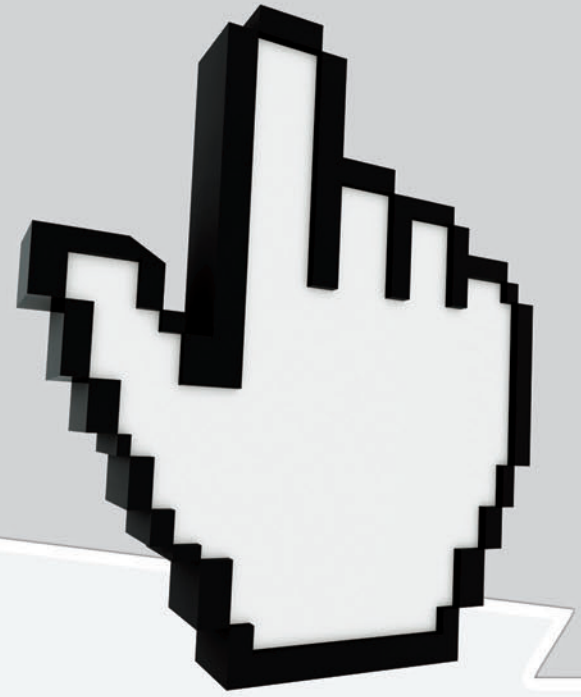
RGB
comunicação



MAIS DE 250 WEBSITES PUBLICADOS

EXPERIÊNCIA E TECNOLOGIA TRABALHANDO PARA VOCÊ

A MAIOR EQUIPE DE PROFISSIONAIS WEB DA REGIÃO



WEBSITE RGB

CONECTA VOCÊ COM O MUNDO

POR QUE A RGB COMUNICAÇÃO?

Credibilidade de mais de 250 websites publicados
Design Diferenciado e exclusivo desenvolvido sob medida para o seu negócio
Tecnologia de vanguarda aplicada a todos projetos desenvolvidos
Serviço de Atualização com equipe exclusiva para cuidar do seu site após a publicação
Acessibilidade a equipe com respostas imediatas
Pesquisa e Desenvolvimento constantes de novas tecnologias
Condições de Pagamento Diferenciadas que só uma grande empresa pode oferecer
Experiência no Setor Industrial que faz toda a diferença para seu negócio

www.rgbcomunicacao.com.br

GRANDES MARCAS DO SETOR SUCROALCOOLEIRO QUE CONFIAM NO NOSSO TRABALHO

brumazi | Fundição Moreno | Grupo Authomathika | brasil@gro | Mercosul Enerbio
VRA | SRS serviços de revisões | Sermasa Equipamentos Industriais Ltda. | Saccharum Tecnologia em Açúcar e Álcool | VedaCert Vedações Dinâmicas
FAV Fundição Água Vermelha | JW | nexus E.P.I. | Run Time® Automação Industrial & Metrologia | Tecnosugar Tecnologia em Açúcar e Álcool

WEBSITES INTELIGENTES | E-MAIL MARKETING | CAMPANHAS ON-LINE | VÍDEOS EMPRESARIAIS | COMERCIAIS E PROGRAMAS DE TV

www.rgbcomunicacao.com.br
Barão do Rio Branco, 655 - Centro - Sertãozinho - SP
comercial@rgbcomunicacao.com.br
16 3947-1343

Especialista em Mídia Digital

Saúde no setor

Ao cuidar da saúde do colaborador o gestor investe na saúde da empresa


Arquivo Jalles Machado

Atendimento médico na Jalles Machado SA

Jaqueline Stamato Taube
e Luciana Paiva

Entre os benefícios oferecidos pelas empresas, a assistência à saúde para os funcionários e seus dependentes é um dos mais valorizados. A garantia de que terá atendimento médico e hospitalar transmite às pessoas sensação de tranquilidade, além de reforçar junto ao trabalhador a imagem de que a empresa se preocupa com seu bem-estar. E quando os funcionários sentem que a empresa cuida deles, eles também cuidarão melhor dela, ao produzir trabalho de mais alta qualidade e permanecendo mais tempo no trabalho. O item assistência médica é tão valorizado que passou a influenciar profissionais concorridos no mercado na hora de optarem por qual empresa trabalhar, aquela que oferece melhor pacote de benefícios, mesmo com um salário um pouco menor, é, geralmente, a escolhida.

Durante muito tempo, cuidar da saúde dos funcionários – por meio de segurança no ambiente de trabalho, práticas preventivas como ginástica laboral, campanhas de vacinação, atendimento médico no local de trabalho e planos de saúde – não fazia parte da gestão das empresas. Com a humanização nas relações trabalhistas – por meio da criação de leis e normas que asseguram mais direitos ao trabalhador – e pela ação do mercado – que prega uma produção socialmente e ambientalmente responsável – as empresas passaram a aumentar seus investimentos para oferecer "mais saúde" ao funcionário.

No setor sucroenergético a assistência na área de saúde vem evoluindo dia a dia, detalhes fundamentais como plano de saúde aos rurícolas, prática pouco comum há alguns anos, passou a ser empregada em várias unidades produtoras. De acordo com o gerente de recursos humanos da Abengoa Bio-Energy, Erotides Gil Bosshard e também presidente do Grupo de Estudos em Recursos Humanos na Agroindústria



Gil Bosshard: "empresas adotam planos de saúde para todos os funcionários e dependentes"

(Gerhai), há mais de cinco anos, poucas empresas mantinham assistência médica para os rurícolas com operadoras de planos de saúde. “Os departamentos de Assistência Social das unidades produtoras mantinham bom relacionamento com o Sistema Único de Saúde (SUS) para onde eram encaminhados os rurícolas e seus dependentes quando necessitavam de atendimento médico ou procedimento laboratorial e hospitalar. Mas hoje, a maioria das empresas opera com planos de saúde para todos os seus funcionários e dependentes”, diz.

Provedores de saúde - a Unimed oferece plano de saúde ou convênio médico para usinas da região de Ribeirão Preto com vários programas específicos. De acordo com o responsável pelas relações comerciais da Federação das Unimeds Nordeste Paulista, Carlos Taveira, a empresa disponibiliza um mix de produtos que atende a necessidade de todas as áreas da empresa sucroenergética. “Para os rurícolas, temos planos diferenciados nos Centros de Referências espalhados por nossa região e também em nossa rede de hospitais e laboratórios”, diz. Os planos específicos são: Acidente de Trabalho Completo (AT); Departamento de Saúde Ocupacional (DSO) que oferece palestras, exames e orientações; Qualidade de Vida - com suporte de nutricionistas e psicólogos; Programa de Controle Audiométricos (PCA); orientação para afastamentos de funcionários pela previdência com retorno; Programa de Incentivo à Produção (PIP); Absenteísmo e até Projeto Félix Escola de Informática que proporciona aos filhos dos rurícolas a oportunidade de aprender informática.



Edi Biazi

“Temos planos diferenciados para os rurícolas nos Centros de Referências da região”, afirma Taveira

Segundo Taveira, a Unimed tem parceria com sete hospitais 24 horas na região nordeste paulista, 15 pronto-atendimentos com funcionamento 24 horas, três centros de diagnósticos, cinco laboratórios, quatro centros de quimioterapia, quatro centros de reabilitação fisioterápica, seis centros de atendimento médico, treze centros de medicina preventiva, oito centros de medicina ocupacional, 28 farmácias e seis ópticas próprias, além de hospitais e laboratórios credenciados em toda a região.

Plano personalizado – a São Francisco Saúde é uma provedora que está se especializando a atender as unidades sucroenergéticas. Segundo o superintendente Lício Cintra, um dos principais diferenciais da São Francisco Saúde na prestação de serviços médicos para o setor é a capacidade de adequar o modelo assistencial levando em consideração às características do usuário e a infraestrutura médica e hospitalar existente na região de influência da Usina. “Na fase de implantação é levantado junto à área responsável pela concessão de benefícios da Usina a distribuição dos colaboradores e as necessidades dos diferentes públicos. Em seguida, nossas áreas médica e de credenciamento desenham o melhor fluxo de atendimento, considerando os recursos disponíveis, bem como a instalação de unidades próprias de atendimento”, destaca.



A São Francisco Saúde se especializou no setor sucroenergético e, atualmente, tem mais de 20 usinas clientes, dentre elas a SantelisaVale, Abengoa, Viralcool, Grupo Moreno, Usina Ferrari, Grupo Noble, Usina Santa Adélia, todas no Estado de São Paulo; Usina Vista Alegre, Santa Helena e AdecoAgro, no Estado do Mato Grosso do Sul, além de fornecedores do setor. Para atender com qualidade, Cintra destaca que além de credenciar os principais recursos médico-hospitalares nas cidades em que atua, a empresa possui unidades próprias de atendimento em dezenas cidades.

Em Sertãozinho, cidade onde se concentra grande número de trabalhadores do campo, a São Francisco Saúde conta com uma parceria com o Netto Campello Hospital e Maternidade. "A parceria trouxe benefícios aos clientes São Francisco de Sertãozinho e das cidades ao redor que passaram a ter um ótimo recurso hospitalar dentro de Sertãozinho e o suporte do Hospital São Francisco em Ribeirão Preto para alta complexidade hospitalar", lembrou Cintra. Em agosto deste ano foi inaugurado o Pronto-Atendimento em Sertãozinho. "Esta é a nossa terceira unidade própria construída na cidade em apenas um ano e meio, resultado de um grande crescimento do número de clientes que hoje supera os 40 mil na região", finaliza.



Lício Cintra: "Nosso diferencial é a capacidade de adequar o modelo assistencial na região de influência da usina"

Medicina preventiva - o Grupo São Martinho, que inclui as Usinas São Martinho, em Pradópolis, SP; Iracema, em Iracemápolis, SP e Boa Vista, em Quirinópólis, GO; está entre as empresas sucroenergéticas que investe em manutenção e preservação da saúde de seus colaboradores e dependentes. Segundo a assessoria de imprensa do Grupo, todos os colaboradores e seus dependentes, sem distinção de área ou processo de trabalho, estão cobertos por plano de saúde por meio de operadoras especialmente contratadas para este fim. Atualmente são beneficiados 8.500 colaboradores do Grupo distribuídos nas unidades produtoras e centros administrativos, totalizando, aproximadamente, 22 mil vidas assistidas na área. O plano de saúde oferecido pelo Grupo compreende cobertura para atendimentos ambulatoriais, hospitalares e obstétricos para os beneficiários. Além do plano de saúde, a empresa investe em cobertura especial para atendimentos decorrentes de acidentes que possam ocorrer no trabalho, diretamente através das mesmas operadoras de saúde, para 100% dos colaboradores,



O Grupo São Martinho investe em projetos de medicina preventiva e beneficia 8.500 colaboradores

Arquivo São Martinho

sem onerar o sistema público de saúde das cidades de seu entorno.

O serviço disponibilizado no ambulatório das unidades objetiva, exclusivamente, o atendimento à saúde ocupacional dos colaboradores e, quando necessário, o acompanhamento ao acidentado do trabalho. Na área agrícola, as unidades disponibilizam o atendimento de enfermagem e transporte especializado via ambulância, quando necessário, para a operadora na área urbana.

De acordo com a assessoria do Grupo São Martinho a empresa desenvolve projetos de medicina preventiva onde são identificados os trabalhadores pertencentes aos grupos de risco (diabéticos, hipertensos, etc.), que são acompanhados periodicamente, independentemente do atendimento à legislação. São também realizadas várias ações e treinamentos relacionados à manutenção e preservação da saúde de todos os colaboradores, tais como: campanhas de vacinação anti-gripal, contra hepatite e febre amarela; campanhas de saúde bucal, educação alimentar; qualidade de vida; realização de ginástica laboral; capacitação dos técnicos de saúde para a direção defensiva e segura no momento do resgate de vítimas; capacitação como "Socorrista" - direcionado à colaboradores de equipes e frentes de trabalho agrícola.



A Jalles Machado também oferece assistência odontológica para colaboradores e dependentes

Saúde na Jalles Machado – lá em Goiás, a Jalles Machado SA, localizada na cidade de Goianésia, é outro exemplo de cuidado com a saúde dos funcionários. A empresa oferece plano de saúde aos seus colaboradores e dependentes nos serviços médico-hospitalares, ambulatoriais e laboratoriais para exames de alta complexidade. Possui ambulatório médico na cidade e na Indústria, localizada na zona rural, com profissionais capacitados, além de convênios com hospitais, clínicas e laboratórios em Goianésia, Anápolis e Goiânia. Para os colaboradores e dependentes que necessitam de tratamentos especializados, a empresa oferece transporte gratuito.

A empresa disponibiliza uma farmácia estruturada, com profissionais especializados. Os remédios são repassados a preço de custo, o que os tornam mais baratos que o valor de mercado. A empresa também facilita a forma de pagamento. O montante gasto pelo colaborador é descontado em até 10 % do valor de sua remuneração, sendo o restante parcelado da mesma



forma, sem juros, até o término do débito. Também é oferecida assistência odontológica aos colaboradores. A empresa conta com excelentes profissionais, instalações e equipamentos modernos seguindo as normas dos órgãos de fiscalização e materiais de consumo de primeira qualidade, possibilitando um tratamento de alto nível. A assistência é prestada nas áreas de clínica, endodontia, cirurgia, prevenção e urgência.

Ambulatório móvel - desde 2001, a Usina Santa Cruz, localizada em Américo Brasiliense, SP, oferece para 3.200 colaboradores convênio médico pela Unimed. E, desde junho de 2007, a Santa Cruz desenvolve o projeto "Saúde Móvel". Um ônibus, totalmente transformado em ambulatório clínico, com sala de pré-consulta, enfermaria, banheiro e consultório, visita às frentes de trabalho para facilitar a realização de exames médicos periódicos nos colaboradores, principalmente os da área agrícola.

No dia anterior à visita do Saúde Móvel, o fiscal da turma é informado e comunica os funcionários sobre a vinda do ônibus, a realização dos exames e a necessidade de trazer a carteirinha de vacinação. O ônibus estaciona em local apropriado, é estendida uma tenda, bancos são colocados para o descanso de quem aguarda e existe até música ambiente para descontrair. No ônibus, encontra-se uma equipe multidisciplinar formada por médico do trabalho, técnica de enfermagem, enfermeira, fisioterapeuta e uma fonoaudióloga – que realiza os exames audiométricos (do aparelho auditivo) em operadores de colhedoras, motoristas de tratores e caminhões.

O primeiro passo realizado pela equipe é levantar o histórico sobre a saúde do trabalhador, para isso, os funcionários são entrevistados antes das consultas. Durante as avaliações, também serão realizados levantamentos ergonômicos para melhorar as condições de saúde dos colaboradores e evitar problemas de coluna.

Nos períodos de chuva, que impedem o corte, o Saúde Móvel transforma-se em espaço para a realização de "bate-papos" entre os profissionais da área médica e os trabalhadores, que podem tirar dúvidas sobre como cuidar melhor da saúde e recebem informações para prevenir gripes, diabetes e outras doenças.

Carlos Venturini, gerente de recursos humanos, salienta que os atendimentos são realizados nas condições reais de trabalho, o que melhora o diagnóstico e assegura uma melhor assistência ao trabalhador. O ambulatório móvel beneficia 1500 rurícolas (no campo) e outros 1700 colaboradores em ambulatório na Usina.

Arquivo Santa Cruz



O "Saúde Móvel": mais saúde para o colaborador

Arquivo Santa Cruz



Na frente de trabalho: equipe de saúde e trabalhadores rurais

www.forind.com.br

forind 2010

IV Feira de Fornecedores Industriais do Interior de São Paulo

27 a 29 - Julho

Sertãozinho - SP - Brasil

Centro de Eventos Zanini / Pavilhão Fenasucro



Os melhores fornecedores produzindo bons negócios para a indústria

Realização e Promoção:

MULTIPLUS FEIRAS & EVENTOS

16 2132-8936
R. Conde Afonso Celso, 436
CEP 14025-040 - Ribeirão Preto - SP
www.mfe.com.br
multiplus@mfe.com.br

Apoio:

CEISE BR Centro Nacional das Indústrias do Setor Sucroalcooleiro e Energético

CIESP Sertãozinho

sistema ABIMAQ ABIMAQ SINDIMAQ IPDMAQ TRADEMAQ

SEBRAE SP

sp studio

A soja bate o amendoim

No interior paulista, o amendoim perde espaço para a soja nas áreas de renovação de canaviais



Boa parte da safra de soja vai migrar para a produção de biodiesel



Delcy Mac Cruz

A soja deve predominar como cultivo na reforma dos canaviais paulistas neste primeiro trimestre de 2010. CanaMix apurou junto a gerentes técnicos de fornecedores de insumos, cooperativas e especialistas de mercado de grãos que a preferência pela oleaginosa não está relacionada diretamente a ganhos financeiros.

Se depender das avaliações disponibilizadas em dezembro, as cotações da soja são desanimadoras. O Instituto de Economia Agrícola, da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, confirmou queda de 1,32% no preço pago ao produtor entre a primeira quadrissemana (sete a oito dias) de dezembro, em relação ao mesmo período de novembro.

Já o Indicador Esalq/Cepea, que levanta diariamente as cotações da saca de 60 kg de soja, também estava negativo: na medição de 17/12, a saca valia R$ 42,77, com queda de 0,3% no mês.

A queda nas cotações é explicada pelo ritmo lento das negociações em novembro, ante o mesmo período de anos anteriores. Segundo avaliação do Cepea, a lentidão está atrelada às incertezas quanto à oferta de soja nacional. Além disso, a menor necessidade dos produtores em "fazer caixa" nessa época (fim de ano) também limita a comercialização da soja para 2010.

Mas por que, então, definir a soja como principal cultura nas reformas ca-

Vai e vem das cotações

Unidade	1º/11/09	1º/12/09	Variação quadrissemanal (período de 7 a 8 dias)
Amendoim	saca 25 kg	26,39	-7,11%
Milho	saca 60 kg	17,18	-1,63%
Soja	saca 60 kg	43,54	-1,32%

Fonte: *Instituto de Economia Agrícola (IEA), da Secretaria estadual da Agricultura e Abastecimento de São Paulo*



navieiras? Por motivos mercadológicos e logísticos. No primeiro caso, porque mesmo com preços oscilantes, o grão oferece liquidez.

Além disso, o óleo da soja vai, em boa parte, migrar como matéria-prima de biodiesel, biocombustível que desde janeiro é adicionado na proporção de 5% ao óleo diesel, 1% acima da mistura até então vigente. Com isso, segundo Rodrigo Rodrigues, coordenador da Comissão Executiva Interministerial do Biodiesel, serão necessários 2,3 bilhões de litros.

O biodiesel, aliás, é considerado estratégico para sustentar os preços da soja, em queda no mercado internacional também pela redução das exportações.

Contratos – a logística, outro motivo pela definição da soja como cultivo em áreas canavieiras, é explicada porque a maioria dessas terras está atrelada a contratos feitos com fornecedores de insumos e de cooperativas que, por sua vez, operam com a oleaginosa.

Produtor de cana adere ao plantio direto

O plantio direto em área com palha de cana é a tendência entre os produtores associados da Canaoeste. A modalidade exige colheita crua da matéria-prima do etanol, mas ela tem-se tornado cada vez mais comum.

Em 2010, por força do Protocolo Ambiental, o corte sem emprego de fogo terá que representar 60% da produção dos canaviais paulistas.

Pelo processo de plantio direto, a cana brota e quando estiver em altura tecnicamente compatível – a medida depende da área cultivada –, é dissecada através da aplicação de glifosado.

Daí, planta-se soja sobre a palha, sem a necessidade de arranque do material de cana (que é dizimado pelo agroquímico) ou de gradeamento.

"Esse processo permite a proteção do solo, por conta da palha, e reduz a necessidade de operações", diz Gustavo Nogueira, gerente do Departamento Técnico da Canaoeste.

"No procedimento tradicional, geralmente são necessárias até cinco operações de gradagens, que exigem, por meio do uso de tratores, consumo de óleo diesel, o insumo que mais subiu de preço nos últimos dez anos", diz. "Em função disso, mesmo com os custos do glifosado, o plantio direto na área com palha vence".

O processo, conforme Nogueira, fecha a questão técnica (com o resultado do cultivo) e ambiental (evita maior emissão de poluentes do óleo diesel economizado com a redução de uso dos tratores). Após a colheita do grão, geralmente em março, entra-se subsolando, para quebrar a compactação do solo, e já sulca-se a planta da cana-de-açúcar.



Plantio de soja na palhada da cana

A Associação dos Plantadores de Cana do Oeste do Estado (Canaoeste) é um bom exemplo. Tem sede em Sertãozinho, SP, mas muitos de seus 2,5 mil produtores cooperados espalham-se pelo vasto território canavieiro paulista. Ocorre, assim, de eles trabalharem também com processadores do grão, que estão estrategicamente localizados mais próximos. Desta forma, o associado fornece a cana para as usinas e a oleaginosa vai para outros compradores.

Amendoim – no caso da Canaoeste, o amendoim tem espaço garantido como cultura entre os ciclos canavieiros porque a cooperativa possui programa específico sobre o grão.

"Principalmente na região próxima a Sertãozinho, o amendoim é o mais cultivado nessa época porque já há contratos de venda do alimento até no mercado externo", diz Gustavo Nogueira.

Independente se o plantio no período de reforma é o amendoim, soja, feijão, milho, sorgo ou adubação verde, o Estado de São Paulo, maior pólo canavieiro do País, possui, neste ano, pouco mais de 800 mil hectares de cana, ou seja, 20% do total cultivado no território paulista (4,1 milhões de hectares), destinados para reforma.

A dúvida, no caso, é se todos os 20% serão destinados para os plantios enquanto a cana sai após médios seis cortes. O questionamento se dá porque devido ao excesso de chuvas em 2009, mais cana deve ficar bisada para esse ano.

Em média, 5% dos canaviais ficam de pé, ou seja, 200 mil hectares. Mas estima-se que nesse ano o montante de bisagem deve chegar a 10%. Se isso ocorrer, haverá menos cultivo entre ciclos.



Arquivo Canaoeste

Gustavo Nogueira: contratos de venda do amendoim





Carminha Ruete de Oliveira

Um homem elegante

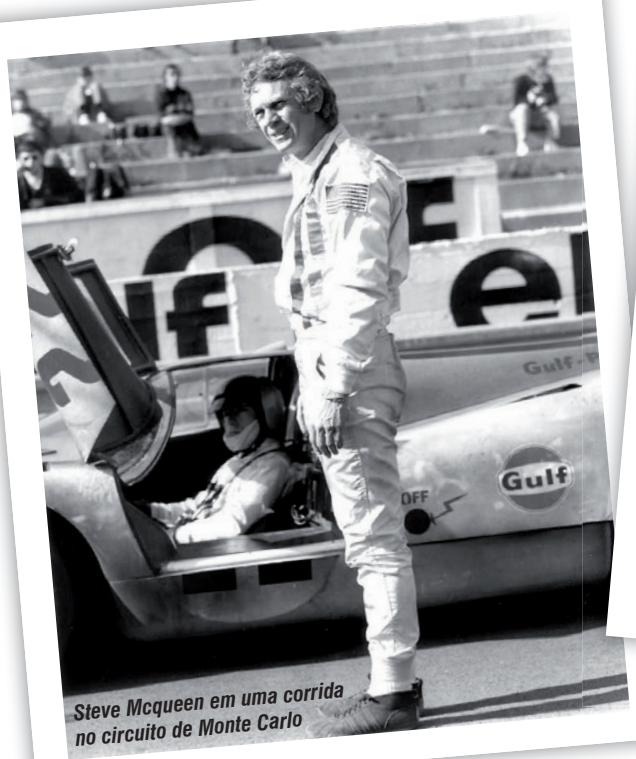
Revelamos um segredo que inspira estilistas a criarem roupas que deixam os homens mais charmosos

Aos queridos e elegantes leitores da minha coluna vou contar um dos segredos mais bem guardados por todos os estilistas que fazem roupa para homens elegantes.



Steve Mcqueen

Uma fonte de inspiração para eles é um artista da década de 60, chamado Steve Mcqueen. Além de astro hollywoodiano e ex-mariner era também apaixonado por corridas de carro e de motos, um superesportista.



Steve Mcqueen em uma corrida no circuito de Monte Carlo

Foi ele que na década de 60, transformou a roupa usada para esportes em roupa elegante, com tons mais sóbrios e neutros, também usava ternos bem sequinhos e o famoso trio jeans, camiseta e jaqueta de couro, e os óculos escuros passaram a fazer parte do visual, principalmente o "AVIADOR" com armação de tartaruga, usava também calças kakhi com camiseta pólo, Cardigans e sueters com gola em V, jaquetas impermeáveis em tons neutros.

Levei para minhas férias um Box de DVDs de Steve Mcqueen que além de bonito, elegante e charmoso, tinha um sex appeal muito masculino, o que aumentava mais ainda seu enorme charme e carisma.



No filme "The Thomas Crown Affair" (Crown, o Magnífico), no qual ele contracenava com Faye Dunnaway, onde ele faz o papel de um banqueiro que é também um charmoso ladrão, viciado em adrenalina, o astro está extremamente elegante e charmoso nesse filme.



Steve Mcqueen e Faye Dunnaway em Crown, o Magnífico

Livro – para quem deseja conferir o estilo desse astro, sugiro o livro: Steve Mcqueen por William Claxton, editora Taschen-2008, que o fotografou durante as filmagens, durante as corridas que participava e também em momentos de lazer.

Um livro lindo e gostoso de ser visto, mais do que lido, porque William Claxton era um grande fotógrafo.

Ilustramos a matéria como algumas fotos deste artista, um homem naturalmente tão elegante, que era chamado o Rei do Cool, vejam porque...

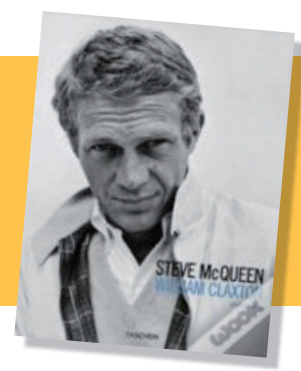




Deixo vocês com a trilha sonora deste filme que é "The windmills of your mind" e a elegância despojada, seu estilo de vida esportiva e seu charme tão atual que é uma fonte de inspiração para a moda hoje.

Queridos e elegantes leitores, mais um segredinho revelado.

Bjs,
Carminha



Livro: Steve McQueen de William Claxton
Edição/reimpressão: 2008
Páginas: 192
Editor: TASCHEN
ISBN: 9783836503921
Idioma: Italiano, Espanhol, Português
Valor: 9,99€
Onde comprar:
http://www.wook.pt/ficha/steve-mcqueen/a/id/219386

Estratégias para Cana no Brasil: Um Negócio Classe Mundial

Pesquisadores da USP lançam obra sobre as estratégias do setor sucroenergético no Brasil

Muitos sistemas agroindustriais recebem admiração, mas a cana é especial, pela sua história, o beneficio que trás para o Brasil, a liderança mundial e por ver o desenvolvimento das regiões produtoras. A competitividade do Brasil na produção de açúcar e etanol é ponto pacífico. Sua manutenção, contudo, depende de planejamento.

O professor titular da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP em Ribeirão Preto, Marcos Fava Neves, coordenador do grupo de pesquisa Markestrat (Centro de Pesquisa em Marketing e Estratégia), e seu pesquisador assistente, Marco Antonio Conejero, doutorando em Administração pela FEA/USP, conseguiram a partir das notas de aula da disciplina de graduação "Planejamento de Sistemas Agroindustriais Sustentáveis" sintetizar os desafios e oportunidades vivenciadas por essa complexa cadeia produtiva em um livro.



Dos rascunhos ao livro foram dois anos de muita pesquisa e dedicação, revisando os trabalhos de personalidades do setor como Roberto Rodrigues, Francisco Graziano Neto, Marcos S. Jank, Jacques Marcovitch, Jose Goldemberg, Carlos E.F. Vian, Marcia Azanha D. de Moraes, Isaías Macedo, Plínio Nastari, Luiz Carlos (Caio) Carvalho, Walter Belik, Decio Zylbersztajn, André Nassar, Suani Coelho, Luiz Fernando Paulillo, Pery Shikida, Heloisa Burnquist, Manoel Regis Lima Verde Leal, Andre Ricardo Alcarde, entre outros.

Além disso, procurou-se debater algumas ideias, a partir do trabalho dos autores em mais de 10 projetos no setor, visando os "caminhos para a cana". Elas vêm sendo divulgadas há tempos. Algumas já vêm sendo implementadas, seja pelas organizações existentes como a Unica, ou por Governo e outros.

O livro está organizado em 10 capítulos. Começa por falar da produção de cana, seus desafios (cap. 1), depois segue para explicar como se dão as transações mais importantes do setor, que são as de compra de cana (cap. 2). Na sequência, fala-se da indústria, seus movimentos, estratégias de crescimento e diversificação, internacionalização (cap. 3). Dedica alguns capítulos a falar dos negócios do açúcar (cap. 4), dos negócios internacionais do etanol (cap. 5), dos negócios nacionais do etanol (cap. 6), dos negócios da bioeletricidade (cap. 7), da agenda socioambiental da cana (cap. 8), da indústria do etanol nos EUA (cap.9). O capítulo 10 se ocupa de apresentar um plano estratégico ao setor de cana.

A obra traz prefácios do ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, do atual presidente da Unica, Marcos S. Jank, do atual secretário do meio am-

biente do Estado de São Paulo, Xico Graziano e do atual presidente da Copercana/CanaOeste, Manoel Ortolan. Além disso, tem o pós-facio escrito pela renomada professora da Esalq/USP e referência no setor, Márcia Azanha de Moraes.

Apoios – algumas organizações, como Basf (agroquímicos), Multiplus (empresa de eventos, organizadora da maior feira do setor, FENASUCRO), Zilor Energia e Alimentos (importante grupo do setor sucroenergético) e Copercitrus (importante cooperativa agrícola do Brasil), já garantiram uma tiragem mínima da 1º. edição. Com isso, 1700 unidades já foram vendidas antes mesmo do livro chegar às livrarias de todo o Brasil. O apoio institucional fica a FEARP/USP, FUNDACE, MARKESTRAT, PENSA, PAA-FAUBA (Argentina), PECEGE/ESALQ/USP.

Em síntese, o livro traz uma visão prática e objetiva da cadeia produtiva da cana-de-açúcar à luz de conceitos teóricos clássicos como agribusiness, sistemas agroindustriais, cadeia de suprimentos, canais de distribuição, ações coletivas, estratégia, planejamento e networks.

A proposta é que o esforço de planejamento do setor vise a sua sustentabilidade, para que o Brasil fique cada vez mais competitivo e numa confortável posição em suprimento energético para o mundo. Num momento onde o mundo precisa de água, de alimento, de energia, a cana, sem sombra de dúvida, é uma resposta principalmente brasileira, para ajudar a suprir estas necessidades.

O LIVRO

"Estratégias para Cana no Brasil: Um Negócio Classe Mundial"

Autores: Marcos Fava Neves e Marco Antonio Conejero

Editora: Atlas

Preço: R$ 51,00.

Compras corporativas podem ser feitas diretamente na Editora Atlas, com a Sra. Miriam S. F. Rodrigues, pelo Tel.: (16) 3977-6060 ou pelo email: vendas.rp@editora-atlas.com.br



Falando a língua do setor

Fornecedora de tubos, chapas e conexões em aços inoxidáveis, amplia seu fornecimento nas indústrias mais representativas do País, seja em materiais de reposição ou em projetos especiais



Arquivo Krominox

Nuria Queiroz, Sergio Noboro, Ana Paula e Mauricio (Titcho): equipe atenta

Jaqueline Stamato Taube

Na entressafra, período em que as usinas recompõem seus estoques, a Krominox Aços e Metais Ltda, empresa atuante em diversos segmentos da indústria nacional na distribuição de tubos, chapas e conexões em aço inoxidável, antecipa os seus trabalhos percorrendo as unidades produtoras, no intuito de colher informações sobre ampliações e reformas para preparar o seu estoque e, assim, atender a demanda dos seus clientes.

Fundada em 1996, a Krominox, sediada na grande São Paulo, sempre acreditou que o segmento sucroenergético merece uma atenção especial, tanto que há dois anos montou um escritório na cidade de Ribeirão Preto, com o objetivo de oferecer uma equipe com sotaque do interior, que fala a linguagem do setor e que atenda as necessidades do cliente muito antes da entressafra.

Os colaboradores Sérgio Noboro, Mauricio Vendrame (Titcho), Ana Paula e Nuria Queiroz, não medem esforços, nem tão pouco a distância, para atender seus clientes, sob a coordenação de Claudio Bombassei e Claudio Nicolai, da unidade São Bernardo do Campo. Contendo um estoque superior a duas mil toneladas de produtos, a empresa fabrica tubos com costura acima de 10 polegadas e fornece tubos para evaporadores, trocadores de calor, irrigação, condução e tubos estruturais nas mais diversas ligas de aço inoxidável, bem como a comercialização de válvulas pela coligada Knox Controle de Fluxos Ltda.

Atualmente, a Krominox atende de cerca de 280 usinas no País, sendo que cerca de 50% estão localizadas no interior de São Paulo. Está presente em vários eventos do setor como feiras e encontros de negócios, onde estreita as relações com clientes e amigos.

De acordo com o gerente de negócios, Claudio Bombassei, o desejo do diretor Marcos Ledo Arcello e da nossa equipe é nos tornarmos em breve a empresa número um em fornecimento de aço inoxidável para a indústria sucroernegética. “Para isso, não irá faltar empenho da nossa parte”, acredita.

Em breve, a empresa irá instalar na região de Ribeirão Preto uma nova unidade de distribuição com estoque de materiais específicos para o setor.

Contato: (11) 2126 0622
nuria@krominox.com.br
www.krominox.com.br

Syngenta desenvolverá tecnologia para elevação do teor de açúcares em cana

A Syngenta vai acelerar o desenvolvimento de uma tecnologia inovadora que eleva significativamente o teor de açúcares na cana. Esta nova tecnologia será baseada na pesquisa em biotecnologia da própria Syngenta combinada com a tecnologia SugarBoosterTM, que utiliza modificação genética para introduzir uma enzima na planta, ajudando a aumentar os teores de açúcares produzidos pela cana. A Syngenta assinou um acordo exclusivo de licenciamento de SugarBoosterTM com a CSR Sugar, uma empresa australiana produtora de açúcar e de energia renovável.

"A combinação do SugarBoosterTM com nosso próprio trabalho no campo de biotecnologia em cana acelerará nossos esforços no sentido de maximizar a quantidade de açúcares produzidos por hectare de cana. Com isso, ofereceremos ganhos de produtividade e benefícios econômicos aos nossos clientes, que buscam atender a crescente demanda por açúcar e etanol", disse Marco Bochi, diretor de Novas Tecnologias em Cana da Syngenta para a América Latina.

A Syngenta obteve uma licença global de direitos exclusivos ao SugarBoosterTM para uso em culturas das quais se extraem açúcares – exceto na Austrália. O acordo inclui pagamentos à CSR Sugar, inclusive de royalties na venda de produtos. Termos adicionais não foram divulgados.

A Syngenta tem mais de 40 projetos em diversos estágios de progresso, desenvolvidos com o objetivo de ampliar desempenho agronômico, controle de insetos e ervas daninhas e aumento da concentração de açúcares na cultura da cana. Em 2008, a empresa anunciou o desenvolvimento do Plene™. Por meio do plantio de gemas de cerca de quatro centímetros tratadas com produtos Syngenta, essa tecnologia trará reduções significativas nos custos de plantio por hectare, além de benefícios ambientais em função da menor compactação do solo.

Divulgação



Marco Bochi: biotecnologia maximizada

Cosan Combustíveis e Lubrificantes inaugura Terminal de Belém

A companhia pretende ampliar sua atuação na região norte e amazônica do País

A Cosan Combustíveis e Lubrificantes, detentora do uso das marcas Esso e Mobil no país, inaugurou a operação do Terminal Belém, PA, com o objetivo de atender um mercado importante para a companhia, que compreende a região local. O espaço possui atualmente três tanques em operação com capacidade de estocar cerca de 5.500 m³ de etanol. Os produtos são recebidos por navios (cabotagem) e depois armazenados nos respectivos tanques. Atualmente, a distribuição é realizada por meio de caminhões para toda a região do Pará. A iniciativa da companhia é ampliar o mercado de atuação com os Estados do Norte do país e toda região amazônica.

"Desde sua reinauguração no início de 2009 já recebemos dois navios-tanque, o que possibilitou uma operação de 12 milhões de litros de etanol. A companhia está atenta a novas oportunidades e irá investir ainda mais nesse mercado", explica Fábio Sant'Anna, coordenador de operações Brasil da Cosan. Em 2010, a Cosan irá reformar mais tanques de armazenagem e aumentar a capacidade de estocagem para ampliar ainda mais o mercado na região. A companhia pretende, ainda, capturar o benefício logístico da operação de cabotagem trazendo eficiência e competitividade para os clientes da região. "A companhia tem grande interesse em ampliar o mercado de etanol na região Norte e o porto de Belém – pelo seu posicionamento geográfico estratégico – é o ponto de entrada para o Etanol, com capilarização para outros mercados na região amazônica", comenta Luiz Renato Gobbo, diretor de operações da Cosan.

Biocana e Du Pont encerram atividades do Projeto Du Pont na Escola



Divulgação

Projeto Du Pont na escola: conscientização dos jovens

Dez trabalhos de alunos da Escola Estadual Nicola Mastrocola foram selecionados para a etapa final do Projeto Du Pont na Escola, desenvolvido pela Du Pont do Brasil. Pela primeira vez em Catanduva, a iniciativa contou com a parceria inédita da Biocana - Associação de Produtores de Açúcar, Álcool e Energia, através das usinas associadas. Sessenta e quatro crianças e adolescentes da 6ª série participaram do concurso de Redação & Desenho.

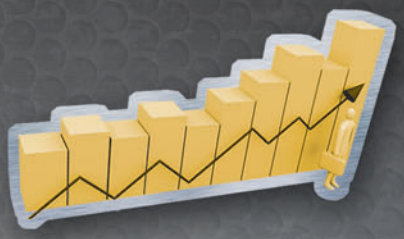
Saúde e segurança – O projeto Du Pont na Escola já está em seu quarto ano. Mais de três mil crianças de todas as regiões brasileiras já participaram. Em 2009, a redação teve como tema "Se eu fosse um agricultor" e o concurso de desenho abordou o tema "Minha propriedade rural seria assim". Os trabalhos foram elaborados após a apresentação de palestra e vídeo educativo.

De acordo com Rogério Sanches Contini, representante da Du Pont e coordenador das ações do Projeto na região, além de disseminar as boas práticas no campo, a iniciativa ajuda a conscientizar sobre questões ligadas à segurança dos trabalhadores. "Durante a palestra ministrada aos estudantes, explicamos sobre manejo no campo e o quanto é importante utilizar os equipamentos de proteção individual (EPI's) para proteger a saúde das pessoas e animais quando da utilização de defensivos agrícolas. Também alertamos sobre higienização e sobre a importância de uma boa alimentação", ressalta.

Para a Biocana, este projeto enfatiza a responsabilidade social das empresas associadas e da própria entidade para com a comunidade. "Nosso objetivo é despertar a consciência destes estudantes que futuramente podem se tornar empreendedores rurais, agricultores e, principalmente, cidadãos preparados para cuidar do meio ambiente. Outro ganho é o exercício da criatividade em sala de aula onde os alunos podem explorar o potencial artístico e de comunicação. São pequenas ações que fazem toda a diferença", ressalta a gerente executiva da entidade, Leila Alencar Monteiro de Souza.

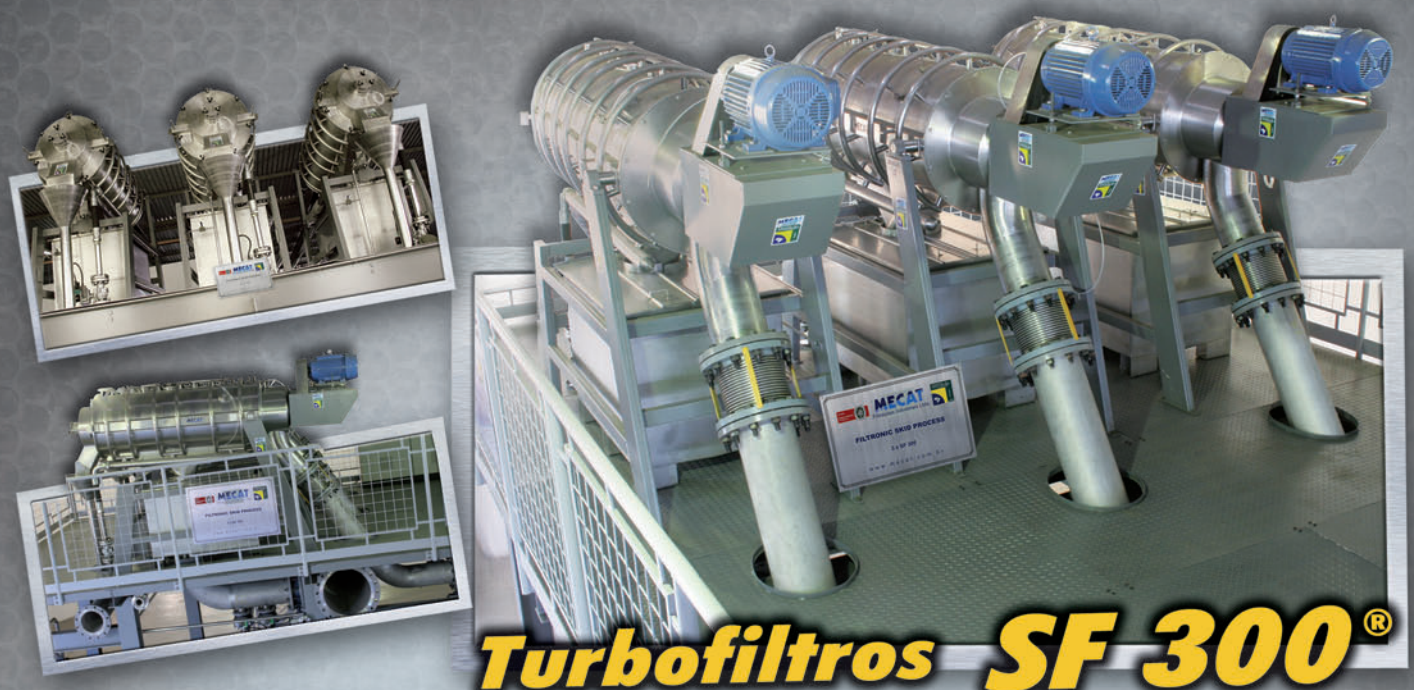
Premiação – A escola escolhida para aplicação do Projeto recebe um computador e os autores das 5 redações vencedoras e 5 desenhos selecionados serão premiados com bicicletas. Os demais participantes serão agraciados com medalhas e certificados de participação.

Turbo Filtração



PC&Baldan

Multiplique a eficiência na fabricação de açúcar e etanol: tratamento de caldo clarificado e xarope



Turbofiltros SF 300®

EFICIÊNCIA VOLUMÉTRICA

300 m³/h - 2 m² de superfície filtrante
NÃO HÁ REFLUXO

EFICIÊNCIA GRANULOMÉTRICA

9 µm OU 1500 MESH: Ø médio das micropartículas dos sólidos insolúveis no produto filtrado

ASSEPSIA

processo de separação dos sólidos insolúveis do líquido sem contato atmosférico

C.I.P (Cleanin Place) com H_2O + NaOH automático e programável



www.mecat.com.br 17 3343.4010 | 62 3503.1155

ISO 9001
BUREAU VERITAS Certification

MECAT
Filtrações Industriais Ltda.

Prêmio FINEP de Inovação Tecnológica 2004
Produto

PNEU FORTE

VULCANIZAÇÃO DE PNEUS AGRÍCOLAS E CARGAS

PC & Baldan



A Pneu Forte é especializada em vulcanizar cortes fora de padrão, e exclusiva em recuperar talão com garantia total.

Vulcanização

É um metodo que consiste em consertar as laterais dos pneus, quando o mesmo sofre algum tipo de impacto, ou seja: (corte ou bolha).

Escritório Central
Rua Heitor Chiarello, nº 850, sala 01
Jardim Iraja - Ribeirão Preto – SP
CEP: 14.020-520
Tel: 55 (16) 3289-6037

Indústria
Av. Galdêncio Brandimarte, nº 22
Jardim Brandimarte – Jaboticabal – SP
CEP: 14.871-660
Tel: 55 (16) 3202-8604

www.pneufortejaboticabal.com.br

comercial@pneufortejaboticabal.com.br